

Edith Nesbit

**Cinco
Crianças
e um
segredo**

TÃO BELOS QUANTO O DIA

A casa ficava a quase cinco quilômetros da estação, porém, antes mesmo que o empoeirado veículo alugado estivesse chacoalhando por cinco minutos, as crianças já começaram a colocar a cabeça para fora da janela da carruagem, dizendo:

– Está chegando?

E toda vez que passavam por uma casa, o que não ocorria com tanta frequência assim, perguntavam:

– Ah, é *esta* aqui?

Mas nunca era. Ao menos até antes de alcançarem o topo da colina, logo depois da pedreira de calcário e antes de chegar à mina. Então, viram uma casa branca com um jardim verde e um pomar mais atrás, e a mãe falou:

– Chegamos!

– Como a casa é branca – disse Robert.

– Vejam só as rosas – observou Anthea.

– E as ameixas – comentou Jane.

– Parece boa – admitiu Cyril.

O bebê disse:

– Quéio passιά.

E a carruagem parou com um último chacoalhão e solavanco.

Todo mundo teve suas pernas chutadas ou seus pés pisoteados na bagunça para sair da carruagem naquele minuto, mas ninguém pareceu se importar. A mãe, curiosamente, não estava com pressa para sair; e, mesmo descendo devagar, apoiando-se no degrau e sem saltar, pareceu desejar supervisionar o transporte das caixas para dentro, e até mesmo pagar o cocheiro, em vez de se juntar àquela primeira corrida gloriosa em volta do jardim, do pomar e da natureza espinhosa – cheia de cardos, rosas e amoras-pretas – depois do portão quebrado e da fonte seca na lateral da casa. Porém as crianças foram mais sábias, pelo menos desta vez. Não

era realmente uma casa muito bonita; era bem comum. A mãe achou isso um tanto inconveniente e ficou um pouco irritada por não haver prateleiras, por assim dizer, e mal haver um guarda-louça no lugar. O pai costumava dizer que os ornamentos de ferro no telhado e na cumeeira eram um pesadelo para um arquiteto. Mas a casa ficava muito no interior, sem qualquer outra casa à vista, e as crianças estiveram em Londres por dois anos, sem terem ido sequer uma vez à praia, mesmo que fosse por um dia pelo trem de excursão. Por isso a casa branca lhes pareceu um tipo de Palácio Encantado em um Paraíso Terrestre. Pois Londres é como uma prisão para crianças, especialmente se seus parentes não são ricos.

É claro que existem lojas e teatros, entretenimentos e outras coisas, mas, se sua família for um pouco pobre, ninguém vai te levar ao teatro, nem poderá comprar coisas das lojas. E em Londres não há nada daquelas coisas bacanas com as quais as crianças podem brincar sem estragar nada ou sem se machucar – tais como árvores, areia, bosques e água. E quase tudo em Londres tem o formato errado: linhas retas e ruas planas, em vez de serem de todos os tipos de formato estranho, como são as coisas no interior. As árvores são todas diferentes, você sabe, e tenho certeza de que alguém bem enfadonho deve ter te falado que não existem duas folhas de grama exatamente iguais. Mas nas ruas, onde as folhas de grama não crescem, todas as coisas são iguais. É por isso que muitas crianças que vivem em cidades são muito malcriadas. Elas não sabem qual é o problema, nem o sabem seus pais e suas mães, tias, tios, primos, tutores, governantas e babás; mas eu sei. E agora você também sabe. Crianças no interior também são malcriadas às vezes, mas por motivos bem diferentes.

As crianças tinham explorado os jardins e as dependências antes de serem chamadas e limpas para o chá, e viram muito bem que sem dúvida seriam felizes na casa branca. Foi o que pensaram a princípio, mas quando acharam os fundos da casa cobertos de jasmim, com suas flores brancas e o cheiro de um vidrinho do perfume mais caro que já foi dado como presente de aniversário; quando viram o gramado, verde e macio, muito diferente do

gramado marrom nos jardins de Camden Town; quando encontraram o estábulo com um sótão e um feno velho sobrando ali, tiveram quase certeza; e quando Robert encontrara o balanço quebrado, caíra dele e ficara com um galo na cabeça do tamanho de um ovo, e Cyril prendera o dedo na porta de uma gaiola que parecia feita para manter coelhos, se você sabe como é uma, não tiveram mais qualquer dúvida.

A melhor parte era que não havia regras proibindo de ir a lugares ou de fazer coisas. Em Londres, quase tudo estava rotulado com “Proibido tocar” e, embora o rótulo seja invisível, é tão ruim quanto, porque você sabe que ele existe e, se não souber, não demora a ficar sabendo.

A casa branca ficava na beira de uma colina, com um bosque atrás – e a pedreira de calcário de um lado e a mina de outro. No pé da colina havia uma planície, com edificações brancas de formatos estranhos, onde as pessoas queimavam cal, e uma grande cervejaria vermelha e outras casas; e, quando as enormes chaminés estavam fumegando e o Sol se punha, o vale parecia ser tomado por uma névoa dourada, e os fornos de cal e as casas de secagem de lúpulo brilhavam e cintilavam até parecerem uma cidade encantada de *As mil e uma noites*.

Agora que comecei a te descrever o lugar, sinto que poderia continuar e transformar esta em uma história muito interessante sobre todas as coisas comuns que as crianças faziam – bem o tipo de coisa que você faz, sabe –, e você acreditaria em cada palavra minha; e quando eu contasse como as crianças estavam sendo cansativas, suas tias talvez escrevessem com um lápis nas margens do livro “Verdade!” ou “Igualzinho à vida real!”, e você provavelmente ficaria bem irritado quando visse isso. Então eu só vou te contar as coisas surpreendentes que aconteceram, e você poderá deixar o livro por aí sem perigo algum, pois não corre o risco de nenhuma tia nem tio escreverem “Verdade” no canto da história. Adultos acham bem difícil de acreditar em coisas maravilhosas, a não ser que tenham o que chamam de prova. Mas crianças acreditam em quase qualquer coisa, e adultos sabem disso. É por

isso que as pessoas te contam que a Terra é redonda como uma laranja, quando você vê perfeitamente bem que ela é plana e cheia de calombos; e é por isso que as pessoas te dizem que a Terra gira ao redor do Sol, quando você consegue ver em qualquer dia que o Sol se levanta pela manhã e vai para a cama à noite, bonzinho e obediente, e que a Terra sabe o seu lugar e fica quieta igual a um rato. Ainda assim, arrisco a dizer que você acredita em tudo isso da Terra e do Sol, e, nesse caso, acho que vai ser bem fácil para você acreditar que, antes de Anthea e Cyril terem completado uma semana no interior, eles encontraram um duende. Ao menos foi assim que eles chamaram a coisa, porque foi assim que a coisa chamou a si mesma; e é claro que a coisa sabia o que era, embora não fosse nem um pouco parecida com qualquer ser encantado que você já tenha visto ou sobre o qual tenha ouvido falar ou lido a respeito.

Foi nas minas. O pai tinha saído em uma súbita viagem de negócios, e a mãe tinha ido ficar com a vovó, que não estava se sentindo muito bem. Os dois partiram muito apressados, e depois a casa pareceu terrivelmente silenciosa e vazia, e as crianças vaguearam de um quarto a outro e buscaram no chão pedaços de papéis e de barbantes, restos da arrumação das malas que ainda não haviam sido limpos, e desejaram ter algo para fazer. Foi Cyril quem disse:

– Que tal pegarmos as nossas pás para cavoucar nas minas? Podemos fingir que estamos na praia.

– O papai disse que lá foi praia um dia – falou Anthea. – Ele disse que existem conchas que têm milhares de anos.

Eles foram. É claro que já tinham ficado na beirada da mina para olhar, mas não haviam descido dentro dela com receio de o pai dizer que eles não podiam brincar lá; o mesmo aconteceu com a pedreira de calcário. A mina não é realmente perigosa se você, em vez de tentar descer pelas beiradas, for pelo caminho mais lento e seguro pela estrada, como faria se estivesse numa carroça.

Cada uma das crianças levou a própria pá, e elas se revezaram carregando o Cordeirinho. Ele era o bebê, e os irmãos o chamavam

assim porque a primeira palavra que ele disse foi “Bé”. As crianças chamavam Anthea de Pantera, o que parece bobo lendo assim, mas ao falar em voz alta o som é bem parecido com o nome dela.

A mina é bem grande e ampla, com grama crescendo no topo das beiradas, além de flores secas silvestres, roxas e amarelas. É como o lavabo de um gigante. E há montes de cascalho e buracos nas laterais da pia, de onde o cascalho foi retirado, e no alto das beiradas íngremes há pequenos buracos que são as portinholas das casinhas das andorinhas-do-barranco.

As crianças fizeram um castelo, é claro, mas construir castelos de areia é uma brincadeira meio sem graça quando não existe a chance de uma onda chegar e encher o fosso e destruir a ponte levadiça e – o que seria a alegria final – molhar todo mundo pelo menos até a cintura.

Cyril queria cavar uma caverna para brincar de se esconder, mas os outros pensaram que talvez acabassem enterrados vivos. Então se decidiu que todas as pás trabalhariam na escavação de um buraco através do castelo até a Austrália. Essas crianças, veja só, acreditavam que o mundo era redondo e que do outro lado meninos e meninas australianos estavam realmente andando de ponta-cabeça, como moscas no teto, com as cabeças penduradas no ar.

As crianças cavaram e cavaram e cavaram, e suas mãos ficaram ásperas, quentes e vermelhas, e seus rostos ficaram suados e brilhantes. O Cordeirinho tinha tentado comer areia e havia chorado tão forte ao descobrir que, ao contrário do que imaginara, não era açúcar mascavo. Então se cansara e agora estava dormindo em um montinho quente e fofo no meio do castelo inacabado. Isso liberou os irmãos e as irmãs para trabalhar duro, e o buraco que daria na Austrália logo ficou tão fundo que Jane, cujo apelido era Gatinha, implorou para que parassem.

– Se o fundo do buraco cedesse de repente – disse ela – e vocês caíssem em meio a pequenos australianos, toda a areia iria entrar nos olhos deles.

– É verdade – disse Robert. – E eles iriam odiar a gente, jogariam pedras na gente e não nos deixariam ver os cangurus, os gambás,

os eucaliptos, os emus, nem nada.

Cyril e Anthea sabiam que a Austrália não era tão perto assim, mas concordaram em parar de usar as pás e seguir cavando com as mãos. Foi bem fácil porque a areia no fundo do buraco era muito macia, fina e seca, como a areia da praia. E havia conchinhas ali.

– Imaginem só que tudo isso já foi mar, com areia molhada e brilhante – disse Jane –, com peixes e enguias, e corais e sereias.

– E mastros de navios e destroços de tesouros espanhóis. Queria poder encontrar um dobrão de ouro ou algo do tipo – disse Cyril.

– Como o mar foi levado embora? – perguntou Robert.

– Não foi com um balde, seu bobo – respondeu o irmão. – O papai disse que a Terra ficou quente demais, como você às vezes fica na cama. Então ela só ergueu o corpo e o mar teve que escorregar, como acontece com as cobertas quando levantamos, e o ombro ficou para fora e se tornou uma terra seca. Vamos procurar conchinhas; acho que tem naquela caverna ali, estou vendo alguma coisa saindo dela, algo parecido com a ponta de uma âncora de um navio naufragado, e está um calor infernal no buraco australiano.

Os outros concordaram, mas Anthea continuou cavando. Ela sempre gostou de terminar o que tivesse começado. Sentia que seria uma pena abandonar o buraco sem ter chegado até a Austrália.

A caverna foi decepcionante, porque não havia conchinhas nela, e a âncora do navio naufragado era, na verdade, a ponta quebrada de uma picareta. O grupo da caverna estava achando que mexer com areia dá mais sede quando não é na praia, e alguém sugeriu de irem para casa tomar limonada, quando Anthea gritou de repente:

– Cyril! Venha aqui! Ah, rápido! Está vivo! Ele vai fugir! Rápido!

Todos correram até ela.

– É um rato, não é de admirar – observou Robert. – O papai diz que eles infestam lugares velhos... e aqui deve ser bem velho se havia um mar milhares de anos atrás.

– Pode ser uma cobra – disse Jane, estremeando.

– Vamos olhar – falou Cyril, pulando no buraco. – Eu não tenho medo de cobras. Gosto delas. Se for uma cobra, vou domá-la, e ela vai me seguir para todos os lugares, e eu vou deixá-la dormir enrolada no meu pescoço à noite.

– Não vai, não – disse Robert com firmeza. Ele compartilhava o quarto com Cyril. – Mas, se for um rato, tudo bem.

– Ah, não seja bobo! – disse Anthea. – Não é um rato, é alguma coisa *muito* maior. E não é uma cobra. Ele tem pés, eu vi. E pelos! Não... com a pá, não. Você vai machucá-lo! Cave com as mãos.

– E deixar que *ele me* machuque?! Isso é bem provável, não é? – retrucou Cyril, alcançando uma pá.

– Ah, não! – disse Anthea. – Esquilo, *não*. Eu... parece besteira, mas ele falou alguma coisa. Falou mesmo, de verdade.

– O quê?

– Ele falou: “Você, me deixe em paz”.

Mas Cyril apenas observou que a irmã devia ter perdido um parafuso da cabeça, e ele e Robert cavaram com pás enquanto Anthea esperou sentada na beirada do buraco, dando pulinhos de calor e ansiedade. Eles cavaram com cuidado, e logo todos puderam ver que havia mesmo algo se movendo no fundo do buraco australiano.

Então Anthea gritou:

– *Eu* não tenho medo. Me deixem cavar.

Caiu de joelhos e começou a cavoucar igual a um cachorro que de repente se lembra do lugar onde enterrou seu osso.

– Ah, eu senti algo peludo – gritou ela, meio rindo e meio chorando. – Senti mesmo! Senti!

De repente, uma voz seca e rouca veio da areia e fez todos darem um pulo para trás, e o coração das crianças pulou quase tão rápido quanto elas.

– Me deixem em paz – disse a coisa.

Agora, todos ouviram a voz e olharam uns para os outros para verificar se tinham ouvido também.

– Mas nós queremos ver você – disse Robert, com bravura.

– Desejo que saia daí – disse Anthea, reunindo coragem.

– Ah, bem... se é isso o que você deseja – respondeu a voz, e a areia se agitou, girou e se espalhou, e uma coisa marrom, peluda e gorda veio rolando e parou no buraco. A areia caiu da coisa, que ficou bocejando e esfregando o canto dos olhos com as mãos. – Acho que eu caí no sono – explicou a coisa, espreguiçando-se.

As crianças ficaram paradas em um círculo, olhando para a criatura que tinham encontrado. Era algo que valia a pena olhar. Seus olhos ficavam na ponta de chifres compridos, como os olhos de um caracol, e a coisa os mexia para dentro e para fora como se fossem telescópios; suas orelhas eram como as de um morcego, e o seu corpo atarracado tinha o formato do corpo de uma aranha e era coberto por uma pelugem macia e espessa; suas pernas e braços também eram peludos, e a coisa tinha mãos e pés iguais aos de um macaco.

– Mas que raios é isso? – perguntou Jane. – Será que devemos levar para casa?

A criatura virou seus olhos compridos para ela e disse:

– Ela sempre fala bobagens ou é essa esquisitice em sua cabeça que a deixa boba? – ao falar, ficou olhando com desprezo para o chapéu de Jane.

– Ela não tem intenção de ser boba – respondeu Anthea gentilmente. – Nenhum de nós tem, apesar do que você imagina! Não se assuste, não queremos te machucar, viu.

– *Me machucar?* – disse a criatura. – *Eu*, com medo? Onde já se viu? Vocês falam como se eu fosse um qualquer.

Seu pelo se eriçou como o de um gato quando vai entrar numa briga.

– Bem – disse Anthea ainda gentilmente –, talvez se soubéssemos quem você é, poderíamos pensar em algo para dizer que não o deixasse tão irritado. Tudo o que falamos até agora parece o ter irritado. Quem é você? E não fique bravo! Nós não sabemos mesmo!

– Vocês não sabem? – a criatura disse. – Bem, o mundo mudou mesmo... mas... bem, realmente... Você está falando sério quando não reconhece um psamíde quando vê um?

– Um psamíde? É grego?

– É o que todo mundo pensa – retrucou rispidamente a criatura. – Bem, para explicar de um jeito simples, sou um *duende da areia*. Você não reconhece um duende da areia quando vê um?

Ele parecia tão triste e magoado que Jane se apressou em dizer:

– É claro que agora eu reconheço. Fica bem evidente depois que se dá uma boa olhada em você.

– Você deu uma boa olhada em mim várias frases atrás. – A criatura, zangada, começou a se enfiar de novo na areia.

– Ah, não vá embora de novo! Vamos conversar mais – pediu Robert. – Eu não sabia que você era um duende da areia, mas soube assim que olhei para você que era a coisa mais incrível que já vi.

O duende da areia pareceu um pouquinho menos descontente depois disso.

– Não me importo de conversar – disse –, desde que vocês sejam razoavelmente civilizados. Mas não vou ficar conversando só por educação. Se falarem com gentileza comigo, talvez eu responda, talvez não. Agora digam alguma coisa.

É claro que ninguém conseguiu pensar em nada para dizer, mas por fim Robert pensou em “Desde quando você mora aqui?”, e se apressou em fazer a pergunta.

– Ah, desde sempre... vários milênios – respondeu o psamíde.

– Conte tudo para a gente. Conte.

– Está tudo nos livros.

– Você não está! – disse Jane. – Ah, conte para a gente tudo o que puder sobre você! Não sabemos nada sobre você, e você é tão legal.

O duende da areia alisou os bigodinhos compridos, parecidos com os de um rato, e sorriu por entre os fios.

– Por favor, conte! – pediram todas as crianças.

É incrível quão rápido a gente se acostuma com as coisas, mesmo as mais impressionantes. Cinco minutos antes, as crianças, assim como você, não tinham a menor ideia de que existia algo como o duende da areia no mundo, e agora estavam conversando com um como se o conhecessem a vida inteira. A criatura virou os olhos para dentro e disse:

– Quanto sol... bem como nos velhos tempos. Onde vocês pegam seus megatérios hoje em dia?

– Quê? – questionaram todas as crianças ao mesmo tempo. É bem difícil sempre se lembrar de que não é educado falar “quê”, especialmente em momentos de surpresa e agitação.

– Tem muitos pterodátalos atualmente? – prosseguiu o duende da areia.

As crianças não souberam responder.

– O que vocês comem no café da manhã? – disse o duende, impaciente. – E quem fornece para vocês?

– Ovos e bacon, e pão e leite, e mingau e outras coisas. A mamãe faz para gente. O que são mega-sei-lá-o-quê e ptero-não-sei-o-nome? E alguém come isso no café da manhã?

– Ora, quase todo mundo comia pterodátalos no café da manhã na minha época! Pterodátalos eram um pouco parecidos com crocodilos e um pouco parecidos com pássaros... Acho que ficava bom grelhado. Vejam, era mais ou menos assim: é claro que havia muitos duendes da areia antigamente. E de manhã as pessoas saíam em busca deles, e, ao encontrar um, o duende realizava um desejo. As pessoas costumavam mandar os meninos para a praia pela manhã, cedinho, antes do café da manhã para conseguir o desejo do dia, e com frequência solicitavam que o menino mais velho da família pedisse um megatério, já despedaçado, pronto para cozinhar. Era tão grande quanto um elefante, vejam vocês, então havia uma boa porção de carne. Se queriam peixe, pediam o ictiossauro: medindo entre seis e doze metros, tinha bastante dele. E para aves havia o plesiossauro; tinha bom rendimento também. Então, as outras crianças podiam pedir outras coisas. Mas, quando as pessoas organizavam banquetes, era quase sempre megatério; e

ictiossauro, porque suas barbatanas eram iguarias e dava para fazer sopa com sua cauda.

– Devia sobrar bastante carne para servir fria depois – comentou Anthea, que pretendia ser uma boa dona de casa um dia.

– Ah, não – disse o psamíde. – Não daria certo. Ora, é claro que, ao entardecer, o que sobrava virava pedra. Dá para encontrar os ossos dos megatérios e dos outros por todo lado mesmo hoje em dia, me disseram.

– Quem te disse? – perguntou Cyril, mas o duende da areia franziu o cenho e começou a cavar muito rápido com as mãos peludas.

– Ah, não vá! – gritaram todos. – Conte mais sobre quando os megatérios eram o café da manhã! O mundo dessa época parecia com o de agora?

A coisa parou de cavar.

– Nem um pouco – respondeu. – Era quase tudo areia onde eu vivia, e o carvão crescia nas árvores, e as pervincas eram tão grandes quanto as bandejas de chá de hoje em dia; agora viraram pedra. Nós, duendes da areia, costumávamos viver na praia, e as crianças costumavam vir com suas pás e seus baldinhos e faziam castelos para a gente morar. Isso foi há milhares de anos, mas ouvi dizer que as crianças ainda fazem castelos de areia. É difícil romper um hábito.

– Por que vocês pararam de viver nos castelos? – perguntou Robert.

– É uma história triste – disse o psamíde, melancólico. – Foi porque as crianças construíam fossos para os castelos, então vinha o danado do mar, molhado e borbulhante, e é claro que, quando um duende da areia se molhava, ficava gripado, depois geralmente morria. Assim começou a existir cada vez menos duendes, e, sempre que alguém achava um e fazia um desejo, costumava pedir um megatério e comia duas vezes mais do que queria, porque podia levar semanas até conseguir outro desejo.

– E você ficou molhado? – quis saber Robert.

O duende da areia deu de ombros.

– Só uma vez – disse. – A pontinha do décimo segundo fio do meu bigode superior esquerdo. Ainda sinto o lugar quando o clima está úmido. Foi só uma vez, mas foi mais que suficiente para mim. Fui embora assim que o sol secou meu pobre bigodinho querido. Me afastei correndo do mar e cavei fundo uma casa em areia morna e seca, e ali estou desde então. O mar mudou sua localização depois. E agora não vou contar mais nada.

– Só mais uma coisa, por favor – disseram as crianças. – Você pode realizar desejos agora?

– É claro – respondeu a criatura. – Eu não realizei o seu há alguns minutos? Você disse “Desejo que saia daí”, e eu realizei.

– Ah, por favor, não poderíamos fazer outro pedido?

– Sim, mas sejam rápidos. Estou cansado de vocês.

Arrisco a dizer que você já pensou muitas vezes no que faria se lhe concedessem três desejos, e que desprezou personagens de histórias que não fizeram bom proveito, e que tem certeza de que, se tivesse a chance, poderia pensar em três desejos realmente úteis sem hesitar. Essas crianças tinham conversado muitas vezes sobre o assunto, mas, agora, a chance lhes tinha chegado tão de repente que elas não conseguiam se decidir.

– Rápido – disse o duende da areia, mal-humorado.

Ninguém conseguiu pensar em nada, só Anthea se lembrou de um desejo particular dela e de Jane que nunca haviam contado aos meninos. Ela sabia que os meninos não se importariam, mas ainda assim era melhor que nada.

– Eu desejo que nós sejamos tão belos quanto o dia – falou apressadamente.

As crianças se entreolharam, mas cada uma viu que as outras não estavam mais bonitas que o normal. O psamíde esticou os olhos longos e parecia estar prendendo o fôlego e inchando até ficar duas vezes mais gordo e mais peludo.

De repente, soltou o ar com um grande suspiro.

– Receio de verdade que não consigo fazer isso – disse em tom de desculpa. – Devo estar enferrujado.

As crianças ficaram bastante frustradas.

– Ah, tente de novo! – pediram.

– Bem – disse o duende da areia –, a questão é que eu estava reservando forças para poder realizar um desejo para cada um de vocês. Se ficarem satisfeitos em compartilhar um desejo por dia, arrisco a dizer que consigo dar um jeito. Concordam com essa proposta?

– Sim, ah, sim! – disseram Jane e Anthea.

Os meninos assentiram. Eles não acreditavam que o duende da areia seria capaz. É sempre bem mais fácil fazer as meninas acreditarem em algo do que os meninos.

A coisa esticou ainda mais os olhos e inchou, inchou, inchou.

– Espero que ele não se machuque – observou Anthea.

– Nem rache a pele – disse Robert, ansioso.

Todos ficaram muito aliviados quando o duende da areia, depois de ficar tão grande a ponto de quase preencher o buraco na areia, de repente soltou a respiração e voltou ao seu tamanho normal.

– Tudo bem – disse a criatura, respirando pesado. – Amanhã será mais fácil.

– Doeu muito? – perguntou Anthea.

– Só o meu bigodinho, obrigada – disse a coisa. – Você é uma criança bondosa e atenciosa. Bom dia.

Cavou súbita e intensamente com as mãos e os pés, e desapareceu na areia. Então as crianças se entreolharam, e cada uma delas de repente se viu sozinha com três completos estranhos, todos de uma beleza radiante.

Ficaram imóveis por um tempo em total silêncio. Cada um pensou que os irmãos e as irmãs tinham se afastado, e que estas crianças estranhas haviam se aproximado sem se fazerem notar, enquanto eles observavam a forma inchada do duende da areia. Anthea foi a primeira a falar.

– Com licença – disse ela muito educadamente a Jane, que agora tinha olhos azuis enormes e uma nuvem de cabelos ruivos. – Por acaso viu dois meninos e uma menina nas proximidades?

– Eu ia te perguntar isso agora mesmo – falou Jane.

Cyril exclamou:

– Ora, é *ocê!* Eu conheço esse buraco no seu avental! Você é a Jane, não é? E você é a Pantera; consigo ver seu lenço sujo, que você esqueceu de trocar depois que cortou o dedão! Caramba! O desejo foi realizado, no fim das contas. Digam, estou tão belo quanto vocês?

– Se você é o Cyril, eu preferia muito mais como você era antes – afirmou Anthea, decidida. – Você está parecido com a imagem do jovem corista, com esse cabelo loiro; vai morrer jovem, não me admira nada. E se aquele é o Robert, ele parece um tocador de realejo italiano. Seu cabelo é todo preto.

– Vocês duas parecem cartões de Natal, então... É isso, cartões bobos de Natal – esbravejou Robert. – E o cabelo de Jane parece cenoura de tão laranja.

Era de fato aquela tonalidade veneziana tão admirada pelos artistas.

– Bem, não tem sentido ficar achando defeito uns nos outros – falou Anthea. – Vamos pegar o Cordeirinho e levá-lo para casa, para almoçar. Os criados vão nos admirar demais, vocês vão ver.

O bebê estava acordando quando chegaram até ele, e todas as crianças ficaram aliviadas de ver que ao menos ele não estava tão belo quanto o dia, mas igual ao que sempre fora.

– Acho que ele é novinho demais para ter desejos naturalmente – comentou Jane. – Teremos de mencioná-lo em especial na próxima vez.

Anthea correu na direção dele com os braços estendidos.

– Venha com a Pantera, docinho – falou.

O bebê a olhou de modo reprovador e enfiou um dedão rosado coberto de areia na boca. Anthea era a irmã favorita dele.

– Venha – chamou ela.

– Sai! – disse o bebê.

– Vem com sua Gatinha – falou Jane.

– Quéo minha Panteia – disse o bebê com tristeza, e seu lábio tremeu.

– Aqui, vem, Veterano – tentou Robert. – Vem andar nas costas do Róbi.

– lá, menino feio, feio – uivou o bebê, perdendo o controle.

Então as crianças entenderam o pior. *O bebê não os reconhecia!*

Eles se entreolharam desesperados, e foi terrível para todos, nesta terrível emergência, encontrar somente os belos olhos de desconhecidos, em vez dos olhinhos felizes, amigáveis, comuns, cintilantes e divertidos dos próprios irmãos e irmãs.

– Isso é realmente muito horrível – disse Cyril depois de ter tentado pegar no colo o Cordeirinho, que o arranhou como se fosse um gato e berrou como se fosse um touro. – Precisamos *ficar amigos* dele! Não consigo carregá-lo até em casa com ele gritando desse jeito. Imagine só ter que fazer amizade com seu próprio bebê! É muito bobo!

Contudo, isso era exatamente o que precisavam fazer. Levou mais de uma hora, e a tarefa não foi nem um pouco fácil, porque o Cordeirinho, a esta altura, ficou faminto como um leão e sedento como se estivesse em um deserto.

Por fim, ele permitiu que esses estranhos se alternassem para carregá-lo até em casa, mas como se recusou a se relacionar com esses novos conhecidos largou todo o peso do corpo e foi muito exaustivo.

– Graças aos céus, chegamos! – exclamou Jane, cambaleando pelo portão de ferro e indo até Martha, a babá, que estava na porta da frente protegendo os olhos com a mão e olhando ansiosamente.

– Aqui! Pegue o bebê!

Martha tomou o bebê dos braços da menina.

– Brigada, pelo menos *e/e* tá salvo – comentou a mulher. – Cadê os outros, e, pelo amor, quem são todos vocês?

– Nós somos *nós*, é claro – disse Robert.

– E quem são *nós*, quando vocês estão em suas casas? – perguntou Martha, de maneira desdenhosa.

– Repito que somos *nós*, só que estamos tão belos quanto o dia – explicou Cyril. – Eu sou o Cyril, e estes são os outros, e estamos com muita fome. Deixe-nos entrar, e não seja uma tola.

Martha apenas se impacientou com a impertinência de Cyril e tentou fechar a porta na cara dele.

– Sei que *parecemos* diferentes, mas eu sou a Anthea, e estamos muito cansados, e passou muito da hora do almoço.

– Então vão para suas casas almoçar, quem quer que vocês sejam. E, se as nossas crianças inventaram de vocês fazerem essa atuação, podem lhes dizer em meu nome que eles vão levar uma bronca, assim eles já sabem o que esperar! – dito isso, bateu a porta.

Cyril tocou a campainha agressivamente. Sem resposta. Não demorou e a cozinheira pôs a cabeça pela janela do quarto e falou:

– Se vocês não zarparem, junto com esse grande batoteiro, eu vou chamar a polícia. – E ela fechou a janela com um baque.

– Não adianta – disse Anthea. – Ah, saia daí antes que sejamos presos!

Os meninos disseram que era bobagem, que a lei da Inglaterra não podia prender ninguém por ser tão belo quanto o dia, mas mesmo assim seguiram os outros pela alameda.

– Voltaremos a ser nós mesmos depois do pôr do sol, eu suponho – observou Jane.

– Não sei – disse Cyril, com tristeza. – Talvez não seja assim hoje em dia... As coisas mudaram bastante desde a era dos megatérios.

– Ah – lamentou Anthea, de repente –, talvez nos transformemos em pedra ao pôr do sol, como acontecia com os megatérios, para não ter nenhum restinho da gente no dia seguinte.

Ela começou a chorar, assim como Jane. Até os meninos empalideceram. Ninguém teve coragem de dizer nada.

Foi uma tarde horrível. Não havia nenhuma casa por perto onde pudessem pedir um pedaço de pão ou mesmo um copo de água. Eles ficaram com receio de ir até o vilarejo, porque tinham visto Martha seguir por esse caminho com uma cesta, e havia um policial

local. É verdade que estavam tão belos quanto o dia, mas isso é um benefício irrisório quando se está tão faminto quanto um caçador e tão sedento quanto uma esponja.

Tentaram três vezes, em vão, fazer com que os criados da casa branca os deixassem entrar e escutassem sua história. Então Robert foi até lá sozinho, na esperança de conseguir entrar por uma das janelas da parte de trás da casa e depois abrir a porta para os outros. Porém, todas as janelas estavam fora do alcance, e, de uma janela lá de cima, Martha esvaziou um penico cheio de água gelada em cima dele e disse:

– Vá embora, seu macaquinho carcamano travesso.

Enfim, acabaram sentando-se um ao lado do outro em fila sob a sebe, com os pés em uma vala seca, à espera do pôr do sol, imaginando se, quando o Sol se pusesse, eles se transformariam em pedra ou apenas voltariam à sua velha forma natural. Para completar, cada um deles ainda se sentia sozinho e em meio a estranhos, e tentava não olhar para os outros, pois, embora suas vozes não tivessem mudado, seus rostos eram tão radiantes e belos que chegava a ser irritante de olhar.

– Eu não acho que *viraremos* pedra – disse Robert, rompendo um silêncio longo e triste. – Porque o duende da areia disse que nos daria outro desejo amanhã, o que não seria possível se fôssemos pedra, certo?

Os outros responderam “certo”, mas não estavam nem um pouco consolados.

Mais um silêncio, ainda mais longo e mais triste, foi rompido por Cyril, que de repente falou:

– Não quero assustar vocês, meninas, mas acho que já está ocorrendo comigo. Meu pé está bem dormente. Estou virando pedra, sei que estou, e vocês também vão em um minuto.

– Não faz mal – disse Robert, gentil. – Talvez você seja o único a virar pedra, e nós fiquemos bem, e vamos cuidar da sua estátua e pendurar guirlandas nela.

Quando, porém, ficou claro que o pé de Cyril só tinha ficado dormente porque ele havia ficado sentado por tempo demais em cima dele, e quando o menino sentiu várias pontadas agoniantes enquanto retomava a sensibilidade, os outros ficaram irritados.

– Nos deixou assustados desse jeito por nada! – reclamou Anthea.

O terceiro silêncio, o mais triste deles, foi rompido por Jane. Ela disse:

– Se *der certo* e a gente sair dessa sem problemas, vamos pedir ao psamíde para fazer com que os criados nunca percebam nada de diferente, não importa o nosso desejo.

Os outros somente resmungaram. Estavam infelizes demais até mesmo para tomar boas resoluções.

Por fim, a fome, o temor, a irritação e o cansaço – quatro sensações bem desagradáveis – se uniram para produzir uma coisa boa: o sono. As crianças se deitaram e cochilaram enfileiradas, com seus belos olhos fechados e suas belas bocas abertas.

Anthea acordou primeiro. O Sol estava se pondo, com o crepúsculo surgindo. Ela se beliscou bem forte, para ter certeza, e quando continuou sentindo o beliscão decidiu que não tinha virado pedra, então foi beliscar os outros. Eles também estavam macios.

– Acordem – chamou ela, quase chorando de alegria. – Está tudo bem, não viramos pedra. E, ah, Cyril, você parece tão bem e feio, com suas antigas sardas e seu cabelo castanho e seus olhinhos. E vocês também! – acrescentou ela, a fim de que não ficassem com ciúme.

Quando chegaram à casa, levaram uma bronca e tanto da Martha, que lhes contou sobre as estranhas crianças.

– Um grupo bonito, é verdade, mas muito mal-educado.

– Eu sei – disse Robert, que sabia, por experiência própria, quão impossível era tentar explicar as coisas a Martha.

– E onde raios vocês estavam esse tempo todo, seus pestinhas?

– Na alameda.

– Por que não voltaram antes?

– Não deu, por causa *deles* – respondeu Anthea.

– Eles quem?

– As crianças que eram tão belas quanto o dia. Eles nos deixaram presos lá até depois do pôr do sol. Não podíamos voltar até que eles tivessem ido embora. Você não sabe quanto detestamos eles! Ah, por favor, nos sirva o jantar... estamos com muita fome!

– Com fome! Imagino que sim – falou Martha, brava –, depois de passarem o dia todo fora. Bem, espero que tenham aprendido a lição de se envolverem com crianças estranhas... ainda mais aqui, com o sarampo, é melhor não! Agora ouçam: se vocês as virem de novo, não falem com elas... nem uma palavra, nem mesmo um olhar. Venham direto para casa me contar. Vou acabar com a beleza delas!

– Se algum dia a gente voltar a vê-las, contamos a você – afirmou Anthea.

Robert, fixando os olhos na carne fria que a cozinheira vinha trazendo em uma travessa, acrescentou em tons sinceros:

– E vamos tomar muito cuidado para *nunca mais* vê-las.

E eles nunca mais as viram.

GUINÉUS DE OURO

Anthea despertou pela manhã após um daqueles sonhos bem realistas, no qual ela passeava no Jardim Zoológico durante um dia de chuva grossa sem guarda-chuva. Os animais pareciam desesperadamente infelizes por causa da chuva, e todos rugiam com tristeza. Quando ela acordou, tanto os rugidos quanto a chuva continuaram da mesma forma. Os rugidos eram a respiração pesada e constante da sua irmã, Jane, que tinha pegado um resfriado leve e ainda dormia.

A chuva caía em gotas vagarosas no rosto de Anthea, pingando da ponta molhada de uma toalha de banho que seu irmão Robert estava apertando cuidadosamente, a fim de acordá-la, como ele explicou.

– Ah, pare com isso! – pediu ela um tanto irritada.

Ele parou, pois não era um irmão agressivo, embora fosse bem inventivo para fazer armadilhas, inclusive com os lençóis da cama, métodos originais de acordar parentes que estão dormindo, e outras pequenas proezas que tornam um lar feliz.

– Tive um sonho tão esquisito – começou Anthea.

– Eu também – disse Jane, acordando de repente e de surpresa. – Sonhei que tínhamos encontrado o duende da areia nas minas, e ele disse que era um psamíde e que poderia realizar um desejo nosso por dia, e...

– Mas isso foi o que eu sonhei – disse Robert. – Eu ia contar para vocês agora mesmo... e ele falou que tínhamos que fazer o primeiro desejo na hora. E sonhei que vocês, meninas, foram tontas o bastante para pedir que fôssemos tão belos quanto o dia, e nós ficamos realmente belos, e foi muito horrível.

– Será que é possível pessoas *diferentes* sonharem todas a mesma coisa? – questionou Anthea, sentando-se na cama. – Porque eu sonhei tudo isso também, e com o zoológico e a chuva. E o bebê não nos reconhecia no meu sonho, e os criados nos

puseram para fora de casa, porque o brilho da nossa beleza era um perfeito disfarce, e...

A voz do irmão mais velho veio do patamar da escadaria da casa:

– Vamos, Robert! Você vai se atrasar de novo para o café da manhã, a menos que queira fugir do seu banho como fez na terça-feira.

– Venha aqui um segundo – chamou Robert. – E eu não fugi de nada. Eu tomei banho depois do café da manhã, no quarto do papai, porque no nosso já tinham tirado a água.

Cyril apareceu na porta, parcialmente vestido.

– Olha só – disse Anthea –, todos nós tivemos um sonho muito estranho. Todos sonhamos que encontramos um duende da areia.

A voz dela sumiu diante do olhar desdenhoso de Cyril.

– Sonho? – disse ele. – Seus bobocas, é *verdade*. Tudo aquilo aconteceu. É por isso que estou tão ansioso para ficar pronto cedo. Vamos até lá, logo depois do café da manhã, e realizaremos um novo desejo. Só que vamos tomar uma decisão, e uma boa, antes de ir: o que nós queremos, e ninguém poderá pedir nada a não ser que os outros concordem primeiro. Chega de belezas inigualáveis para esta criança aqui, obrigada. É o que eu acho!

Os outros três se vestiram, boquiabertos. Se todo aquele sonho sobre o duende da areia era real, esta ação real de se vestir parecia um sonho, pensaram as meninas. Jane sentia que Cyril tinha razão, mas Anthea não tinha certeza, até que encontraram Martha e ouviram seus lembretes longos e diretos sobre a má conduta deles no dia anterior. Então Anthea teve certeza.

– Porque – disse ela – os criados nunca sonham com nada que não esteja no *Livro dos sonhos*, como cobras e ostras, ou ir a uma festa de casamento... que significa um funeral, e cobra é uma amiga falsa, e ostras são bebês.

– E por falar em bebês – falou Cyril –, cadê o Cordeirinho?

– Martha vai levá-lo a Rochester para visitar os primos dela. Mamãe disse que ela podia levá-lo. Ela o está vestindo agora –

explicou Jane. – Está pondo o melhor casaco e o melhor chapéu dele. Me passe o pão e a manteiga, por favor.

– Parece que ela gosta de levá-lo por aí – comentou Robert, em um tom espantado.

– Os criados gostam de levar bebês para visitar seus parentes – disse Cyril. – Já notei isso antes, especialmente quando eles estão com suas melhores roupas.

– Imagino que finjam que são seus bebês e que eles não são criados, mas se casaram com nobres duques de alta posição social, e falam que os bebês são pequenos duques e duquesas – sugeriu Jane de modo sonhador, servindo-se de mais geleia. – Imagino que é isso o que Martha vai dizer à prima. Ela vai aproveitar muitíssimo...

– Ela não vai aproveitar muitíssimo se estiver levando nosso duque infantil a Rochester – disse Robert. – Se ela for um pouco como eu, não vai.

– Imagine ter que andar até Rochester com o Cordeirinho nas costas! Ah, caramba! – exclamou Cyril, concordando.

– Ela vai de carruagem – observou Jane. – Vamos nos despedir deles, com um gesto educado e gentil, e teremos certeza absoluta de que nos livramos deles pelo dia inteiro.

Foi o que fizeram.

Martha usava seu vestido de domingo, em dois tons de roxo, tão apertado no busto que a fazia vergar-se, e o chapéu azul com flores rosa e uma fita branca. O decote era adornado por uma renda amarela com um laço verde. E o Cordeirinho de fato usava seus melhores casaco e chapéu de seda cor de creme. Era uma dupla elegante que a carruagem pegou no cruzamento das estradas. Quando o toldo branco e as rodas vermelhas desapareceram lentamente em um redemoinho de poeira branca...

– E agora, o psamíde – disse Cyril, e eles partiram.

Conforme seguiam, decidiram qual desejo iriam pedir. Embora estivessem com muita pressa, não tentaram descer pelas laterais íngremes da mina, mas deram a volta pelo caminho mais baixo e

mais seguro, como se fossem carroças. Tinham feito um círculo de pedras demarcando o local onde o duende da areia tinha desaparecido, a fim de acharem facilmente depois. O Sol brilhava, e o céu era de um azul profundo, sem uma nuvem sequer. A areia estava quente.

– Ah... e se tiver sido mesmo só um sonho, no fim das contas? – falou Robert enquanto os meninos pegavam suas pás do monte de areia onde as haviam enterrado e começavam a cavar.

– E se você for um cara inteligente? – provocou Cyril. – As duas coisas são igualmente prováveis!

– E se você tivesse uma língua educada dentro dessa sua boca? – disparou Robert.

– E se as meninas também cavassem? – interveio Jane, dando risada. – Parece que vocês estão ficando esquentados.

– E se vocês não se intrometessem? – retrucou Robert, que de fato ficou quente.

– Não vamos – disse Anthea depressa. – Robert, querido, não seja tão mal-humorado... Não vamos dizer uma palavra. Será você quem vai falar com o duende e contar o desejo que decidimos. Você vai falar muito melhor do que nós.

– E se você parasse de usar esse tom falso? – replicou Robert, mas não estava mais irritado. – Cuidado... Agora cavem com as mãos!

Assim fizeram, e logo descobriram o corpo de aranha coberto de pelos marrons, com braços e pernas compridos, orelhas de morcego e olhos de caracol, que pertencia ao duende da areia. Todos soltaram um suspiro profundo de satisfação, pois agora era evidente que não poderia ter sido um sonho.

O psamíde sentou-se e chacoalhou-se para tirar a areia do pelo.

– Como está seu bigodinho esquerdo hoje? – perguntou educadamente Anthea.

– Não tenho nada de bom para contar – disse a coisa. – Ele teve uma noite bem agitada. Mas obrigado por perguntar.

– Diga – falou Robert –, você está disposto a realizar desejos hoje? Porque estamos com muita vontade de pedir um além do combinado. O pedido extra é bem pequenininho – acrescentou ele, em tom tranquilizador.

– *Humpf!* – resmungou o duende da areia. (Se você estiver lendo esta história em voz alta, por favor pronuncie “humpf” exatamente como está escrito, pois foi isso o que ele disse.) – *Humpf!* Sabem, até eu ter ouvido vocês discutindo bem acima da minha cabeça, e bem alto também, eu achei mesmo que tinha sido tudo um sonho. Às vezes eu tenho sonhos bem estranhos.

– Tem? – Jane apressou-se em dizer, para desviar do assunto da discussão. Então acrescentou, educadamente: – Gostaria que você nos contasse seus sonhos, é o que eu desejo. Devem ser muito interessantes.

– Esse é o desejo do dia? – perguntou o duende da areia, bocejando.

Cyril murmurou algo do tipo “coisa de garota” e os demais ficaram em silêncio. Se respondessem “Sim”, adeus aos outros desejos que tinham decidido pedir. Se respondessem “Não”, seria muito mal-educado, e eles foram ensinados a ter bons modos, e até aprenderam um pouco, o que não é de modo algum a mesma coisa. Um suspiro de alívio escapou de todos os lábios quando o duende da areia falou:

– Se for, não terei força para lhes conceder um segundo desejo. Nem se for bom temperamento, ou bom senso, ou bons modos, ou coisinhas do tipo.

– Não queremos cansá-lo com nada dessas coisas, nós conseguimos dar conta delas sozinhos – disse Cyril, ansioso, enquanto os outros se entreolhavam cheios de culpa, torcendo para que o duende não insistisse na questão dos bons modos, mas lhes desse uma bela bronca se quisesse e depois deixasse o assunto de lado.

– Bem – disse o psamídeo, esticando os olhos compridos de caracol tão de repente que um deles bateu nos olhos redondos do menino Robert –, podem falar primeiro o desejo pequeno.

– Não queremos que os criados percebam os desejos que você nos dá.

– Que você gentilmente nos concede – sussurrou-lhe Anthea.

– Que você gentilmente nos concede – corrigiu-se Robert.

O duende inchou um pouco, soltou o ar e disse:

– Eu fiz *isso* para vocês... foi bem fácil. As pessoas não percebem muito as coisas, de qualquer modo. Qual é o próximo desejo?

– Desejamos – começou Robert, devagar – ser ricos para além de qualquer sonho ou imaginação.

– Avarento – comentou Jane.

– Que assim seja – disse o duende, surpreendendo-os. – Mas não vai ser de grande valia para vocês, esse é o lado positivo – a criatura murmurou para si mesma. – Vamos lá: eu não posso ir além de sonhos e imaginação, vocês sabem! Quanto vocês querem, e querem em ouro ou em cédulas?

– Ouro, por favor. E milhões de ouro.

– Esta mina cheia de ouro vai bastar? – perguntou o duende, sem cerimônia.

– Ah, *sim!*

– Então saiam daqui antes que eu comece, senão vocês serão enterrados vivos no ouro.

Ele esticou tanto os braços magricelos e os agitou de modo tão alarmante que as crianças correram o mais rápido possível em direção ao caminho que as carroças costumavam usar para chegar às minas. Só Anthea teve presença de espírito suficiente para gritar um tímido “Tenha um bom-dia, espero que seu bigodinho esteja melhor amanhã” enquanto corria.

Na estrada, eles se viraram para olhar para trás e tiveram de fechar os olhos para depois abri-los bem devagar, um pouquinho de cada vez, porque a visão era deslumbrante demais para seus olhos suportarem. Era algo parecido com tentar olhar diretamente para o Sol do meio-dia no dia do solstício de verão. Pois a mina inteira estava cheia, até o topo, com moedas de ouro novas e brilhantes, e todas as portinholas das casinhas das andorinhas-do-barranco

ficaram soterradas. Onde o caminho para as carroças entrava na mina, o ouro amontoava-se em pilhas, como se fossem pedras à beira da estrada, e um grande monte de ouro reluzente se estendia de um lado a outro entre as beiradas altas da mina. Todo aquele monte reluzente era de ouro cunhado. E nas laterais e bordas dessas incontáveis moedas, o Sol do meio-dia brilhava e cintilava, resplandecia e reluzia até a mina parecer a boca de uma fornalha de fundição ou um dos salões encantados que às vezes se vê no céu ao pôr do sol.

As crianças ficaram imóveis e boquiabertas. Ninguém disse uma só palavra.

Por fim, Robert parou e pegou uma das moedas de uma pilha no caminho das carroças e a olhou. Analisou-a dos dois lados. Então disse baixinho, em um tom bem diferente da sua própria voz:

– Não são soberanos¹.

– São de ouro, de qualquer modo – disse Cyril.

Agora, todos falavam ao mesmo tempo. Cada um pegou punhados do tesouro dourado e deixou que caíssem das mãos como água, e o barulho que fazia soava como uma música maravilhosa. A princípio, eles se esqueceram de pensar em gastar o dinheiro, de tão divertido que era brincar com ele. Jane sentou-se entre dois montinhos de ouro e Robert começou a enterrá-la, como algumas crianças gostam de enterrar o pai na praia quando ele cochila deitado na areia com o jornal cobrindo o rosto. Porém, Jane não estava nem com metade do corpo enterrado quando gritou:

– Ah, pare, está pesado demais! Está me machucando!

– Pfff – resmungou Robert, e continuou.

– Me deixe sair, estou pedindo – gritou Jane. Ela se soltou, muito pálida e tremendo um pouco. – Você não tem ideia de como é – explicou. – É como se fossem pedras em cima de você... ou correntes.

– Ouçam – chamou Cyril. – Para isto ter alguma serventia para nós, não é bom ficarmos aqui remexendo as moedas. Vamos encher os bolsos e sair para comprar coisas. Não se esqueçam, não vai

durar depois do pôr do sol. Gostaria que tivéssemos pedido ao psamíde que as coisas não virassem pedra. Talvez isto aqui vire. Lembrei de uma coisa, tem um pônei e uma carroça no vilarejo.

– Você quer comprar isso? – perguntou Jane.

– Não, tolinha... vamos *alugar*. Então poderemos ir a Rochester comprar um montão de coisas. Aqui, vamos pegar o máximo de moedas que conseguirmos. Mas não são moedas de uma libra. Teriam de ter a cabeça de um homem de um lado e algo como o ás de espadas do outro. Enchem seus bolsos de moedas, não demorem. Vocês podem tagarelar enquanto andamos... se precisarem tagarelar.

Cyril sentou-se no chão e começou a encher os bolsos.

– Vocês tiraram sarro de mim por fazer o papai pôr nove bolsos no meu casaco – disse ele –, mas olhem só agora!

Eles olharam. Depois de Cyril ter enchido seus nove bolsos e seu lenço e o espaço frontal entre seu corpo e a camisa com moedas de ouro, teve de se levantar. Só que ele cambaleou e teve de se sentar depressa...

– Libere um pouco dessa carga – falou Robert. – Você vai afundar o navio assim, camarada. É isso o que acontece com nove bolsos.

E Cyril teve que largar um pouco.

Então eles partiram em uma caminhada até o vilarejo. Eram mais de dois quilômetros, e a estrada era bem poeirenta, e o Sol parecia ficar cada vez mais quente, e o ouro em seus bolsos parecia cada vez mais pesado.

Foi Jane quem disse:

– Não sei como vamos gastar tudo isso. Deve haver milhares de libras somando o que todos nós carregamos. Vou deixar um pouco das moedas para trás neste toco da sebe. E assim que chegarmos ao vilarejo, vamos comprar alguns biscoitos; sei que já passou da hora do almoço. – Ela tirou dois punhados de ouro dos bolsos e escondeu nos buracos ocultos de um velho choupo. – Como são redondas e amarelas – comentou. – Vocês não gostariam que fossem nozes de gengibre para a gente comer?

– Bem, não são nozes e a gente não vai comê-las – disse Cyril. – Vamos logo!

Eles seguiram pesados e cansados. Antes de chegarem ao vilarejo, mais de um toco na sebe escondia o pequeno tesouro secreto. No entanto, chegaram ao vilarejo com cerca de 1.200 guinéus² nos bolsos. Apesar dessa riqueza, as crianças pareciam bastante comuns na aparência, e ninguém pensaria que poderiam ter mais do que meia coroa para gastar. A bruma de calor, o azul da fumaça da madeira, juntos formavam uma espécie de nuvem turva e escura sobre os telhados vermelhos do vilarejo. Os quatro sentaram-se pesadamente no primeiro banco que viram. Estavam do lado de fora da Pousada Javali Azul.

Ficou decidido que Cyril entraria na pousada para comprar uma bebida, porque, como observou Anthea, “não é errado homens entrarem em bares, só crianças. E Cyril está mais perto de ser adulto do que nós, porque ele é o mais velho”. Então ele foi. Os outros sentaram-se sob o Sol e aguardaram.

– Ah, caramba, que calor! – exclamou Robert. – Os cachorros põem a língua para fora quando está calor. Será que a gente também se refrescaria se pusesse a língua para fora?

– Podemos tentar – respondeu Jane.

Todos eles puseram a língua para fora, o máximo que conseguiram, de modo que esticaram muito a garganta, mas isso só pareceu lhes deixar com mais sede do que antes, além de incomodar todas as pessoas que passaram por eles. Então guardaram a língua, e logo depois Cyril saiu com a bebida.

– Mas tive que pagar com minhas próprias moedas, as que eu ia usar para comprar coelhos – explicou o garoto. – Eles não tinham troco para a moeda de ouro. E, quando eu botei um punhado no balcão, o homem deu risada e disse que eram fichas. Eu também comprei pedaços de bolo que estavam em um pote de vidro no balcão do bar. E biscoitos com cominho.

Os bolos estavam tão macios quanto secos, e os biscoitos também estavam secos, e ainda assim macios, o que biscoitos não devem ser. Mas a bebida compensou tudo.

– É minha vez de tentar comprar alguma coisa com o dinheiro – disse Anthea. – Sou a segunda mais velha. Onde fica a carroça com pônei?

Ficava no The Chequers, e Anthea foi pelo caminho de volta até o pátio, porque todos sabiam que meninas não deveriam frequentar bares. Então, saiu de lá, como ela mesma disse, “satisfeita, mas não orgulhosa”.

– Vai estar pronto em dois tempos, como ele mesmo disse – falou ela. – E ele quer receber uma libra de ouro, ou o que quer que seja, para nos levar e trazer de Rochester, além de esperar por lá até termos terminado. Acho que cuidei muito bem de tudo.

– Você se acha muito espertinha, ousou dizer – comentou Cyril, indisposto. – Como conseguiu?

– Não fui tão pouco espertinha assim para tirar montes de dinheiro do bolso a ponto de fazê-las parecer sem valor, de qualquer modo – retrucou ela. – Apenas encontrei um rapaz lavando a perna de um cavalo com uma esponja e um balde. Mostrei uma moeda de ouro e disse “Sabe o que é isso?”. Ele respondeu “Não sei” e chamou o pai. O velho apareceu e disse que era um guinéu de brasão³; e disse que eu podia fazer o que quisesse com a moeda, e eu falei “Sim” e perguntei sobre a carroça com o pônei, e falei que ele poderia ganhar o guinéu se nos levasse até Rochester. O nome dele é S. Crispin. E ele disse “Agora mesmo”.

Era uma sensação nova serem conduzidos em uma carruagem leve puxada por um pônei ao longo das estradas rurais. Era bastante agradável também (o que nem sempre é o caso no que diz respeito a novas sensações), bem diferente dos belos planos para gastar o dinheiro que cada criança elaborou durante a viagem – silenciosamente, é claro, e só para si mesma, pois nunca daria certo se o velho estalajadeiro os ouvisse falar do jeito como eles estavam pensando. O velho os ajudou a descer perto da ponte, conforme haviam solicitado.

– Se você fosse comprar uma carruagem e cavalos, aonde iria? – perguntou Cyril, como se questionasse tão somente para ter algo a dizer.

– Billy Peasemars, no Saracen’s Head – respondeu prontamente o homem. – Nunca mesmo que eu recomendaria qualquer outro homem quando se trata de cavalos, e não aceitaria que me recomendassem mais ninguém se quisesse comprar um. Mas, se o seu pai está buscando qualquer tipo de carruagem, não tem homem mais correto em Rochester, nem mais educado, que o Billy, é o que eu digo.

– Obrigado – disse Cyril. – O Saracen’s Head.

E agora as crianças começaram a ver uma das leis da natureza virar de cabeça para baixo e plantar bananeira como se fosse um acrobata. Qualquer pessoa adulta diria que dinheiro é difícil de conseguir e fácil de gastar. Contudo, o dinheiro do duende tinha sido fácil de conseguir, e gastar não era apenas difícil, era quase impossível. Os comerciantes de Rochester pareciam encolher, para uma pessoa do ofício, ao verem o reluzente ouro encantado (chamavam-no de “dinheiro chique”, em sua maior parte). Para começar, Anthea, que tivera a infelicidade de se sentar no chapéu no começo do dia, queria comprar outro. Ela escolheu um muito bonito, enfeitado com rosas cor-de-rosa e penas azuis de pavões. Estava marcado na vitrine “Modelo Paris, três guinéus”.

– Estou feliz – disse ela –, porque, se está escrito guinéus, significa guinéus, e não soberanos, o que nós não temos.

Quando, porém, ela pegou três guinéus de brasão e os apresentou na palma da mão, que a esta altura estava bem suja porque ela havia se esquecido de vestir luvas antes de ir à mina, a moça da loja, com uma roupa de seda preta, a olhou séria e foi sussurrar algo para uma mulher mais velha e mais feia, também com uma roupa de seda preta. Então elas devolveram o dinheiro à menina e disseram que não era uma moeda corrente.

– Mas é dinheiro – disse Anthea. – É meu dinheiro.

– Creio que sim – respondeu a mulher –, mas não é o tipo de dinheiro que está na moda agora, e não pretendemos aceitá-lo.

– Acho que todos pensam que roubamos as moedas – falou Anthea, reunindo-se com os outros na rua. – Se estivéssemos com

luvas, não nos considerariam tão desonestos. O fato de as minhas mãos estarem tão sujas enche a mente das pessoas com dúvidas.

Então eles escolheram uma loja humilde, e as meninas compraram luvas de algodão, do tipo que custava pouco mais de seis centavos, mas, quando elas ofereceram um guinéu, a mulher as olhou por cima dos óculos e disse que não tinha troco; então as luvas tiveram de ser pagas com os vinte e sete centavos de Cyril, com os quais ele pretendia comprar coelhos, e o mesmo ocorreu com a bolsa de imitação de pele de crocodilo verde, de pouco mais de nove centavos, que havia sido comprada junto com as luvas. Eles tentaram diversas outras lojas, daquelas onde se compram brinquedos e perfumes, e lenços de seda e livros, e caixas elegantes de papelaria, e fotografias de objetos de interesse na vizinhança – mas ninguém queria dar troco para um guinéu naquele dia em Rochester, e conforme passaram de loja em loja ficaram mais e mais sujos, com o cabelo mais despenteado, e Jane escorregou e caiu onde um carro de água tinha acabado de passar. Eles também ficaram com muita fome, contudo não encontraram ninguém que lhes desse algo de comer em troca dos guinéus. Depois de tentar em vão comprar coisas em duas confeitarias, eles sentiram tanta fome – talvez por causa do cheiro de bolo que vinha das lojas, como sugeriu Cyril – que elaboraram em sussurros um plano de ação que, de tão desesperados, puseram em prática. Marcharam até uma terceira confeitaria, chamada Beale, e, antes que a pessoa atrás do balcão pudesse interferir, cada criança pegou três pãezinhos de centavo, apertou-os entre as mãos sujas e deram uma bela mordida no sanduíche triplo. Então ficaram ali acuados, com doze pãezinhos nas mãos e as bocas bem cheias. O confeitoiro, chocado, apareceu.

– Aqui – disse Cyril, falando com a maior distinção possível e estendendo o guinéu que tinha deixado a postos antes de entrar na loja. – Pague com isto.

O senhor Beale pegou a moeda, mordeu-a, e a guardou no bolso.

– Agora saiam daqui – disse ele, curto e grosso.

– Mas e o troco? – perguntou Anthea, que tinha uma mente poupadora.

– Troco?! – exclamou o homem. – Eu vou é trocar vocês! Vão embora, e sintam-se com sorte que eu não vou chamar a polícia para descobrir onde foi que vocês conseguiram a moeda!

Nos jardins do Castelo de Rochester, os milionários terminaram de comer seus pãozinhos e, embora a aparente suavidade deles fosse deliciosa e tenha feito um encanto ao animar o grupo, até mesmo o coração mais corajoso estremeceu ao pensar em se aventurar em uma conversa com o senhor Billy Peasemarsch no Saracen's Head a respeito de um cavalo e uma carruagem. Os meninos teriam desistido da ideia, porém Jane sempre foi uma criança esperançosa, e Anthea geralmente era obstinada, e a convicção delas prevaleceu.

Assim, o quarteto, que a esta altura estava indescritivelmente sujo, conduziu-se ao Saracen's Head. O método de ataque pelo pátio, tendo sido bem-sucedido no The Chequers, foi tentado mais uma vez aqui. O senhor Peasemarsch estava no pátio, e Robert abriu o negócio nestes termos:

– Ouvi dizer que você tem muitos cavalos e carruagens para vender.

Havia sido acordado que Robert seria o representante da vez, porque nos livros quem compra cavalos é sempre o cavalheiro, e não as damas, e Cyril já tivera sua vez na Javali Azul.

– Te disseram a verdade, rapaz – falou o senhor Peasemarsch. Ele era um homem alto e magro, com olhos bem azuis e lábios finos que faziam a boca parecer um traço.

– Gostaríamos de comprar, por favor – disse Robert, com educação.

– Creio que sim.

– Poderia nos mostrar alguns cavalos, por favor? Para podermos escolher.

– Quem estão querendo enganar? – questionou o senhor Peasemarsch. – Você veio aqui trazer alguma mensagem?

– Estou dizendo – insistiu Robert –, queremos comprar alguns cavalos e carruagens, e um homem nos disse que você era correto e educado, mas não me surpreenderia se ele estivesse enganado.

– Puxa vida! – exclamou o senhor Peasemmarsh. – Devo fazer um desfile de todo o meu estábulo para o senhor digníssimo avaliar? Ou devo mandar perguntar ao Bispo se ele tem um ou dois animais para se desfazer?

– Sim, por favor – respondeu Robert. – Se não for muito incômodo. Seria muita gentileza sua.

O senhor Peasemmarsh enfiou as mãos nos bolsos e deu risada, e as crianças não gostaram do modo como ele fez isso. Então o homem gritou:

– Willum!

Um peão curvado apareceu em uma porta do estábulo.

– Aqui, Willum, vem cá ver este jovem duque! Ele quer comprar a cocheira toda, com tudo dentro. E não tem nem dois centavos no bolso para chamar de seu, tenho certeza!

Os olhos de Willum seguiram o dedão do mestre, que apontava para Robert, com um interesse desdenhoso.

– É mesmo? – perguntou ele.

Entretanto, Robert falou, apesar de as meninas agora puxarem seu casaco e implorarem “vamos embora”. Ele falou, e muito bravo:

– Não sou um jovem duque nem nunca fingi ser. E quanto aos dois centavos: o que acha disto? – e, antes que os outros pudessem impedi-lo, ele tinha tirado dois punhados enormes de guinéus brilhantes e mostrado para o senhor Peasemmarsh analisar.

O homem de fato analisou. Pegou uma moeda entre o dedo indicador e o dedão. Deu uma mordida nela, e Jane esperou que ele dissesse “O melhor cavalo dos meus estábulos está à sua disposição”. Mas os outros já tinham mais experiência. Mesmo assim foi decepcionante, até para o mais desanimado, quando o homem falou abruptamente:

– Willum, fecha as portas do pátio.

E Willum deu um sorrisinho e foi fechar.

– Boa tarde – disse Robert apressado. – Não vamos mais comprar nenhum dos seus cavalos agora, não importa o que você diga. Espero que aprenda a lição.

O menino tinha visto um portãozinho lateral aberto e estava se movendo na direção dele enquanto falava, porém Billy Peasemars se colocou no seu caminho.

– Não tão rápido, seu marginalzinho! – exclamou o homem. – Willum, chama a polícia.

Willum saiu. As crianças ficaram ali, amontoadas umas nas outras, como ovelhas aterrorizadas. O senhor Peasemars foi conversando com elas até a chegada da polícia. Ele disse muitas coisas, dentre as quais:

– Que grupo bonito vocês são, não acham, trazendo seus guinéus como tentação para homens honestos!

– São *mesmo* nossos guinéus – disse Cyril com coragem.

– Ah, é claro que agora vocês não sabem de nada, não mais do que a gente sabe... oh, não, é claro que não! E arrastando meninhas com vocês nessa. Olha só, eu deixo as meninas irem embora se vocês dois forem quietinhos até a polícia.

– Nós não vamos embora – disse Jane heroicamente. – Não sem os meninos. O dinheiro é tão nosso quanto deles, seu velho malvado.

– Onde é que vocês conseguiram, então? – perguntou o homem, suavizando um pouco o tom, uma reação totalmente diferente da que os meninos pensaram que iria acontecer quando Jane começou a xingá-lo.

Jane lançou um olhar silencioso de desespero aos irmãos.

– Perdeu a língua, é? Mas achou bem rapidinho quando foi para xingar. Vai, fala! Onde é que conseguiram?

– Na mina – disse a honesta Jane.

– Conta outra – rechaçou o homem.

– Foi lá mesmo – insistiu Jane. – Tem um duende lá... todo peludo, marrom... com orelhas de morcego e olhos de caracol, e ele concede um desejo por dia, e todos são realizados.

– Ela tem um parafuso a menos, é? – comentou o homem com uma voz baixa. – Mais vergonhoso ainda para vocês, meninos, que arrastaram essa pobre criança afligida em seus roubos pecaminosos.

– Ela não é louca. O que ela disse é verdade – falou Anthea. – Existe um duende. E se um dia eu o vir de novo, vou desejar que te aconteça alguma coisa... ou ao menos eu faria isso se vingança não fosse algo tão mau. Ah, se eu faria!

– Minha nossa – disse Billy Peasemarsch –, se não é outra!

Nesse momento Willum voltou com um sorrisinho malévolo no rosto, e atrás dele havia um policial, com quem o senhor Peasemarsch conversou longamente em um sussurro sério e rouco.

– Creio que você tenha razão – disse o policial, por fim. – Enfim, vou levá-los sob uma acusação de posse ilegal, com inquéritos pendentes. E o magistrado vai lidar com o caso. Vai enviar as afligidas para um lar, ou não, e os meninos para um reformatório. Agora venham, jovens! Não adianta fazer rebuliço. Traga as meninas, senhor Peasemarsch, que eu vou conduzir os meninos.

Sem palavras e cheios de fúria e medo, as quatro crianças foram conduzidas pelas ruas de Rochester. Lágrimas de raiva e vergonha os cegavam, de modo que, quando Robert trombou com uma transeunte, não a reconheceu até que uma voz bem familiar disse:

– Ora, mas que surpresa! Ah, mestre Robert, o que você fez agora?

Enquanto isso outra voz, também muito familiar, dizia:

– Panteia! Quéio ir com a minha Panteia!

Eles se encontraram com Martha e o bebê!

Martha comportou-se admiravelmente. Recusou-se a acreditar em qualquer palavra da história do policial, e na do senhor Peasemarsch, mesmo quando os homens fizeram Robert virar os bolsos do avesso para mostrar os guinéus.

– Não vejo nada – disse ela. – Vocês dois perderam o juízo! Não tem ouro nenhum aqui... só as mãos desta pobre criança, toda

rachada e suja, muito parecida com a de um chimpanzé. Ah, que inacreditável!

As crianças acharam que foi muito nobre da parte de Martha, ainda que bastante perverso, até se lembrarem de como o duende havia prometido que os criados nunca notariam nenhum dos desejos concedidos. Então é evidente que Martha não conseguia ver o ouro e, portanto, estava apenas falando a verdade, o que tornava tudo certo, é claro, mas não mais nobre do que o normal.

Começava a anoitecer quando chegaram à delegacia. O policial contou sua história a um inspetor, que estava sentado em uma grande sala vazia, onde em um canto havia algo parecido com um cercadinho infantil para colocar prisioneiros. Robert se perguntou se aquilo era uma cela ou uma doca.

– Traga as moedas para eu ver, agente – pediu o inspetor.

– Vire os bolsos – ordenou o policial.

Desesperado, Cyril enfiou as mãos nos bolsos, manteve-as ali por um momento, então começou a rir – um tipo de risada diferente que doía e cuja sensação era muito mais parecida com um choro. Seus bolsos estavam vazios. O mesmo ocorreu com os bolsos das outras crianças. Pois é claro que, ao pôr do sol, todo o ouro do duende tinha desaparecido.

– Vire os bolsos e pare com esse barulho – disse o inspetor.

Cyril virou os bolsos, cada um dos nove que enriquecia seu paletó. E cada um dos bolsos estava vazio.

– Ora! – exclamou o inspetor.

– Não sei como eles fizeram isso, seus sujeitinhos ardilosos! Eles andaram na minha frente o caminho todo, de modo que fiquei de olho neles para garantir que não atraíssem uma multidão nem obstruíssem o tráfego.

– É muito impressionante – comentou o inspetor, franzindo o cenho.

– Se já terminou de assustar estas crianças inocentes – disse Martha –, vou contratar uma carruagem particular e iremos para casa, pra mansão do pai deles. Você vai ouvir sobre isso de novo,

rapaz! Eu falei que eles não tinham ouro quando você estava fingindo ver nas pobres e indefesas mãos deles. Ainda é muito cedo no dia para que um policial de plantão não possa confiar em seus próprios olhos. Quanto ao outro, é melhor dizer ainda menos; ele cuida do Saracen's Head e conhece como ninguém sua própria bebida.

– Leve-os embora, pelo amor – disse o inspetor, irritado. Porém, enquanto as crianças e Martha saíam da delegacia, ele falou “E agora?” ao policial e ao senhor Peasemars, e falou vinte vezes mais irritado do que havia falado a Martha.

A palavra de Martha tinha grande valor. Ela os levou para casa em uma carruagem grandiosa, porque a carruagem pública tinha partido. Porém, embora tivesse ficado do lado deles tão nobremente diante da polícia, mostrou-se tão zangada assim que se viram a sós, por “ficarem zanzando por Rochester sozinhos”, que nenhum deles ousou mencionar o velho do vilarejo que os aguardava com a carroça e o pônei em Rochester. E assim, depois de um dia de riqueza ilimitada, as crianças foram mandadas para a cama profundamente envergonhadas, enriquecidas apenas por dois pares de luvas de algodão, sujas por dentro, por causa do estado das mãos que cobriram, e uma bolsa de imitação de pele de crocodilo e doze pãezinhos de centavo já digeridos.

A coisa que mais os incomodava era o medo de que o guinéu do velho tivesse desaparecido ao pôr do sol junto com todo o restante, por isso foram ao vilarejo no dia seguinte para pedir desculpas por não encontrá-lo em Rochester e verificar. Ele foi muito amigável. O guinéu dele *não* havia desaparecido, e o homem havia feito um buraco na moeda e a pendurado na corrente do seu relógio. Quanto ao guinéu que o padeiro recebera, as crianças perceberam que não se importavam se havia desaparecido ou não, o que talvez não fosse muito honesto da parte delas, mas, por outro lado, não era totalmente perverso. Mais tarde, porém, isso ficou pairando na mente de Anthea; por fim, ela enviou em segredo doze selos pelo correio para “O senhor Beale, padeiro, Rochester”. Dentro,

escreveu: “Para pagar pelos pãezinhos”. Eu espero que o guinéu dele tenha desaparecido, pois aquele confeitiro não era mesmo um bom homem e, além disso, pães de centavo custam menos de um centavo cada um em todas as lojas verdadeiramente respeitáveis.

¹ No original, *sovereing*, uma moeda de ouro com o valor de uma libra, forjada desde 1817. (N.T.)

² No original, *guinea*. Esta moeda teve variação de valor ao longo de sua existência por conta do preço do ouro, no qual era forjada. Em 1816, o guinéu foi substituído pela libra como moeda inglesa. (N.T.)

³ No original, *spade guinea*. Trata-se de uma edição especial da moeda guinéu, na qual havia um brasão em uma das faces da moeda. (N.T.)

TODOS QUEREM O BEBÊ

Na manhã seguinte ao dia em que as crianças possuíram uma riqueza ilimitada com a qual tinham sido incapazes de comprar qualquer coisa realmente útil ou prazerosa, exceto dois pares de luvas de algodão, doze pães de centavo, uma bolsa de imitação de pele de crocodilo e um passeio em uma carruagem com um pônei, elas despertaram sem aquela alegria entusiasmada que haviam sentido no dia anterior, quando se lembraram de como tiveram a sorte de encontrar um psamíde, também conhecido como duende da areia, e de receber sua promessa de conceder-lhes um novo desejo todos os dias. Por enquanto, eles tiveram dois desejos realizados, Beleza e Riqueza, e nenhum lhes trouxe felicidade de verdade. Entretanto, o acontecimento de coisas estranhas, mesmo que não sejam totalmente agradáveis, é mais divertido do que aquelas ocasiões em que nada acontece a não ser refeições, que nem sempre são totalmente agradáveis, em especial nos dias em que só tem carne fria de carneiro ou picadinho.

Não houve a menor chance de conversar antes do café da manhã, pois todo mundo dormiu demais e perdeu a hora. Eles precisaram reunir uma força vigorosa e determinada para se vestirem e estarem apenas dez minutos atrasados para o café da manhã. Durante a refeição, foram feitos alguns esforços para lidar com a questão do psamíde de modo imparcial, porém é muito difícil discutir qualquer coisa com profundidade enquanto precisa se dedicar a atender às necessidades do café da manhã de seu irmãozinho mais novo. O bebê estava particularmente animado naquela manhã. Ele não só contorceu o corpo por cima da barra de proteção de seu cadeirão e acabou pendurado pela cabeça, ficando sufocado e roxo, como também pegou uma colher de sopa subitamente, de modo desesperado, e a usou para bater na cabeça de Cyril com força, depois chorou porque lhe tomaram a colher. O bebê enfiou a mãozinha gorda em seu leite com pão e pediu geleia, que só era

permitida na hora do chá. Ele cantou, botou os pés sobre a mesa... ele pediu para “passiá”. A conversa foi mais ou menos assim:

– Ouçam... sobre o duende da areia... Cuidado! Ele vai derrubar o leite.

O leite foi colocado a uma distância segura.

– Sim... sobre o duende da areia... Não, Cordeirinho, meu amor, dê pra Pantera essa colher.

Então Cyril tentou.

– Nada que tivemos até agora deu certo... Ele quase pegou a mostarda!

– Me pergunto se não seria melhor a gente desejar... Ora! Agora você conseguiu, menino! – e, num instante de vidro e mãozinhas cor-de-rosa, o aquário de carpas douradas que ficava no meio da mesa rolou de lado e derramou uma torrente de água e peixinhos no colo do bebê e dos outros.

Todo mundo ficou quase tão chateado quanto o peixinho-dourado; somente o Cordeirinho permaneceu calmo. Quando a piscina no chão terminou de ser seca e o peixinho saltitante e ofegante foi coletado e devolvido à água, o bebê foi levado para ser trocado por Martha, e os outros tiveram de trocar de roupa também. Os aventais e casacos que haviam sido banhados em água de peixinhos-dourados foram pendurados para secar, então Jane descobriu que teria de consertar o vestido que havia rasgado no dia anterior ou passar o dia todo em sua melhor anágua. Era branca, macia e cheia de babados, enfeitada com renda, e muito, muito bonita, tão bonita quanto um vestido, se não mais. Só que *não* era um vestido, e a palavra de Martha era lei. Ela não deixou Jane usar seu melhor vestido e se recusou a ouvir, mesmo que por um momento, a sugestão de Robert de que Jane deveria usar sua melhor anágua e chamá-la de vestido.

– Não é respeitável – disse Martha. Quando as pessoas dizem isso, não adianta falar mais nada. Um dia você vai descobrir que é assim mesmo.

Então não restou opção a Jane exceto consertar seu vestido, que fora rasgado no dia anterior, quando ela caiu na Rua Elevada de Rochester, exatamente onde um carro de água passara em seu caminho prateado. Ela havia ralado o joelho, e sua meia estava muito mais do que ralada, e seu vestido foi cortado pela mesma pedra que rasgara seu joelho e sua meia. É claro que os outros não eram tão danados a ponto de abandonar uma companheira em seu infortúnio, de modo que todos se sentaram na grama em volta do relógio de sol, e Jane costurou como se não houvesse amanhã. O Cordeirinho ainda estava sob os cuidados de Martha, trocando de roupa, por isso foi possível conversar.

Anthea e Robert, receosos, tentaram esconder seu pensamento mais íntimo – que o psamíde não era confiável –, mas Cyril disse:

– Falem logo... Digam o que querem dizer... Detesto isso de ficar insinuando, “não sei” e esse jeito sorrateiro.

Então Robert falou, como se fosse uma obrigação moral:

– Sorrateiro é você. Anthea e eu não nos molhamos tanto com o aquário quanto vocês dois, por isso nos trocamos mais depressa, e tivemos tempo de pensar no assunto, e se você quer saber minha opinião...

– Eu não quero saber sua opinião – interrompeu Jane, mordendo a linha do modo como sempre fora proibida de fazer.

– Não me importo com o que quer ou não saber – replicou Robert –, mas Anthea e eu achamos que o samíde é um bruto maldoso. Se ele consegue nos conceder desejos, suponho que possa conceder também a si mesmo, e tenho quase certeza de que ele sempre deseja que os nossos desejos não nos façam bem algum. Que tal deixarmos aquela criatura cansativa em paz e irmos sozinhos brincar de forte na pedreira?

(Você deve se lembrar de que a feliz localização da casa onde essas crianças passavam suas férias ficava entre uma pedreira e uma mina.)

Cyril e Jane estavam mais esperançosos, como costumavam ser.

– Não acho que o psamíde faça de propósito – disse Cyril –, e, na verdade, foi *mesmo* bobagem pedir riqueza ilimitada. Cinquenta libras em moedas de dois xelins teria sido bem mais inteligente. E desejar ser tão belos quanto o dia foi simplesmente idiota. Não quero ser desagradável, mas foi. Precisamos tentar pensar em um desejo realmente útil, e depois realizá-lo.

Jane parou a costura e falou:

– Eu também acho. É besteira termos uma oportunidade como esta e não usá-la. Nunca ouvi falar de ninguém fora dos livros que já teve uma oportunidade assim. Existe um monte de coisas que poderíamos pedir e que não daria com os burros n'água, como aconteceu com as outras duas coisas. Vamos pensar bem, e fazer um desejo bom, para termos um dia verdadeiramente feliz... ou o que ainda sobrou do dia.

Jane voltou a costurar com vigor, pois as horas de fato estavam passando, e todos eles começaram a falar ao mesmo tempo. Se você estivesse lá, acharia a conversa sem pé nem cabeça e não entenderia nada, mas essas crianças estavam acostumadas a falar “em quarteto”, como se fossem uma orquestra animada, e cada uma delas conseguia dizer o que queria sem dificuldade e ouvir o som agradável da própria voz, ao mesmo tempo que usava três quartos de suas duas orelhas afiadas para ouvir o que as outras falavam. Esse é um exemplo fácil de multiplicação de fração simples, mas, como creio que você não sabe ainda fazer esse tipo de conta, não vou te pedir para me dizer se $\frac{3}{4} \times 1 = 2 \frac{1}{2}$ está correto, mas vou pedir que acredite em mim que essa é a porção de orelha que cada criança estava disposta a ceder às outras. Ceder orelhas era comum na era romana, como aprendemos com Shakespeare... Ora, receio que esteja ficando instrutivo demais.

Quando o vestido terminou de ser costurado, a saída para a mina foi atrasada porque Martha insistiu que todas as crianças lavassem as mãos – o que era bobagem, já que ninguém tinha feito nada, exceto Jane, e como é que se suja as mãos fazendo nada? Essa é uma questão difícil, que não dá para responder no papel. Na vida

real eu conseguiria te mostrar com facilidade... ou você poderia me mostrar, o que é bem mais provável.

Durante a conversa em que as seis orelhas foram cedidas (havia quatro crianças, então *esta* soma está correta), ficou decidido que cinquenta libras em moedas de dois xelins era o desejo certo a ser pedido. E as crianças sortudas, que poderiam ter qualquer coisa do mundo com um simples desejo, saíram correndo para a mina para expressar seus desejos ao psamide. Martha os alcançou no portão e insistiu que levassem o bebê junto.

– Como assim não o querem? Ora, todo mundo o quer, ele é um docinho! E as pessoas gostam dele com todo o coração. E vocês sabem que prometeram à sua mãe que o levariam para passear todo santo dia – insistiu Martha.

– Sei que prometemos – disse Robert, melancólico. – Mas eu queria que o Cordeirinho não fosse tão novo nem tão pequeno. Aí seria bem mais divertido sair com ele.

– Ele vai resolver o problema da idade com o tempo – falou Martha. – E, quanto à pequenez dele, não acho que você iria gostar de carregá-lo mais, não importa quão grande ele fosse. Além disso, ele consegue andar um pouco, graças às pernocas gordas dele, docinho! Ele vai se beneficiar com o ar renovado, não é mesmo, bonitinho?! – disse isso e deu um beijo no Cordeirinho, depois o pôs nos braços de Anthea e voltou para fazer novos aventais com a máquina de costura, instrumento que usava com uma rapidez impressionante.

O Cordeirinho soltou uma risada de prazer e disse:

– Passiá com a Pateia. – Depois foi carregado nas costas de Robert com gritos de alegria, e tentou alimentar Jane com pedras, e de modo geral comportou-se de maneira tão agradável que ninguém ficou muito tempo lamentando de incluí-lo no grupo.

A entusiasmada Jane chegou até a sugerir que eles deveriam reservar desejos de uma semana para assegurar o futuro do bebê, pedindo como presentes para eles coisas como aquelas que as boas fadas dão a princesinhas nos contos de fada. Porém Anthea a lembrou com seriedade que os desejos do duende da areia duravam

apenas até o pôr do sol, e por isso não poderia garantir qualquer benefício para os anos futuros do bebê. E Jane concordou que seria melhor desejar cinquenta libras em moedas de dois xelins e com parte desse dinheiro comprar para o Cordeirinho um cavalo de balanço de pouco mais de três libras, como os que havia em certa loja.

Ficou resolvido que, tão logo fizessem o desejo do dinheiro e o pegassem, iriam contratar o senhor Crispin para levá-los de novo a Rochester, desta vez com Martha, já que não podiam sair sem a companhia dela. E fariam uma lista de coisas que realmente queriam antes de começar. Cheios de esperança e de uma determinação incrível, desceram pelo caminho seguro de carrinhos até a mina, e, ao passarem entre os montes de cascalho, um pensamento súbito os atingiu e os teria empalidecido se eles fossem personagens de um livro infantil. Contudo, sendo crianças de verdade, eles somente pararam e se entreolharam com expressões chocadas e bobas. Pois agora lembraram que no dia anterior, quando pediram ao psamíde uma riqueza ilimitada, e a criatura estava se preparando para encher o buraco com o ouro cunhado de guinéus brilhantes – milhões deles –, ela os havia mandado correr para fora da pedreira por medo de que fossem enterradas naquele pesado tesouro esplêndido. E eles tinham corrido. E por isso não tiveram tempo de demarcar com um círculo de pedras o ponto onde ficava o psamíde, como haviam feito antes. Foi esse pensamento que colocou essas expressões bobas em seus rostos.

– Deixem pra lá – disse a esperançosa Jane. – Logo vamos encontrá-lo.

Mas isso, embora fosse fácil falar, era difícil de fazer. Eles procuraram e procuraram e, apesar de terem encontrado as pás, não acharam o duende da areia em nenhum lugar.

Enfim, tiveram de se sentar e descansar – não porque estivessem cansados ou desiludidos, é claro, e sim porque o Cordeirinho insistiu em ser posto no chão, e não dá para vasculhar com muito cuidado nada que você possa ter perdido na areia se ao mesmo tempo tiver um bebê ativo para cuidar. Peça a alguém para perder seu anel

mais bonito na areia da próxima vez que for à praia, depois leve seu irmãozinho junto quando for procurá-lo, então verá que tenho razão.

O Cordeirinho, como Martha dissera, estava se beneficiando do ar do campo e estava tão brincalhão quanto um macaquinho. Os mais velhos queriam continuar falando sobre os novos desejos que revelariam quando (ou se) encontrassem o psamíde novamente. Mas o Cordeirinho queria se divertir.

Ele viu aparecer uma oportunidade e jogou um punhado de areia no rosto de Anthea. De repente, enfiou a própria cabeça na areia e balançou as perninhas gordas no ar. Então, é claro, a areia entrou em seus olhos, assim como nos de Anthea, e ele chorou.

O atencioso Robert trouxera consigo uma garrafa marrom de bebida de gengibre, contando com uma sede que jamais havia lhe faltado. A garrafa teve de ser desarrolhada depressa – era a única coisa molhada ao alcance, e era necessário lavar de alguma forma a areia dos olhos do Cordeirinho. É claro que o gengibre provocou uma dor horrível e o bebê chorou ainda mais. Em meio à sua angústia de chutar, a garrafa tombou e a deliciosa bebida escorreu para a areia e se perdeu para sempre.

Foi aí que Robert, geralmente um irmão muito paciente, perdeu a cabeça e disse:

– Qualquer um iria querê-lo, humpf! Só que não. Martha não quer, não de verdade, ou teria ficado com ele sem problemas. Ele é um incômodo, é isso o que ele é. É muito chato. Eu só tenho um desejo: que todos *de fato* o quisessem com todo o coração. Quem sabe assim pudéssemos ter alguma paz em nossa vida.

O Cordeirinho parou de chorar, porque Jane de repente se lembrou de que existe apenas uma maneira de tirar coisas dos olhos de crianças pequenas: com a própria língua, macia e úmida. É bem fácil quando se ama o bebê tanto quanto deveria.

Depois houve um curto silêncio. Robert não se orgulhou de ter ficado irritado, e os outros tampouco se orgulharam dele. Dá para perceber com frequência esse tipo de silêncio, quando alguém diz algo que não devia e todo mundo segura a língua à espera de que a pessoa que disse o que não devia peça desculpas.

O silêncio foi rompido por um suspiro – um suspiro que alguém deixou escapar. A cabeça das crianças se virou como se houvesse uma corda amarrada em cada nariz e alguém as tivesse puxado de uma só vez.

E todos eles viram o duende da areia sentado bem próximo, com a expressão que a criatura usava como sorriso em seu rosto peludo.

– Bom dia – cumprimentou o duende. – Esse foi bem fácil de atender! Agora todos o querem!

– Não importa – disse Robert mal-humorado, porque ele sabia que estivera se comportando como um idiota. – Não importa quem o quer... não tem ninguém aqui, de qualquer modo.

– Ingratidão – falou o psamíde – é uma desvirtude terrível.

– Não somos ingratos – Jane apressou-se a dizer –, mas é que não queríamos *de verdade* esse desejo. Robert só falou por falar. Você não consegue pegá-lo de volta e nos conceder um novo?

– Não, eu não posso – respondeu bruscamente o duende da areia. – Mudanças e alterações... não são da minha conta. Vocês devem ser cuidadosos com o que desejam. Certa vez houve um garotinho que desejou um plesiossauro em vez de um ictiossauro, porque era preguiçoso demais para se recordar dos nomes fáceis das coisas do dia a dia. O pai dele tinha ficado tão irritado que o obrigara a ir pra cama antes da hora do chá, e não o tinha deixado sair de canoa com as outras crianças no dia seguinte, quando haveria uma festa anual da escola. Na manhã do dia da festa, ele se aproximou de mim, se jogou no chão e ficou esperneando com suas perninhas pré-históricas e disse que queria morrer. E, é claro, então ele morreu.

– Que horror! – exclamaram ao mesmo tempo todas as crianças.

– Só até o pôr do sol, é claro – emendou o psamíde. – Ainda assim, isso bastou pra deixar o pai e a mãe dele desesperados. E ele levou uma bronca daquelas quando acordou... posso te garantir isso. Ele não virou pedra, me esqueci por quê, mas deve ter havido algum motivo. Eles não sabiam que estar morto significa apenas que se está dormindo, e que a pessoa vai acordar em um lugar ou outro, seja onde foi dormir ou em um lugar melhor. Podem ter

certeza de que ele levou uma bronca por causa do susto que deu nos pais. Ora, ele foi proibido de comer megatério por um mês depois disso. Nada além de ostras e caramujos e outras coisinhas comuns.

Todas as crianças ficaram arrasadas com essa história terrível. Olharam o psamíde aterrorizadas. De repente, o Cordeirinho percebeu que havia alguma coisa marrom e peluda perto dele.

– Gatin, gatin, gatin – disse ele, tentando pegar.

– Não é um gatinho – Anthea começou a falar quando o duende da areia deu um pulo para trás.

– Oh, meu bigodinho esquerdo! – gritou a criatura. – Não o deixe tocar em mim. Ele está molhado.

Seu pelo ficou arrepiado de horror. Era verdade que boa parte da bebida de gengibre tinha sido derramada na bata azul do Cordeirinho.

O psamíde cavou com suas mãos e seus pés e desapareceu num instante em um redemoinho de areia.

As crianças marcaram o local com um círculo de pedras.

– É melhor irmos para casa – disse Robert. – Quero que me desculpem. De qualquer modo, não foi uma boa, mas pelo menos não causou problemas. E agora sabemos onde a coisa da areia está para amanhã.

Os outros foram nobres. Ninguém repreendeu nem um pouquinho Robert. Cyril pegou o Cordeirinho, que agora estava mais tranquilo, e eles partiram pelo caminho dos carrinhos, que acaba quase diretamente na estrada.

No portão da estrada, o grupo parou para trocar o Cordeirinho de lugar: das costas de Cyril para as de Robert. E, enquanto faziam a troca, uma carruagem aberta muito bonita apareceu, com um cocheiro e um lacão à frente e, dentro da carruagem, uma dama bastante elegante, com um vestido de renda branco e fitas vermelhas e uma sombrinha vermelha e branca, além de um cachorrinho peludo no colo com uma fita vermelha amarrada no pescoço. Ela olhou para as crianças, particularmente para o bebê, e

sorriu para ele. As crianças estavam acostumadas com isso, pois o Cordeirinho era, como diziam todos os criados, uma “criança muito encantadora”. Elas acenaram educadamente para a dama e esperaram que passasse. Mas ela não passou. Em vez disso, fez o cocheiro parar e chamou Cyril com um aceno. Quando ele foi até a carruagem, ela disse:

– Que docinho querido esse bebê! Ah, eu *gostaria* muito de adotá-lo! Você acha que a mãe dele se incomodaria?

– Ela se incomodaria muito mesmo – respondeu Anthea bruscamente.

– Ah, mas eu o criaria com luxo, sabem. Sou lady Chittenden. Vocês devem ter visto minha fotografia nos jornais. Sou considerada uma beleza, sabem, mas é claro que isso tudo é bobagem. Enfim...

Ela abriu a porta da carruagem e pulou para fora. Estava usando os mais lindos sapatos de salto alto vermelhos com fivelas prateadas.

– Deixem-me segurá-lo por um minuto – pediu. E pegou o Cordeirinho e o segurou de modo bem esquisito, como se não estivesse acostumada com bebês.

Então, de repente, ela voltou pra dentro da carruagem com o Cordeirinho nos braços, bateu a porta e falou:

– Pode seguir!

O Cordeirinho rugiu, o cachorrinho branco latiu, e o cocheiro hesitou.

– Pode seguir, já disse! – gritou a mulher. E o cocheiro obedeceu, pois, como ele explicou depois, não era seu papel discordar.

As quatro crianças se entreolharam, então em concordância saíram correndo atrás da carruagem e se agarraram na parte traseira. A bela carruagem seguiu pela estrada empoeirada e, atrás dela, em velocidade dobrada, corriam as pernas tremulantes dos irmãos e das irmãs do Cordeirinho.

O Cordeirinho chorava cada vez mais alto, mas com o passar do tempo seus gritos foram lentamente se transformando em soluços,

até que tudo ficou em silêncio e as crianças souberam que ele havia caído no sono.

A carruagem seguiu viagem, e os oito pés que saltavam pela poeira estavam ficando rígidos e cansados antes que o veículo parasse em uma hospedaria em meio a um grande parque. As crianças agacharam atrás da carruagem, e a mulher desceu. Ela olhou para o bebê que dormia no assento e hesitou.

– Queridinho... não vou incomodá-lo – disse ela, e foi até a hospedaria conversar com uma mulher a respeito de ovos de galinhas da raça Buff Orpington que não estavam muito bons.

O cocheiro e o lacaio saíram da carruagem e se curvaram sobre o bebê que dormia.

– Que menino bonito... Gostaria que fosse meu – comentou o cocheiro.

– Não beneficiaria muito *você* – disse o lacaio com azedume. – É bonito demais.

O cocheiro fingiu não ter ouvido e falou:

– Estou admirado com ela... de verdade! Ela odeia crianças. Não tem filho nenhum e não suporta os dos outros.

As crianças, agachadas na areia branca debaixo da carruagem, trocaram olhares desconfortáveis.

– Vou te dizer uma coisa – continuou o cocheiro, firme. – Vou esconder esse garotinho na sebe e falar pra ela que os irmãos dele o pegaram! Depois volto aqui pra buscá-lo.

– Não, *você* não vai fazer isso – disse o lacaio. – Eu gostei desse menino como nunca gostei de criança nenhuma antes. Se alguém tiver que ficar com ele, vai ser eu. E é isso!

– Segura a onda! – replicou o cocheiro. – *Você* não quer filhos e, se quiser, pra *você* uma criança é igual a qualquer outra. Mas eu sou um homem casado e sei julgar bem a ocasião. Sei reconhecer um filhote de primeira linha quando vejo um. Eu vou ficar com ele, mais cedo ou mais tarde.

– E eu vou achar – disse o lacaio, com desdém – que *você* já tem criança suficiente. E quanto a Alfred, e Albert, e Louise, e Victor

Stanley, e Helena Beatrice, e agora outra?

O cocheiro deu um soco no queixo do laçao, e o laçao deu um soco no cocheiro. No minuto seguinte, os dois estavam brigando aqui e ali, dentro e fora, acima e abaixo, por todo lugar. O cachorrinho pulou na parte da frente da carruagem e começou a latir como doido.

Cyril, ainda agachado na areia, foi andando de joelhos para o lado da carruagem mais afastado do campo de batalha. Abriu a porta da carruagem – os dois homens estavam ocupados demais com a briga para notar qualquer coisa –, pegou o Cordeirinho nos braços e, ainda curvado, carregou o bebê adormecido por dez metros ao longo da estrada até uma escarpa que dava acesso a um bosque. Os outros o seguiram, e entre as nogueiras e carvalhos novos e castanheiras, cobertos por uma samambaia que tinha um cheiro forte, todas as crianças ficaram escondidas até que as vozes zangadas dos homens foram silenciadas pela voz zangada da mulher de vermelho e branco. Depois de uma longa e ansiosa busca, a carruagem finalmente se afastou.

– Caramba! – exclamou Cyril, soltando um suspiro profundo quando o som das rodas por fim sumiu a distância. – Todo mundo *quer mesmo* o bebê agora, sem dúvida! Aquele psamide nos pegou de novo! Trapaceiro! Pelo amor, vamos levar esta criança de volta para casa em segurança.

Eles espiaram e, vendo que à direita da estrada não havia ninguém, e que à esquerda também não havia nada além da estrada solitária, tomaram coragem e puseram o pé na estrada, com Anthea carregando o Cordeirinho adormecido.

Muitas aventuras seguiram seus passos. Um menino com um punhado de lenha caiu de costas na beira da estrada e pediu para olhar o bebê, depois se ofereceu para carregá-lo; porém Anthea não seria surpreendida assim outra vez. Todos seguiram adiante, mas o menino foi atrás deles, e Cyril e Robert não conseguiram mandá-lo embora até que o convidaram mais de uma vez para sair no braço. Depois, uma garotinha com um avental xadrez azul e branco os seguiu de verdade por meio quilômetro chorando pelo “bebê

precioso”, e só se livraram dela com ameaças de amarrá-la a uma árvore no bosque com todos os lenços de bolso que tinham.

– E aí os ursos vão comer você assim que escurecer – disse Cyril, bem sério.

Com isso ela foi embora chorando. Logo pareceu sábio aos irmãos e às irmãs do bebê, o qual era desejado por todos, se esconder na sebe sempre que vissem alguém se aproximando, e assim conseguir impedir que o Cordeirinho despertasse o inconveniente afeto de um leiteiro, de um trabalhador das pedreiras e de um homem que dirigia uma carroça com um barril de parafina na parte de trás. Estavam quase em casa quando o pior aconteceu. De repente deram de cara com duas carroças e uma comitiva de ciganos acampados às margens da estrada. As carroças estavam cercadas por cadeiras e berços de vime, flores e espanadores. Muitas crianças maltrapilhas trabalhavam diligentemente na preparação de tortas de areia na estrada, dois homens estavam deitados na grama fumando e três mulheres lavavam a roupa da família com um velho regador vermelho com a tampa quebrada.

Em um instante, todos os ciganos – homens, mulheres e crianças – cercaram Anthea e o bebê.

– Deixa eu segurar ele, mocinha – disse uma das ciganas, que tinha o rosto cor de mogno e o cabelo cor de poeira. – Não vou machucar nem um fio de cabelo dele, que belezinha!

– Prefiro não – respondeu Anthea.

– Deixa eu pegar ele – falou outra mulher, cujo rosto também era da cor do mogno, e seus cabelos eram pretos com cachos oleosos. – Tenho dezenove filhos, tenho mesmo.

– Não – respondeu Anthea corajosamente, mas seu coração batia tão forte que ela quase estava sufocando.

Então um dos homens abriu caminho até ela.

– Num credito nisso! – exclamou ele. – Meu fio, perdido há tanto tempo! Ele tem uma marca qui parece um morango na orelha esquerda? Não? Então é mêmo o meu bebê, que me roubaram na

inocência da infância. E eu tô pur aqui... nem vô botar as lei em cima docê desta vez.

Ele arrancou o bebê dos braços de Anthea, que ficou escarlate e começou a chorar de pura raiva.

Os outros estavam imóveis. Esta era a coisa mais horrível que já lhes tinha acontecido. Nem mesmo serem levados pela polícia em Rochester se comparava com o que ocorria agora. Cyril estava branco, e suas mãos tremiam um pouco, mas ele fez um sinal para os outros ficarem quietos. Ele se manteve em silêncio por um minuto, quebrando a cabeça. Então falou:

– Não queremos ficar com o bebê se ele é seu. Mas, veja, ele é apegado na gente. Você deve ficar com ele se é o que quer.

– Não, não! – gritou Anthea.

Cyril lançou um olhar firme para a irmã.

– É claro que queremos ele – respondeu a mulher, tentando pegar o bebê dos braços do homem. O Cordeirinho chorou alto.

– Ah, ele se machucou! – berrou Anthea.

– Fica quieta! – disse-lhe bem baixinho Cyril, em um tom selvagem. – Confie em mim.

Então, voltou a falar alto:

– Vejam só, ele está muito cansado e cercado por pessoas que não conhece muito bem. Que tal ficarmos aqui um pouco, até que ele se acostume com vocês? Quando for a hora de dormir, dou minha palavra de honra que vamos embora e deixamos vocês ficarem com ele se quiserem. E depois podem decidir quem de vocês vai ficar com ele, já que todos o querem tanto.

– Parece justo – disse o homem que segurava o bebê, tentando soltar o lenço vermelho do pescoço que o Cordeirinho tinha agarrado tão forte, apertando-o ao redor da garganta, ficando quase sem conseguir respirar.

Os ciganos sussurraram, e Cyril aproveitou para sussurrar também, dizendo:

– Pôr do sol! Aí o pegamos de volta.

Assim, seus irmãos e suas irmãs se encheram de espanto e admiração pelo fato de ele ter sido tão esperto por se lembrar disso.

– Ah, deixe-o vir até nós! – falou Jane. – Nós vamos nos sentar e cuidamos dele até que esteja acostumado com vocês.

– E o almoço? – perguntou Robert de repente.

Os outros o olharam com desprezo.

– Imagine só se preocupar com seu almoço idiota quando seu ir... quero dizer, quando o bebê está nesta situação – sussurrou Jane com ardor.

Robert deu uma piscadinha discreta para ela e continuou:

– Você não se importa se eu for até em casa para buscar nosso almoço? – perguntou ele ao cigano. – Posso trazer tudo aqui em uma cesta.

Seu irmão e suas irmãs se sentiram muito acima disso e o desprezaram. Eles não captaram sua intenção secreta. Mas os ciganos entenderam em um minuto.

– Ah, sim! – disseram. – Você quer é buscar a polícia e vai contar um monte de mentiras, dizendo que o bebê é de vocês, e não da gente! Nunca vai conseguir pegar uma pessoa esperta de surpresa – completaram.

– Se vocês estão com fome, podem comer um pouco com a gente – disse a cigana de cabelo claro de modo gentil. – Aqui, Levi, aquele bebê abençoado vai chorar até as tampas. Dê ele pra mocinha, e vamos ver se essas crianças não conseguem fazer ele se acostumar um pouco com a gente.

O Cordeirinho foi devolvido, porém os ciganos se aglomeraram tão próximos que ele não conseguiu parar de chorar. O homem com o lenço vermelho disse:

– Faraó, acenda o fogo; e vocês, meninas, cuidem da panela. Deem espaço pro pequeno.

Os ciganos, então, muito contra a vontade, foram fazer seu trabalho, e as crianças e o Cordeirinho foram deixados sentados na grama.

– Ele vai ficar bem ao pôr do sol – sussurrou Jane. – Mas, ah, isto é péssimo! Imaginem só se eles ficarem terrivelmente bravos quando recobram os sentidos! Eles talvez queiram bater em nós, ou nos deixar amarrados em árvores, ou algo assim.

– Eles não vão fazer nada disso – disse Anthea. – *Ah, meu Cordeirinho, não chore mais. Está tudo bem. A Panteia tá com você, docinho!* Eles não são pessoas malvadas, senão não nos dariam almoço.

– Almoço? – retrucou Robert. – Eu não vou comer almoço nenhum. Iria morrer engasgado!

Os outros pensaram a mesma coisa. Contudo, quando o almoço ficou pronto – acabou virando jantar, pois chegou entre quatro e cinco da tarde –, todos ficaram contentes de comer tudo o que receberam. Era coelho cozido com cebolas e alguma ave bem parecida com frango, porém mais viscosa perto das coxas e com um sabor mais forte. O Cordeirinho comeu pão amolecido com água quente e polvilhado de açúcar mascavo. Ele gostava muito disso e consentiu em ser alimentado pelas duas mulheres ciganas enquanto permanecia sentado no colo de Anthea. Durante toda aquela tarde quente, Robert, Cyril, Anthea e Jane tiveram que manter o Cordeirinho alegre e feliz sob os olhares ansiosos dos ciganos. Quando as sombras se estenderam escuras pelos prados, o bebê realmente se deixara levar pela mulher de cabelos claros, e até mesmo consentira em soprar um beijo para as crianças, e se levantar e cumprimentar com a mão no peito – “como se fosse um cavalheiro” – os dois homens. Todo o acampamento cigano estava em êxtase com ele, e seus irmãos e suas irmãs não podiam deixar de sentir algum prazer em mostrar suas realizações para uma plateia tão interessada e entusiasmada. No entanto, o quarteto ansiava pelo pôr do sol.

– Está virando um hábito ficarmos ansiosos pelo pôr do sol – sussurrou Cyril. – Como gostaria que pudéssemos fazer um desejo sensato de verdade, que seria útil de alguma maneira, para ficarmos tristes quando o pôr do sol chegasse.

As sombras ficaram cada vez mais longas, até que finalmente não havia mais sombras separadas, e sim uma única, suave e brilhante, que cobria tudo; pois o Sol estava fora de vista – atrás do morro –, mas ainda não havia se posto. As pessoas que fazem as leis sobre as bicicletas com acendedores de lâmpadas são as pessoas que decidem quando o Sol se põe; e ele precisa seguir à risca o combinado, pontualmente, senão elas saberiam o motivo!

Os ciganos, entretanto, estavam ficando impacientes.

– Agora, jovenzins – disse o homem com o lenço vermelho –, é hora docês deitar suas cabecinhas nos travessêros... É mermo! O bebê tá bem e já tá amigo nosso... Entonces pode passar ele pra cá e desocupar a moita como ocês falaram que iam fazê.

As mulheres e as crianças começaram a se aglomerar ao redor do Cordeirinho, braços eram estendidos, dedos estalavam, convidativos, rostos amigáveis se iluminavam com sorrisos de admiração; mas nada disso conseguiu convencer o leal Cordeirinho. Ele se agarrou com os braços e as pernas a Jane, que o estava segurando, e soltou o rugido mais sombrio de todo o dia.

– Não adianta – disse a mulher. – Passe esse bonequinho pra cá, senhorita. A gente logo acalma ele.

Ainda assim o Sol não se punha.

– Explique para ela como faz para botá-lo na cama – sussurrou Cyril. – Qualquer coisa para ganharmos tempo... e esteja pronta para correr quando o Sol deixar de besteira e tomar a decisão de se pôr.

– Sim, vou entregá-lo em um minuto – começou Anthea, falando bem rápido. – Mas me deixe só contar: ele toma um banho quente toda noite e um banho frio toda manhã, e ele tem um coelho de cerâmica com o qual toma o banho quente, e um pequeno Samuel de porcelana branca rezando em cima de uma almofada vermelha, com o qual toma o banho frio. E, se você deixar o sabonete entrar em seus olhinhos, o Cordeirinho...

– Oincho do Codeinho – disse ele, que havia parado de rugir para escutar.

A mulher deu risada.

– Como se eu nunca tivesse dado banho em um bebê! – exclamou ela. – Vai... dá ele pra gente. Vem com a Amélia, precioso.

– Sai, boba! – respondeu prontamente o Cordeirinho.

– Sim, mas – continuou Anthea –, sobre as refeições dele. Você *precisa* me deixar te contar que ele come uma maçã ou banana toda manhã, e sopa de leite com pão de café da manhã, e um ovo de vez em quando, e...

– Eu criei dez filhos meus – disse a mulher de cachos pretos –, além de crianças dos outros. Vai, senhorita, dá ele pra gente... Não consigo mais esperar. Preciso muito dar um abraço nele.

– Não resolvemos ainda quem vai ficar com ele, Esther – disse um dos homens. – Não vai ser você, Esther, que já tem sete crianças agarradas em suas pernas.

– Não tenho certeza disso – retrucou o marido de Esther.

– E eu sou ninguém, que não posso dar opinião? – disse contrariado o marido de Amélia.

– E eu? – perguntou Zillah, a menina. – Eu tô sozinha na vida... não tenho ninguém pra cuidar... Preciso ficar com ele.

– Morde a sua língua!

– Cala a sua boca!

– Não quero mais ouvir essa malcriação!

Todos estavam ficando muito bravos. Os rostos ciganos escuros franziam o cenho e ganhavam semblantes ansiosos. De repente, uma mudança passou como uma onda por eles, como se uma esponja invisível tivesse limpado aquelas expressões irritadas e ansiosas, deixando-as em branco.

As crianças viram que o Sol tinha *realmente* se posto. Mas estavam com medo de se mover. E os ciganos estavam se sentindo muito confusos, por causa da esponja invisível que havia lavado todos os sentimentos das últimas horas de seus corações, que não conseguiam dizer uma palavra sequer.

As crianças mal ousavam respirar. Imaginavam se os ciganos, quando recobrassem a fala, ficariam furiosos de pensar quão tolos

havam sido durante o dia todo.

Foi um momento estranho. De repente, Anthea, muito ousada, estendeu o Cordeirinho para o homem com o lenço vermelho.

– Aqui está ele! – disse ela.

O homem recuou.

– Não quero tirar nada de você, senhorita – disse ele com a voz rouca.

– Quem quiser pode ficar com a minha parte dele – falou outro homem.

– Afinal, eu já tenho mais que suficiente – comentou Esther.

– Mas ele é um carinha bem legal – disse Amélia. Ela era a única que ainda olhava com afeição para o Cordeirinho, que choramingava.

– Não sei se estou com insolação, mas eu não o quero – afirmou Zillah.

– Então podemos levá-lo embora? – perguntou Anthea.

– Bem, acho que sim – respondeu Faraó cordialmente. – E não falamos mais disso!

Sem demora todos os ciganos começaram a se ocupar com atividades noturnas em suas barracas. Todos exceto Amélia. Ela foi com as crianças até a curva da estrada, onde falou:

– Me deixa dar um beijo nele, senhorita... Não sei o que foi que fez a gente se comportar que nem besta. Nós, ciganos, não roubamos crianças, não importa o que dizem sobre nós quando vocês se comportam mal. Já temos crianças suficientes pra cuidar. Mas eu perdi todas as minhas.

Ela se inclinou na direção do Cordeirinho, que, fitando os olhos dela, inesperadamente pôs uma mãozinha suave e suja no rosto dela e fez um carinho.

– Tadinha, tadinha! – disse o bebê. Ele deixou a cigana beijá-lo e, o que foi impressionante, beijou a bochecha dela em resposta; um beijo muito bonito, como são todos os beijos dele, e não um daqueles molhados que alguns bebês dão.

A cigana fez um sinal com o dedo na testa dele, como se escrevesse algo, e fez o mesmo no peito, nas mãos e nos pés dele, depois falou:

– Que ele seja corajoso, e que tenha uma cabeça forte para pensar, um coração forte para amar, mãos fortes para trabalhar, e pés fortes para viajar, e sempre volte para casa em segurança.

Então ela disse algo em uma língua diferente que nenhum deles conseguiu entender, e de repente acrescentou:

– Bem, devo dizer “até mais” e ficar feliz de ter conhecido vocês. – Ela virou-se e voltou para a casa dela: a barraca na margem da estrada onde havia mais grama.

As crianças ficaram observando-a até que ela sumisse de vista. Robert disse:

– Que tola! Nem o pôr do sol fez a cabeça dela ficar boa. Quanta besteira ela falou!

– Bem – retrucou Cyril –, se você quer saber minha opinião, eu acho que foi bem apropriado da parte dela.

– Apropriado? – inquiriu Anthea. – Foi muito gentil da parte dela. Achei que ela foi muito bacana.

– Ela é bacana demais, isso sim – emendou Jane.

E eles foram para casa: muito atrasados para o chá e absurdamente atrasados para o almoço. Evidente que Martha lhes deu uma bronca. Mas o Cordeirinho estava a salvo.

– Quero dizer uma coisa: no fim das contas, nós queríamos o Cordeirinho tanto quanto qualquer outra pessoa – comentou Robert depois.

– É claro.

– Mas vocês se sentem diferentes agora que o Sol se pôs?

– Não – responderam todos os outros ao mesmo tempo.

– Então o desejo durou para além do pôr do sol com a gente.

– Não durou, não – explicou Cyril. – O desejo não afetou *a gente*. Nós sempre o quisemos com todo o nosso coração quando éramos nós mesmos, o problema é que fomos uns idiotas nesta manhã. Especialmente você, Robert.

Robert suportou isso com uma tranquilidade incomum.

- Eu sem dúvida *pensei* que não o queria esta manhã – falou ele.
- Talvez eu tenha sido um idiota. Mas tudo pareceu muito diferente quando pensamos que íamos perdê-lo.

ASAS

O dia seguinte estava muito úmido – úmido demais para sair de casa, e úmido além da conta para pensar em incomodar um duende da areia tão sensível à água que ainda, depois de milhares de anos, sentia a dor de uma vez ter molhado o bigodinho esquerdo. Foi um dia longo, e foi somente à tarde que todas as crianças decidiram de repente escrever cartas à mãe. Foi Robert quem teve a infelicidade de virar o tinteiro – que geralmente era fundo e estava cheio – direto na mesa de Anthea, onde ela fingia, há muito tempo, que uma criação de chiclete e cartolina pintada com nanquim era uma gaveta secreta. Não foi exatamente culpa de Robert; foi apenas infelicidade que, por acaso, ele estava erguendo o tinteiro no momento em que Anthea tinha conseguido abri-lo, e quando o Cordeirinho decidira ficar debaixo da mesa e quebrou seu passarinho de brinquedo que piava. Havia um fio dentro do pássaro e, é claro, imediatamente o Cordeirinho fez correr o fio pela perna de Robert; e assim, sem que fosse a vontade de ninguém, a gaveta secreta foi inundada de tinta. Ao mesmo tempo, um riacho derramou-se sobre a carta incompleta de Anthea, que ficou mais ou menos assim:

Querida mamãe,

Espero que esteja bem e que a vovó esteja melhor. No outro dia, nós...

Então vinha a mancha de tinta e, no final, estas palavras escritas a lápis:

Não fui eu que derramei a tinta, mas demorou tanto para limpar que não tenho mais tempo até a hora do correio.

Da sua filha que te ama,

Anthea

A carta de Robert não tinha sequer sido começada. Ele ficara desenhando um navio no mata-borrão enquanto tentava pensar no que dizer. Evidente que, depois de ter virado o tinteiro, ele teve de ajudar Anthea a limpar a mesa e prometeu lhe fazer outra gaveta secreta, melhor que a anterior. Ela disse:

– Ora, faça agora.

Assim, havia chegado a hora do correio e a carta dele não estava pronta. Nem a gaveta secreta, aliás.

Cyril escreveu uma longa carta, muito depressa, depois foi fazer uma armadilha para lesmas sobre a qual havia lido em uma revista de jardinagem, e quando chegou a hora do correio ele não conseguiu achar a carta, que nunca foi encontrada. Talvez as lesmas a tenham comido.

A carta de Jane foi a única a ser enviada. Ela queria contar à mãe tudo sobre o psamíde – na verdade, todos eles queriam fazer isso –, mas passou tanto tempo pensando em como se escrevia a palavra que não teve tempo de contar a história direito, e é inútil contar uma história a não ser que se conte direito, por isso ela teve de se contentar com isto:

Minha querida mamãe,

Estamos todos nos comportando bem, como você nos pediu, e o Cordeirinho está um pouco resfriado, mas a Martha disse que não é nada, foi só porque ele virou o aquário dos peixinhos-dourados nele mesmo ontem de manhã. Quando fomos à mina no outro dia, descemos pelo caminho seguro, por onde passam as carroças, e descobrimos um...

Meia hora se passou antes que Jane tivesse certeza de que nenhum deles sabia escrever a palavra psamíde. E não conseguiram achar o termo no dicionário, embora tenham pesquisado. Jane acabou terminando a carta de modo apressado.

Descobrimos uma coisa estranha, mas está quase na hora do correio, por isso não tenho mais nada a dizer por ora.

De sua garotinha,

Jane

P.S.: Se você pudesse ter um desejo realizado, qual seria?

Então ouviram o carteiro soprar sua buzina, e Robert correu na chuva para parar sua carroça e entregar-lhe a carta. E foi assim que aconteceu e, embora todas as crianças quisessem contar à mãe

sobre o duende da areia, de um jeito ou de outro ela nunca chegou a conhecê-lo. Houve outras razões pelas quais ela nunca chegou a conhecê-lo, mas falaremos disso depois.

No dia seguinte, o tio Richard veio e levou todos eles, exceto o Cordeirinho, para Maidstone em uma carroça. O tio Richard era um tio e tanto. Comprou brinquedos para eles em Maidstone. Levou-os a uma loja e os deixou escolher exatamente o que queriam, sem restrições de preço, e nenhuma bobagem sobre as coisas serem educativas. É muito sábio deixar as crianças escolherem exatamente o que querem, porque elas são muito tolas e inexperientes, e pode acontecer de escolherem algo bem educativo sem querer. Foi o que aconteceu com Robert, que escolheu, no último minuto e de modo bem apressado, uma caixa com imagens de touros alados com cabeça humana e de homens alados com cabeça de águia. Ele pensou que haveria animais dentro, como havia no lado de fora da caixa. Porém, quando chegou em casa, descobriu que se tratava de cruzadinhas sobre a antiga Nínive⁴! Os outros escolheram na pressa, e brincaram sem pressa. Cyril ganhou um motor modelo, e as meninas ganharam duas bonecas, além de um aparelho de chá de porcelana com ornamentos florais, “para elas dividirem”. O “para dividirem” dos meninos foi um arco e flecha.

Depois o tio Richard os levou a um passeio de barco pelo lindo rio Medway, então tomaram chá em uma bela confeitaria. Quando chegaram em casa, era tarde demais para realizar desejos naquele dia.

Eles não contaram ao tio Richard nada sobre o psamíde. Eu não sei por quê. E eles não sabem por quê. Mas creio que você consiga adivinhar.

No dia seguinte ao que o tio Richard havia sido tão legal foi um dia muito, muito quente. As pessoas que decidem como o clima vai ser e que escrevem suas ordens nos jornais toda manhã disseram depois que foi o dia mais quente dos últimos anos. Elas haviam ordenado que fosse “mais quente, com algumas pancadas de chuva”, e certamente foi mais quente. Na verdade, o dia estava tão

ocupado sendo mais quente que não teve tempo de acatar a ordem das pancadas de chuva, por isso não houve nenhuma.

Já te aconteceu de acordar às cinco da manhã em uma bela manhã de verão? É muito bonito. A luz do Sol é rosada e amarelada, e a grama e as árvores ficam cobertas de gotas de orvalho. E todas as sombras correm na direção oposta daquela, para onde vão toda manhã, o que é bem interessante e te faz sentir como se você estivesse em outro mundo.

Anthea acordou às cinco. Ela se obrigou a acordar, e eu preciso te contar como se faz isso, mesmo que você fique esperando pela continuação da história.

Você vai para a cama à noite e fica deitado de costas com as mãos esticadas ao lado do corpo. Então fala “Quero acordar às cinco” (ou às seis, ou sete, ou oito, ou nove, ou a hora que desejar) e, ao dizer isso, abaixa o queixo até encostá-lo no peito, depois bate a cabeça no travesseiro. E faz isso na quantidade de vezes do horário que quer acordar. (Essa é uma conta bem fácil.) É claro que tudo depende de você querer de verdade acordar às cinco (ou seis, ou sete, ou oito, ou nove); se você não quiser de verdade, nem adianta. Porém, se quiser mesmo... bem, tente e verá. É claro que nesse caso, assim como para fazer prosa em latim ou travessuras, a prática leva à perfeição. Anthea conseguia fazer quase à perfeição.

No exato momento em que abriu os olhos, ela ouviu o relógio preto e dourado lá da sala de jantar bater onze badaladas. Ela soube, então, que faltavam três minutos para as cinco. O relógio preto e dourado sempre batia errado, mas não tinha problema se você soubesse o que significavam as badaladas dele. Era como se fosse uma pessoa falando em uma língua estrangeira. Se você conhece a língua, é tão fácil de entender como se fosse a sua própria. E Anthea conhecia a língua do relógio. Ela estava bem sonolenta, mas pulou da cama e pôs o rosto e as mãos em uma bacia com água gelada. Esse é um feitiço mágico que te impede de querer voltar para a cama. Depois ela se vestiu e dobrou a camisola. Ela não enrolou as mangas, mas as dobrou pelas costuras da bainha, o que revela o tipo de menina bem-educada que ela era.

Ela pegou os sapatos e desceu de fininho as escadas. Abriu a janela da sala de jantar e saltou para fora. Teria sido tão fácil quanto sair pela porta, mas sair pela janela era mais romântico, e menos provável de ser notada por Martha.

– Eu sempre vou acordar às cinco – disse Anthea para si mesma.
– O dia está bonito demais para qualquer outra coisa.

Seu coração batia muito rápido, pois ela estava pondo em prática um plano secreto. Ela não tinha como ter certeza de que era um bom plano, mas tinha quase certeza de que não seria nem um pouco melhor se contasse aos irmãos. E tinha uma sensação de que, fosse certo ou errado, ela preferiria seguir sozinha com ele. Ela calçou os sapatos na varanda, debaixo das telhas brilhantes vermelhas e amarelas, depois correu direto para a mina, onde achou o local do psamíde e cavou. A criatura ficou muito irritada.

– Que horrível – comentou ele, e seu pelo ficou mais fofo, como ocorre com as penas dos pombos na época do Natal. – O clima está ártico, e estamos no meio da noite.

– Desculpe – disse Anthea gentilmente. Ela tirou o avental branco e o usou para cobrir o duende da areia, deixando apenas a cabeça de fora com suas orelhas de morcego e olhos como os de um caracol.

– Obrigado – disse ele. – Assim está melhor. Qual é o seu desejo desta manhã?

– Não sei – respondeu ela. – Esse é o problema. Veja só, até agora fomos muito azarados. Eu queria conversar com você sobre isso. Mas... você se importaria de não me conceder nenhum desejo antes do café da manhã? É difícil conversar com alguém que corre para conceder desejos que você não quer de verdade!

– Você não deveria dizer que deseja coisas se não as deseja. No passado, as pessoas quase sempre sabiam se era um megatério ou um ictiossauro que queriam para o almoço.

– Vou tentar não dizer – falou Anthea –, mas eu desejo mesmo...

– Cuidado! – alertou o psamíde, então começou a inchar.

– Oh, este não é um desejo mágico... É apenas... Eu ficaria contente se você não inchasse nem quase explodisse para me dar qualquer coisa agora. Espere até os outros chegarem aqui.

– Certo, certo – disse ele, indulgente, e estremecendo.

– Você gostaria – perguntou Anthea com delicadeza – de se sentar no meu colo? Assim ficaria mais aquecido, e eu poderia virar a saia do meu vestido para te cobrir. Eu tomaria muito cuidado.

Anthea jamais esperara que ele aceitasse o convite, mas ele aceitou.

– Obrigado – agradeceu ele. – Você é realmente muito atenciosa.

Subiu no colo dela e se aconchegou, e ela o envolveu com os braços com uma gentileza um tanto assustada. Então ele falou:

– Agora diga!

– Bem, então – prosseguiu Anthea. – Tudo o que desejamos acabou se tornando bem horrível. Eu gostaria que você nos aconselhasse. Você é tão velho, deve ser muito sábio.

– Sou generoso desde criancinha – contou o duende da areia. – Passei todas as horas da minha vida dando coisas. Só tem uma coisa que eu não dou: conselho.

– Mas, olha – continuou Anthea –, é uma coisa tão maravilhosa... uma oportunidade esplêndida, gloriosa. É tão bom e gentil e legal da sua parte conceder os nossos desejos, e parece uma pena que tudo seja em vão apenas porque somos tolos demais para saber o que desejar.

Anthea pretendia dizer isso, e não quisera dizer na frente dos outros. Uma coisa é se chamar de tolo, outra completamente diferente é chamar os outros assim.

– Criança – disse o duende da areia, sonolento –, posso apenas te aconselhar a pensar antes de falar.

– Mas achei que você nunca desse conselhos.

– Esse aí não conta – disse a criatura. – Você nunca vai segui-lo! Além do mais, não é original. Está em todas as cartilhas.

– Você não poderia só me dizer se acha que asas são um desejo muito bobo?

– Asas? – repetiu ele. – Acho que poderia ser pior. Só tome cuidado para não estar voando muito alto ao pôr do sol. Uma vez ouvi falar de um menino de Nínive. Era um dos filhos do rei Senaqueribe, e recebeu um psamíde de um viajante. Ele costumava mantê-lo em uma caixa de areia na varanda do palácio. Foi uma degradação terrível para um de nós, é claro; porém o menino era o filho do rei da Assíria. Certo dia, ele desejou asas e as recebeu. Mas ele se esqueceu de que elas virariam pedras ao pôr do sol, e quando isso aconteceu ele caiu em cima de um dos leões alados no topo da grande escadaria do pai; e o que aconteceu quando *suas* asas de pedra bateram nas asas de pedra dos leões... bem, não é uma história bonita! Mas acredito que o garoto se divertiu muito antes disso.

– Me diga uma coisa – pediu Anthea –, por que os nossos desejos agora não viram pedra? Por que simplesmente desaparecem?

– *Autres temps, autres mœurs* – respondeu a criatura.

– É a língua de Nínive? – perguntou Anthea, que não tinha aprendido na escola nenhuma língua estrangeira além do francês.

– Isso significa – continuou o psamíde – que, nos tempos antigos, as pessoas desejavam presentes cotidianos muito sólidos, como mamutes e pterodátilos e coisas assim, que poderiam ou não virar pedra com a mesma facilidade. Mas hoje em dia as pessoas sonham alto e desejam coisas muito extravagantes. Como você transforma ser belo como o dia ou ser querido por todos em pedra? Veja, não tem como. E nunca daria certo ter duas regras, por isso elas simplesmente pararam de existir. Se ser belo como o dia *pudesse* virar pedra, duraria por um tempo longo demais, sabe... muito mais do que você viveria. Veja só as estátuas gregas. É melhor assim. Adeus. Estou com *muito* sono.

Ele pulou do colo dela, cavou freneticamente e sumiu.

Anthea se atrasou para o café da manhã. Foi Robert quem discretamente derramou uma colherada de melado na roupa do Cordeirinho, de modo que ele teve de ser levado e lavado por completo depois do café da manhã. É claro que foi uma coisa muito travessa de se fazer, mas serviu a dois propósitos: deixou o

Cordeirinho feliz, que amava ficar pegajoso mais do que qualquer outra coisa, e limitou a atenção de Martha, de modo que os outros puderam escapar para a mina sem o Cordeirinho.

Foi o que fizeram, e na alameda Anthea, que estava sem fôlego por causa da correria ao saírem escondidos, ofegou:

– Quero propor que a gente se alterne para fazer pedidos. Só que ninguém pode pedir nada que os outros não considerem um bom pedido. Concordam?

– Quem vai fazer o primeiro pedido? – perguntou Robert, cauteloso.

– Eu, se não se importarem – disse Anthea, em tom de desculpa. – E pensei no assunto, e o meu desejo são asas.

Houve um silêncio. Os outros bem que queriam encontrar um defeito, mas era difícil, porque a palavra “asas” provocou uma vibração de empolgação alegre no peito de cada um.

– Não é tão ruim – comentou Cyril, de modo generoso.

– De fato, Pantera, você não é tão boba quanto parece – acrescentou Robert.

– Eu acho que seria adorável – disse Jane. – É como um sonho brilhante de delírio.

Eles encontraram o duende da areia com facilidade. Anthea disse:

– Eu desejo que todos nós tenhamos lindas asas para voar.

O duende da areia inchou, e no momento seguinte cada criança sentiu algo esquisito nos ombros, meio pesado e meio leve. O psamíde pendeu a cabeça de lado e virou os olhos de caracol de uma criança para a outra.

– Não é tão ruim – disse a criatura em tom sonhador. – Mas, de fato, Robert, você não é tão angelical quanto parece.

Robert quase enrubesceu.

As asas eram enormes, e mais lindas do que você poderia imaginar. Eram macias e lisinhas, e cada pena ficava perfeitamente em seu lugar. E as penas eram das mais lindas cores misturadas, como um arco-íris, ou vidro iridescente, ou a bela espuma que às vezes flutua na água e que não é nada agradável de se beber.

– Ah... mas será que conseguimos voar? – perguntou Jane, alternando ansiosa o apoio do corpo de um pé para o outro.

– Cuidado! – exclamou Cyril. – Você está pisando na minha asa.

– Dói? – perguntou Anthea, interessada.

Mas ninguém respondeu, porque Robert tinha aberto as asas e saltado, e agora estava lentamente subindo no ar. Ele parecia bem estranho em seu terno de calças folgadas; suas botas, em especial, penduravam-se inúteis e pareciam muito maiores do que quando ele estava de pé no chão. Os outros, porém, não ligaram nem um pouco para a aparência de Robert – ou para a aparência deles próprios, para falar a verdade. Pois agora todos tinham aberto as asas e subido no ar. É claro que todos vocês sabem como é voar, porque todo mundo já sonhou que voava, e parece tão maravilhosamente fácil – só que ninguém nunca lembra como faz; e como regra, nos sonhos você precisa voar sem asas, o que é mais inteligente e também mais incomum, mas então não é tão fácil de lembrar como faz. Agora as quatro crianças se elevaram do chão batendo as asas, e você não consegue imaginar quão boa era a sensação do ar batendo contra o rosto delas. Suas asas eram tremendamente largas quando esticadas, e elas tinham que voar bem longe uma da outra para não trombarem. Contudo, coisinhas como essa são facilmente aprendidas.

Todas as palavras do dicionário, bem como do léxico grego, são, acredito eu, inúteis para descrever exatamente qual é a sensação de voar, então nem vou tentar. Porém vou dizer que olhar para *baixo* e ver os campos e as matas, em vez de vê-los ao lado, é algo como se você estivesse olhando para um mapa vivo, onde, em vez de cores bobas em um papel, há comoventes matas ensolaradas e campos verdes dispostos um após o outro. Como disse Cyril, e não consigo imaginar onde ele foi buscar essa expressão estranha: “Provoca um prazer muito bom!”. Era mais maravilhoso e mais como magia verdadeira do que qualquer desejo que as crianças já tinham pedido. Elas bateram suas grandes asas de arco-íris e voaram, e navegaram entre a terra verde e o céu azul; e voaram diretamente sobre Rochester e depois viraram em direção a Maidstone, e logo

todos começaram a sentir muita fome. Curiosamente, isso aconteceu quando estavam voando baixo, atravessando um pomar onde algumas ameixas brilhavam vermelhas e maduras, mesmo ainda não tendo chegado a época dessa fruta.

Eles pairaram sobre as árvores com suas asas abertas. Eu não consigo explicar como se faz, mas é algo parecido com deslizar pela água quando se está nadando, e os falcões fazem isso muito bem.

– Creio que sim – disse Cyril, embora ninguém tivesse falado nada. – Mas roubar é roubar, mesmo que você tenha asas.

– Acha mesmo? – questionou Jane alegremente. – Se você tem asas, é como um pássaro, e ninguém se importa com pássaros quebrando os mandamentos. Ao menos, eles *podariam* se importar, mas os pássaros sempre fazem isso, e ninguém dá bronca neles nem os manda para prisão.

Não foi tão fácil quanto você imagina pousar em uma ameixeira, porque as asas de arco-íris eram muito grandes. De algum modo, porém, todos conseguiram, e as ameixas sem dúvida estavam muito doces e suculentas.

Felizmente, foi só quando todos já tinham comido muitas ameixas, mas não tantas a ponto de passarem mal, que viram um homem robusto, cuja aparência era a de quem era o dono das ameixeiras, vindo correndo pelo portão do pomar com um bastão grosso – e com um aceno de cabeça desembaraçaram as asas dos galhos cheios de ameixas e começaram a voar.

O homem parou de repente, boquiaberto. Pois ele tinha visto os galhos de suas árvores se mexendo e se contorcendo, e dissera para si mesmo: “De novo esses bichos selvagens!”. Saiu imediatamente, pois os rapazes da aldeia haviam lhe ensinado em temporadas passadas que é preciso ficar de olho nas ameixas. Entretanto, quando viu as asas de arco-íris tremularem na ameixeira, sentiu que devia ter ficado maluco, e não gostou nada da sensação. Quando Anthea olhou para baixo e viu a boca dele se abrir devagar, e viu o rosto dele ficar verde e com manchas roxas, ela gritou:

– Não fique assustado. – Apalpou o bolso apressadamente para achar uma moeda de três centavos com um furo, que ela pretendia pendurar numa fita e usar no pescoço como amuleto da sorte. Ela pairou sobre o coitado do dono das ameixas e disse: – Nós comemos algumas das suas ameixas. Pensamos que não era roubar, mas agora não tenho mais certeza disso. Então aqui está um pouco de dinheiro para pagar por elas.

Ela desceu em direção ao agricultor de ameixas aterrorizado e enfiou a moeda no bolso de seu paletó, e com algumas batidas de asas se reuniu de novo com os irmãos.

O fazendeiro caiu sentado na grama.

– Ora, estou danado! – disse o homem. – Isso aqui é o que chamam de alucinação, eu acho. Mas esta moeda... – Ele a tirou do bolso e a mordeu. – *Ela* é de verdade. Bem, de agora em diante serei um homem melhor. Esse é o tipo de coisa que faz a pessoa nunca mais beber na vida, isso sim. Mas estou feliz que são apenas asas. Prefiro ver pássaros que não são, e não poderiam ser, mesmo que finjam falar, do que algumas coisas que eu poderia nomear.

Ele se levantou devagar e pesadamente e entrou em casa, e foi tão gentil com a esposa naquele dia que ela ficou feliz e disse para si mesma: “Puxa, o que será que aconteceu com esse homem?!”. Ela se avivou e colocou um laço de fita azul no lugar do colarinho, e ficou tão bonita que ele foi mais gentil do que nunca. Então, talvez as crianças aladas realmente tenham feito uma coisa boa naquele dia. Se foi esse o caso, também foi a única coisa boa; pois realmente nada causa tantos problemas quanto asas. Por outro lado, se você está em apuros, nada te ajuda a escapar tão bem quanto asas.

Foi esse o caso do feroz cachorro que saltou sobre eles quando dobraram as asas bem baixo e foram até a porta de uma fazenda pedir uma fatia de pão e queijo, pois, apesar das ameixas, eles não demoraram a ficar tão famintos como sempre.

Não há dúvida de que, se os quatro fossem crianças normais sem asas, aquele cachorro preto e feroz teria dado uma boa mordida na perna de Robert, que estava mais próximo. Porém, no primeiro

grunhido, houve um bater de asas, e ao cão restou ficar de pé sobre as patas traseiras, puxando a corrente esticada, como se também estivesse tentando voar.

Eles tentaram várias outras fazendas, mas naquelas onde não havia cães as pessoas ficavam assustadas demais para fazer qualquer outra coisa a não ser gritar. Por fim, quando já eram quase quatro horas da tarde e as asas estavam ficando bem rígidas e cansadas, eles pousaram em cima de uma torre da igreja e organizaram um conselho de guerra.

– Não vamos conseguir voar até em casa sem almoço nem chá – disse Robert com um desesperado tom decidido.

– E ninguém vai nos dar almoço, nem mesmo um lanche, que dirá chá – falou Cyril.

– Talvez o clérigo daqui dê – sugeriu Anthea. – Ele deve saber tudo sobre anjos...

– Qualquer um consegue ver que não somos anjos – retrucou Jane. – Olhe as botas de Robert e a gravata xadrez do Esquilo.

– Bem – disse Cyril com firmeza –, se o local onde você está não quer *vender* provisões, você pode *pegá-las*. Durante guerras, quero dizer. Tenho quase certeza de que pode. E mesmo em outras histórias nenhum bom irmão permitira que as irmãzinhas morressem de fome em meio à fartura.

– Fartura? – repetiu Robert, faminto.

Os outros olharam vagamente para a desprovida torre de chumbo da igreja e murmuraram:

– Em meio à fartura?

– Sim – insistiu Cyril de modo imponente. – Tem uma janela de despensa na lateral da casa do clérigo, e eu vi coisas de comer lá dentro: manjar e carne fria de frango e língua... e tortas... e geleia. É uma janela bem alta... mas com asas...

– Que esperto você! – elogiou Jane.

– Nem um pouco – respondeu Cyril, modesto. – Qualquer general nato, como Napoleão ou o duque de Marlborough, teria visto o mesmo que eu.

– Parece muito errado – comentou Anthea.

– Bobagem – disse Cyril. – O que foi que Sir Philip Sidney disse quando o soldado não lhe deu uma bebida? “Minha necessidade é maior que a dele.”

– Mas vamos juntar nosso dinheiro e deixar lá para pagar pelas coisas, não vamos? – Anthea foi convincente, e estava à beira das lágrimas, porque é muito difícil sentir uma fome absurda ao mesmo tempo que se sente um pecador terrível.

– Uma parte dele – foi a resposta cautelosa dos outros.

Agora, todos viraram os bolsos no telhado de chumbo da torre, onde visitantes dos últimos 150 anos tinham marcado as iniciais de suas paixões com canivetes no chumbo. Havia pouco mais de cinquenta e sete centavos no total, até mesmo a certinha da Anthea admitiu que era dinheiro demais para pagar o almoço de quatro pessoas. Robert disse que pensou em dezoito centavos.

Enfim concordaram que trinta centavos era um valor “bom”.

Então, Anthea escreveu no verso do boletim do último período, que por um acaso estava no bolso dela, não sem antes rasgar o nome dela e o da escola, o seguinte recado:

Caro reverendo clérigo,

Estamos com muita fome por ter voado o dia todo, e pensamos que não é roubar quando se está morrendo de fome. Estamos com medo de pedir a você, por receio de que diga “Não”, porque é claro que você sabe tudo a respeito de anjos, mas não acharia que somos anjos. Vamos pegar apenas o necessário para a vida, nada de manjar ou torta, para mostrar que não é ganância, e sim fome verdadeira, que nos faz assaltar sua despensa. Mas nós não somos ladrões de estrada quaisquer.

– Vai logo – disseram os outros em uníssono.

Anthea acrescentou apressadamente:

Nossas intenções são muito honrosas, quem dera você soubesse. E aqui estão trinta centavos para mostrar que somos pecadores e gratos. Obrigado por sua gentil hospitalidade.

De nós quatro

Os trinta centavos foram envolvidos nesta carta, e todas as crianças sentiram que quando o clérigo a lesse iria entender tudo, tão bem quanto poderia qualquer um que não tivesse visto as asas.

– Ouçam – disse Cyril –, é claro que existem riscos. É melhor voarmos direto até o outro lado da torre e então flutuar baixo pelo pátio da igreja e atravessar os arbustos. Não parece ter ninguém por perto, mas nunca se sabe. A janela dá para os arbustos. Está tomada pela folhagem, parece uma janela de uma história. Eu vou entrar e pegar as coisas. Robert e Anthea podem pegá-las enquanto eu as passo pela janela; e Jane pode vigiar, já que seus olhos são tão afiados, e assobiar se vir alguém. Cala a boca, Robert! Ela sabe assobiar bem o suficiente para isso, de qualquer maneira. Não deve parecer um apito; vai soar mais natural se for parecido com um pássaro. Então, lá vamos nós!

Não posso fingir que roubar é certo. Posso apenas dizer que nessa ocasião não parecia roubo àqueles quatro famintos, e sim uma transação comercial justa e razoável. Nunca tinham aprendido que uma língua, cortada com dificuldade, um frango e meio, uma fatia de pão, e um sifão de água gasosa não podem ser comprados em lojas por trinta centavos. Eram coisas necessárias para a vida, as quais Cyril passou pela janela da despensa quando, sem ser observado, e sem impedimentos ou aventuras, conduziu os outros para aquele lugar feliz. Ele sentiu que resistir à geleia, aos folhados de maçã, ao bolo e às cascas diversas cristalizadas era um ato verdadeiramente heroico... e eu concordo com ele. Ele também estava orgulhoso de não ter pegado o manjar – e neste caso acho que ele estava errado –, porque, se tivesse pegado, haveria uma dificuldade para devolver o prato; e ninguém, não importa quão faminto, tem o direito de roubar pratos para torta feitos de porcelana e pintados com florzinhas rosa. O sifão de água gasosa era um caso diferente. Eles não poderiam prosseguir sem algo para beber, e como o nome do fabricante estava gravado nele, as crianças tiveram certeza de que ele receberia o sifão de volta, não importava onde o deixassem. Se tivessem tido tempo, eles mesmos o teriam

devolvido. O homem, ao que parecia, morava em Rochester, o que não seria muito fora de mão na volta deles para casa.

Tudo foi levado até o topo da torre e disposto sobre um guardanapo de papel que Cyril tinha encontrado na prateleira mais alta da despensa. Enquanto ele o abria, Anthea comentou:

– Não acho que *isso* seja um item necessário à vida.

– É sim – respondeu ele. – Precisamos pôr as coisas em algum lugar para poder cortá-las, e ouvi papai dizer outro dia que as pessoas pegaram doenças dos gérnis com a água da chuva. Deve ter muita água de chuva por aqui... E quando seca os gérnis ficam, e eles entram nas coisas, e assim todos nós vamos morrer de escarlatina.

– O que são gérnis?

– São coisinhas esquisitinhas que só dá pra ver com microscópio – disse Cyril com ares científicos. – Eles causam todo tipo de doença que você possa imaginar! Tenho certeza de que o papel foi necessário, tanto quanto o pão, a carne e a água. Agora vamos! Ah, minha nossa, estou com fome!

Não desejo descrever a festa de piquenique no topo da torre. Você pode imaginar bem o suficiente como é cortar um frango e uma língua com uma faca que tem apenas uma lâmina... e que quebrou na metade do caminho. Mas deu certo. Comer com os dedos é melequento e difícil, e pratos de papel logo começam a ficar muito manchados e horríveis. Mas tem uma coisa que você não *consegue* imaginar: é como a água gasosa se comporta quando você tenta bebê-la direto do sifão, em especial se ele estiver cheio. Se, porém, a imaginação não puder te ajudar, a experiência vai, e você pode facilmente fazer o teste se conseguir que um adulto lhe dê um sifão. Se quiser ter uma experiência completa, coloque o tubo na boca e pressione o cabo muito rápido e com muita força. É melhor fazer isso sozinho... E o lado de fora da casa é melhor para este experimento.

Não importa como você coma, língua e frango e pão novo são coisas muito boas, e ninguém liga de ser salpicado com um pouco de água gasosa em um belo dia quente. De modo que todos

gostaram muito do almoço e comeram o máximo que puderam: primeiro, porque estavam com muita fome; e segundo porque, como eu disse, língua e frango e pão novo são coisas muito boas.

Agora, creio que você deve ter notado que, se tiver que esperar pelo almoço até muito depois da hora, e então comer muito mais do que o habitual, e sentar ao sol quente no topo de uma torre da igreja – ou em qualquer outro lugar –, você logo fica estranhamente sonolento. Anthea, Jane, Cyril e Robert eram muito parecidos com você de muitas maneiras, e depois que comeram tudo o que podiam e beberam tudo o que havia, logo ficaram estranhamente sonolentos – em especial Anthea, porque ela se levantara muito cedo.

Um de cada vez, pararam de falar e se deitaram, e quinze minutos depois do almoço eles já estavam enrolados em suas asas grandes, macias e quentes, e não demoraram a dormir. O Sol estava baixando no Oeste. (Devo dizer que foi no Oeste, porque é comum em livros dizer isso, por medo de que pessoas descuidadas achem que o Sol estava se pondo no Leste. Na verdade, não era exatamente no Oeste, mas é perto o suficiente.) O Sol, repito, estava baixando no Oeste, e as crianças dormiam cálida e alegremente, pois asas eram mais aconchegantes que edredom para se cobrir. A sombra da torre da igreja cobriu o pátio, e cobriu a casa paroquial, e o campo além; e logo não havia mais sombras, o Sol tinha se posto, e as asas não existiam mais. E ainda as crianças dormiam. Mas não por muito tempo. O crepúsculo é muito bonito, mas é um pouco frio; e você sabe que, não importa quão sonolento esteja, acorda rapidinho se o seu irmão ou a sua irmã se levanta primeiro e puxa as suas cobertas. As quatro crianças sem asas estremeeceram e acordaram. E ali estavam: no topo da torre da igreja no crepúsculo sombrio, com estrelas azuis aparecendo sozinhas, e em duplas, e em grupos de dez e de vinte acima de suas cabeças – a quilômetros de casa, com pouco mais de três centavos nos bolsos, e um ato duvidoso sobre as coisas necessárias à vida sob sua responsabilidade se alguém os encontrasse com o sifão de água gasosa.

Eles se entreolharam. Cyril falou primeiro, pegando o sifão:

– É melhor descermos e nos livrarmos logo desta coisa idiota. Está escuro o suficiente para deixarmos na porta do clérigo, eu acho. Venham.

Havia uma torrezinha no canto da torre, e ali tinha uma porta. Eles a notaram quando estavam comendo, mas não a haviam explorado, assim como você faria no lugar deles. Porque, é claro, quando se tem asas para explorar o céu inteiro, dificilmente portas parecem valer a pena.

Agora eles foram até lá.

– É claro – disse Cyril. – É por aqui que se desce.

Era mesmo. Mas a porta estava trancada por dentro!

E o mundo estava ficando cada vez mais escuro. Eles estavam a quilômetros de distância de casa. E havia o sifão de água gasosa.

Não vou dizer se alguém chorou, nem se, caso sim, quantos deles choraram, nem quem chorou. Você estará mais bem ocupado em decidir o que teria feito se estivesse no lugar deles.

⁴ Nínive era uma cidade grande, capital do Antigo Império Assírio. É citada no Antigo Testamento. (N.T.)

SEM ASAS

Se alguém chorou ou não, houve certamente um intervalo durante o qual nenhuma das crianças do grupo era completamente ela mesma. Quando ficaram mais calmos, Anthea colocou o lenço no bolso e o braço em volta de Jane e disse:

– Não pode ser por mais de uma noite. Podemos fazer um sinal com nossos lenços pela manhã. Eles vão estar secos até lá. E alguém vai subir e nos tirar daqui...

– E achar o sifão – emendou Cyril, melancólico. – E seremos mandados para a prisão por roubar...

– Você disse que não era roubar. Você disse que tinha certeza de que não era.

– Não tenho certeza *agora* – retrucou Cyril.

– Vamos jogar essa coisa idiota no meio das árvores – sugeriu Robert –, então ninguém vai poder fazer nada com a gente.

– Ah, sim – a risada de Cyril não tinha leveza nenhuma. – Vamos aproveitar para acertar a cabeça de alguém e nos tornarmos assassinos também.

– Mas não podemos ficar aqui em cima a noite toda – disse Jane. – Eu quero meu chá.

– Não é *possível* que você queira seu chá – falou Robert. – Acabou de comer seu almoço.

– Mas eu quero – disse ela. – Especialmente quando você começa a falar de passar a noite toda aqui. Ah, Pantera... quero ir para casa! Quero ir para casa!

– Calma, calma – tranquilizou Anthea. – Não chore, querida. Vai ficar tudo bem, de uma forma ou de outra. Não, não...

– Deixe-a chorar – disse Robert, desesperado. – Se ela berrar alto o bastante, alguém poderá ouvir e nos ajudar a sair daqui.

– E ver a água gasosa – disse Anthea rapidamente. – Robert, não seja grosseiro. Ah, Jane, tente ser forte! Todos estamos na mesma situação.

Jane tentou “ser forte”... e reduziu os berros para fungadas.

Houve uma pausa. Então Cyril disse devagar:

– Ouçam. Precisamos correr o risco com esse sifão. Vou esconder dentro do meu paletó, talvez ninguém perceba. E vocês formam uma barreira na minha frente. Estou vendo luzes na casa do clérigo. Eles ainda não foram dormir. Devemos gritar o mais alto que conseguirmos. Agora, todos gritem quando eu contar até três. Robert, você dá aquele grito igual ao do motor ferroviário, e eu vou dar aquele grito igual ao do papai. As meninas podem fazer como quiserem. Um, dois, três!

Um grito quádruplo rompeu a paz silenciosa da noite, e uma criada em uma das janelas da casa paroquial parou com a mão na cortina.

– Um, dois, três!

Outro grito, cortante e intrincado, assustou as corujas e estorninhos a uma agitação de penas no campanário abaixo. A criada fugiu da janela da casa paroquial, desceu correndo as escadas, entrou na cozinha e desmaiou assim que explicou ao criado, à cozinheira e ao primo da cozinheira que havia visto um fantasma. Não era nem um pouco verdade, é claro, mas suponho que os nervos da garota estivessem um pouco afetados pelos gritos.

– Um, dois, três!

A esta altura, o vigário estava na porta da frente, e não havia como confundir o grito que o saudou.

– Minha nossa – disse ele à esposa. – Querida, alguém está sendo assassinado na igreja! Me dê o meu chapéu e um bastão grosso, e diga a Andrew para me seguir. Acredito que seja o lunático que roubou a língua.

As crianças tinham visto o clarão de luz quando o vigário abriu a porta. Tinham visto a sua forma escura na soleira, então pararam para respirar e também para ver o que ele faria.

Quando ele voltou para pegar o chapéu, Cyril disse apressadamente:

– Ele acha que só imaginou ter ouvido alguma coisa. A todos pulmões! Agora! Um, dois, três!

Foi sem dúvida um grito completo desta vez, e a esposa do vigário envolveu o marido com os braços e repetiu o grito fracamente.

– Você não deve ir! – exclamou ela. – Não sozinho. Jessie! – a criada se recobrou do desmaio e apareceu da cozinha. – Mande chamar Andrew agora mesmo. Tem um lunático perigoso na igreja, e ele precisa ir imediatamente pegá-lo.

– Espero que ele *consiga* pegá-lo – disse Jessie para si mesma passando pela porta da cozinha. – Andrew, venha aqui – chamou ela. – Tem alguém gritando que nem doido na igreja e a dona disse que é pra você ir lá pegar.

– Sozinho eu não vou – respondeu Andrew em baixos tons firmes. Ao patrão, disse apenas: – Sim, senhor.

– Você ouviu os gritos?

– Achei mesmo que tinha notado alguma coisa do tipo – disse Andrew.

– Então vamos – disse o vigário. – Querida, eu *preciso* ir! – ele a fez entrar com delicadeza até a sala de estar, fechou a porta e saiu apressado, puxando Andrew pelo braço.

Uma salva de gritos os recebeu. Conforme caía o silêncio, Andrew gritou:

– Ei, você! Chamou?

– Sim – gritaram as quatro vozes distantes.

– Eles parecem estar no ar – comentou o vigário. – Que impressionante.

– Onde vocês estão? – gritou Andrew.

Cyril respondeu com sua voz mais profunda, bem devagar e alto:

– *Igreja! Torre! Topo!*

– Então desça, ué! – disse Andrew.

E a mesma voz respondeu:

– *Não dá! Porta trancada!*

– Minha nossa! – exclamou o vigário. – Andrew, pegue o lampião do estábulo. Talvez seja melhor buscar outro homem da aldeia.

– O resto do bando está por aí, muito provavelmente. Não, senhor. Se é que isso não é uma armadilha... bem, vamos ver! O primo da cozinheira tá na porta dos fundos agora. Ele é um guarda, senhor, e costumava lidar com pessoas perversas. E ele tá com a arma dele, senhor.

– Ei, aqui! – gritou Cyril da torre da igreja. – Subam aqui pra nos soltar.

– Estamos indo – respondeu Andrew. – Tô indo buscar um policial e uma arma.

– Andrew, Andrew – disse o vigário –, isso não é verdade.

– É quase verdade, senhor, para esse tipo de gente.

Então Andrew foi buscar o lampião e o primo da cozinheira. A esposa do vigário implorou a todos que fossem muito cuidadosos.

Eles atravessaram o pátio da igreja – agora estava bem escuro – e conversaram no caminho. O vigário tinha certeza de que era um lunático na torre da igreja, o mesmo que tinha escrito aquela carta insana e pegado a língua fria e as outras coisas. Andrew pensava ser uma “armadilha”; o primo da cozinheira era o único que estava calmo.

– Cão que ladra não morde – observou ele. – Gente perigosa é mais silenciosa.

Ele não tinha medo nenhum. Talvez porque tivesse uma arma. Foi por isso que lhe pediram para liderar a subida pelos degraus escuros, íngremes e desgastados da torre da igreja. E ele liderou o caminho, com o lampião em uma mão e a arma na outra. Andrew ia logo atrás. Ele fingiu assim que era mais corajoso que o patrão, mas na verdade foi porque ele pensou em armadilhas, e não gostava da ideia de estar atrás dos outros por medo de que alguém se aproximasse por trás e agarrasse suas pernas no escuro. Eles seguiram o caminho, subindo todas as voltas da pequena escadaria em espiral... Depois pelo saguão dos sineiros, onde as cordas dos sinos pendiam com extremidades peludas como lagartas gigantes... Subiram outra escada até o campanário, onde estão os sinos, grandes e silenciosos... Depois, subiram uma escada com degraus largos... Depois subiram uma escadinha de pedra. E, acima disso,

havia uma portinha. E a portinha estava trancada pelo lado da escada.

O primo da cozinheira, que era um guarda-caça, deu um chute na porta e disse:

– Ei, vocês aí!

As crianças se abraçavam do outro lado da porta e tremiam de ansiedade, além de estarem muito roucas por causa dos gritos. Elas mal conseguiam falar, mas Cyril respondeu:

– Ei, vocês aí!

– Como foram parar aí em cima?

Não adiantava dizer “voamos até aqui”, por isso Cyril falou:

– Nós subimos... Depois descobrimos que a porta tinha trancado e não conseguimos descer. Deixe a gente sair, por favor.

– Vocês são em quantos? – perguntou o guarda.

– Só quatro – disse Cyril.

– Estão armados?

– Estamos o quê?

– Estou com a minha arma na mão... Então é melhor não tentarem nenhum truque – avisou o guarda. – Se abirmos a porta, vocês prometem vir quietinhos, sem tentar bobagens?

– Sim... ah, *sim!* – disseram junto todas as crianças.

– Minha nossa – comentou o vigário. – Sem dúvida era uma voz feminina.

– Devo abrir a porta, senhor? – perguntou o guarda.

Andrew desceu alguns degraus, “para dar espaço para os outros”, como explicou depois.

– Sim – disse o vigário. – Abra a porta. Lembrem-se – disse ele pelo buraco da fechadura –, nós viemos soltá-los. Vocês vão manter a promessa de abster-se de violência?

– Esse ferrolho não desliza direito – falou o guarda. – É de considerar que faz seis meses que ela não é aberta.

Para falar a verdade, não era mesmo.

Quando todos os ferrolhos foram abertos, o guarda falou palavras com uma voz profunda através do buraco da fechadura:

– Não vou abrir até vocês terem ido lá do outro lado da torre. E se um de vocês se aproximar de mim eu vou atirar. Agora!

– Estamos todos do outro lado – disseram as vozes.

O guarda ficou satisfeito consigo mesmo e se achou um homem corajoso quando escancarou a porta e, dando um passo sobre o telhado de chumbo, direcionou a luz do lampião para o grupo dos desesperados, que estavam encostados contra o parapeito do outro lado da torre.

Ele abaixou a arma e quase deixou cair o lampião.

– Caramba – disse ele. – É um monte de crianças!

O vigário avançou.

– Como vocês chegaram aqui? – perguntou ele, severo. – Digam de uma vez.

– Ah, nos leve para baixo – pediu Jane, pegando no casaco dele – e contaremos tudo o que quiser. Você não vai acreditar em nós, mas não importa. Ah, nos leve para baixo!

Os outros se aglomeraram ao redor dele, com o mesmo pedido. Todos, exceto Cyril. Ele tinha o suficiente para se preocupar com o sifão de água gasosa, que continuava escorregando sob o paletó. Precisava das duas mãos para mantê-lo firme no lugar.

Contudo, mantendo-se o mais distante possível da luz do lampião, ele disse:

– Por favor, nos leve para baixo.

Então eles foram levados para baixo. Não é brincadeira descer as escadas da torre de uma igreja no escuro, mas o guarda os ajudou – somente Cyril teve que ser independente por causa do sifão de água gasosa, que continuava tentando escorregar. E, na metade da escada, ele escorregou. Cyril acabou pegando-o pelo bico, e com isso quase perdeu o equilíbrio. Ele estava trêmulo e pálido, quando enfim chegaram ao pé da escada em espiral e pisaram nas lajes do pórtico da igreja.

De repente, o guarda pegou Cyril e Robert pelo braço.

– Você leva as meninas, senhor – disse o homem. – Você e Andrew dão conta delas.

– Me solte! – gritou Cyril. – Nós não vamos sair correndo. Não estragamos a sua igreja antiga. Solte!

– Só venham comigo – disse o guarda.

Cyril não ousou se opor com violência, porque bem na hora o sifão começou a escorregar de novo.

Todos seguiram até o gabinete do vigário, e a esposa do vigário veio correndo encontrá-los.

– Ah, William, você está seguro? – perguntou ela.

Robert apressou-se em aliviar sua ansiedade.

– Sim – respondeu o menino. – Ele está bem seguro. Nós não o machucamos. E, por favor, está muito tarde e as pessoas lá de casa devem estar muito aflitas. Poderia nos levar para casa em sua carruagem?

– Ou talvez tenha um hotel aqui perto onde possamos alugar uma carruagem – sugeriu Anthea. – Martha já deve estar muito aflita mesmo.

O vigário tinha afundado em uma poltrona, tomado de emoção e espanto.

Cyril também havia se sentado, e ficou inclinado para a frente, com os cotovelos apoiados no joelho, por causa do sifão de água gasosa.

– Mas como foi que vocês ficaram presos na torre da igreja? – quis saber o vigário.

– Nós subimos – disse Robert devagar – e ficamos cansados, então caímos no sono, e quando acordamos descobrimos que a porta estava trancada, por isso gritamos.

– Gritaram mesmo! – exclamou a esposa do vigário. – Quase mataram todo mundo de susto! Deveriam sentir vergonha do que fizeram.

– Nós sentimos – respondeu Jane, suavemente.

– Mas quem trancou a porta? – perguntou o vigário.

– Não faço ideia – disse Robert, o que era verdade. – Por favor, nos mande para casa.

– Bem, realmente – disse o vigário – , acho que é o melhor a fazer. Andrew, prenda o cavalo na carruagem, depois vá levar as crianças até a casa delas.

– Sozinho eu não vou – Andrew falou para si mesmo.

– E – disse o vigário – que isto seja uma lição a vocês... – Ele prosseguiu falando, e as crianças escutaram cheias de tristeza.

O guarda, porém, não estava escutando nada. Ele olhava para o infeliz Cyril. Ele conhecia larápios muito bem, por isso sabia identificar quando alguém estava escondendo algo. O vigário tinha acabado de chegar à parte sobre tentar crescer para ser uma bênção para os pais, em vez de ser um problema ou uma desgraça, quando o guarda interrompeu para dizer:

– Pergunta o que ele tem debaixo do paletó.

Cyril então soube que o segredo tinha sido descoberto. Ele levantou, endireitou as costas e tentou parecer nobre, como os meninos dos livros que ninguém consegue encarar e duvidar que são de famílias corajosas e nobres e que serão leais até a morte. Tirou o sifão de água gasosa e falou:

– Bem, aí está.

Fez-se silêncio. Cyril continuou, já que não havia mais nada a perder:

– Sim, nós pegamos isto na sua despensa, e um pouco de frango e de língua e de pão. Estávamos com muita fome, e não pegamos manjar nem geleia. Pegamos apenas pão, carne e água... e não sabíamos que era gasosa. Só coisas necessárias à vida, e deixamos trinta centavos para pagar por tudo, e deixamos também uma carta. Desculpa, de verdade. Meu pai pagará uma multa ou qualquer coisa que você queira, mas não nos mande para a prisão. A mamãe ficaria chateada demais. Sabe o que você disse sobre não sermos uma desgraça? Bem, não faça isso com a gente, é só o que pedimos! Estamos mesmo muito arrependidos. É isso!

– Mas como vocês alcançaram a janela da despensa? – quis saber a esposa do vigário.

– Não posso explicar isso – disse Cyril com firmeza.

– Você contou toda a verdade para mim? – perguntou o clérigo.

– Não – respondeu Jane subitamente. – É tudo verdade, mas não é toda a verdade. Isso não podemos contar. Não adianta perguntar. Ah, nos perdoe e nos leve para casa!

Ela correu até a esposa do vigário e lançou os braços em volta dela. A mulher a abraçou de volta. O guarda sussurrou ao vigário, escondendo a boca com a mão:

– Eles estão limpos, senhor. Acredito que estejam protegendo um colega. Alguém deve ter botado eles nessa, e eles não vão dedurar. Criancinhas decididas, essas.

– Me digam uma coisa – falou gentilmente o vigário –, vocês estão escondendo alguém? Tem mais alguém envolvido nisso?

– Sim – respondeu Anthea, pensando no psamíde. – Mas ele não tem culpa.

– Muito bem, meus queridos – disse o vigário –, então chega desse assunto. Só expliquem por que escreveram uma carta tão estranha.

– Não sei – respondeu Cyril. – Veja, Anthea escreveu com tanta pressa, e na hora realmente não pareceu que era um roubo. Mas depois, quando descobrimos que não dava para descer da torre da igreja, pareceu que era exatamente isso. Estamos mesmo muito arrependidos...

– Não precisa dizer mais nada – falou a esposa do vigário. – Mas, numa próxima vez, reflitam antes de pegar a língua de outras pessoas. Agora... querem bolo e leite antes de irem para casa?

Quando Andrew chegou para anunciar que a carruagem estava pronta e que esperavam que ele fosse sozinho direto para a armadilha que tinha visto claramente desde o início, encontrou as crianças comendo bolo e bebendo leite e rindo das piadas do vigário. Jane estava sentada no colo da esposa do vigário.

Então você pode ver que eles se saíram dessa numa situação melhor do que mereciam.

O guarda-caça, que era o primo da cozinheira, pediu licença para voltar para casa na carruagem com eles, e Andrew ficou bem contente de ter alguém para protegê-lo da armadilha da qual ele tinha tanta certeza.

Quando a carroça chegou à casa das crianças, entre a pedreira de calcário e a mina, elas estavam com muito sono, mas sentiam que tinham feito uma amizade para a vida toda com o guarda.

Andrew largou as crianças no portão de ferro sem dizer uma palavra.

– Você pode voltar para casa – disse o primo da cozinheira do vigário, que era um guarda-caça. – E eu vou para minha casa na égua do Shank.

Então Andrew teve que voltar sozinho na carroça, do que ele não gostou nem um pouco, e foi o guarda, que era primo da cozinheira do vigário, que acompanhou as crianças até a porta, e, quando elas foram mandadas direto para a cama com um turbilhão de reprimendas, foi ele quem ficou para explicar à Martha, à cozinheira e à criada exatamente o que havia acontecido. Ele explicou tão bem que, na manhã seguinte, Martha estava bastante amável.

Depois disso, com frequência ele vinha visitar Martha, e, no fim das contas... Mas essa é outra história, como diria o querido senhor Kipling⁵.

Martha foi obrigada a manter o que havia dito na noite anterior, proibindo-os de sair de casa no dia seguinte como castigo. Porém ela não foi tão rigorosa assim, e concordou em deixar Robert sair por meia hora para buscar algo que ele queria muito.

Esse algo, é claro, era o desejo do dia.

Robert correu até a mina, encontrou o psamíde e rapidamente desejou... Mas essa também é outra história.

⁵ Joseph Rudyard Kipling (1865-1936) escreveu contos, poemas e romances, e venceu o Prêmio Nobel de Literatura em 1907. Sua obra mais famosa é *O livro da selva*. (N.T.)

UM CASTELO E NADA DE ALMOÇO

Os outros deveriam ficar em casa como castigo pelas desventuras do dia anterior. É claro que Martha pensou que havia sido malcriação, e não desventura – por isso você não deve culpá-la. Ela achava que estava cumprindo com seu dever. Você sabe que os adultos muitas vezes dizem que não gostam de castigar as crianças, e que só o fazem para o bem delas, e que isso os fere tanto quanto a elas... e essa costuma ser a verdade.

Martha com certeza detestava ter de castigar as crianças tanto quanto elas detestavam receber castigos. Até porque ela sabia o barulho que haveria na casa o dia inteiro.

E tinha outros motivos.

– E digo mais – falou ela à cozinheira –, é uma tristeza mantê-los dentro de casa num dia tão bonito. Mas eles são imprudentes, e se eu não for firme um dia desses vão chegar aqui sem a cabeça. Faça um bolo para eles comerem no chá de amanhã, querida. E pegaremos o bebê em breve, assim que avançarmos um pouco com o trabalho. Aí eles poderão brincar bastante, com ele fora do caminho. Agora, Eliza, venha, arrume a cama deles. Já são quase dez horas e ainda não capturamos nenhum coelho!

As pessoas em Kent dizem isso quando querem dizer que “nenhum trabalho foi feito”.

Assim, todos foram mantidos dentro de casa, exceto Robert, como eu já contei, que foi autorizado a sair por meia hora para buscar algo que todos eles queriam muito. E isso, é claro, era o desejo do dia. Ele não teve dificuldade em achar o duende da areia, pois o dia estava tão quente que a criatura já tinha, por vontade própria, saído do seu buraco, e estava sentada em algo parecido com uma piscina de areia macia, alongando-se, alisando os bigodinhos e virando os olhos de caracol para lá e para cá.

– Ahá! – disse o psamíde quando seu olho esquerdo viu Robert. – Passei o dia todo procurando você. Onde está o resto de vocês?

Espero que não tenham se espatifado com aquelas asas!

– Não – respondeu Robert. – Mas as asas meteram a gente em encrenca, como sempre acontece com os desejos. Então os outros estão em casa, e fui o único que permitiram sair por meia hora... para vir pedir o desejo. Me deixe pedir o desejo o mais rápido possível.

– Pode pedir – disse o psamíde, contorcendo-se na areia.

Robert, porém, não conseguia simplesmente pedir. Ele se esqueceu de todas as coisas nas quais vinha pensando, e nada aparecia em sua mente exceto coisinhas para si mesmo, como balas, um álbum de selos estrangeiros, ou um canivete com três lâminas e um saca-rolhas. Ele se sentou para pensar melhor, mas não adiantou nada. Só conseguia pensar em coisas com as quais os outros não se importariam... como uma bola de futebol, ou um par de caneleiras, ou ser capaz de bater muito em Simpkins Minor quando voltasse para a escola.

– Bem – comentou o psamíde, por fim –, é melhor você se apressar com esse seu desejo. O tempo voa.

– Eu sei – falou Robert. – Não consigo pensar em nada para desejar. Desejo mesmo que você pudesse conceder a todos os outros seu desejo sem que eles tivessem de vir aqui pedir. Ah, *não faça isso!*

Mas era tarde demais. O psamíde tinha inchado até ficar o triplo do tamanho normal, e agora murchava como uma bolha estourada, e com um suspiro profundo se inclinou para trás, contra a beirada da sua piscina de areia, muito enfraquecido pelo esforço.

– Pronto – disse a criatura com uma voz fraca. – Foi extremamente difícil, mas consegui. Corra para casa, ou pode ter certeza de que eles vão desejar alguma coisa tola antes de você chegar lá.

Eles fariam isso, com certeza. Robert sentiu que sim, por isso, enquanto corria para casa, sua mente estava profundamente ocupada com o tipo de desejos que talvez eles pedissem em sua ausência. Eles talvez desejassem coelhos, ou ratos brancos, ou chocolate, ou um dia seguinte bacana, ou até mesmo – e isso era o

mais provável – alguém poderia ter dito: “Queria tanto que o Robert se apressasse”. Bem, ele *estava* se apressando, e assim eles teriam o desejo realizado, e o dia seria desperdiçado. Então ele tentou imaginar o que eles poderiam desejar: algo que fosse divertido para fazer dentro de casa. Essa tinha sido sua própria dificuldade a princípio. Pouquíssimas coisas são divertidas para fazer dentro de casa quando o Sol está brilhando do lado de fora e você não pode sair, não importa quanto queira. Robert corria o mais rápido possível, mas quando virou a esquina que deveria revelar à sua visão o pesadelo do arquiteto – o trabalho em ferro ornamental no topo da casa –, ele arregalou tanto os olhos que teve que desacelerar e começar a andar, pois não dá para correr com os olhos arregalados. De repente ele parou, pois não havia casa para ver. As grades do jardim da frente tinham sumido também, e onde antes ficava a casa... Robert esfregou os olhos e piscou. Sim, os outros *tinham mesmo* desejado aquilo, não havia dúvida... Eles deviam ter desejado viver em um castelo, pois ali estava o castelo, preto e imponente, e muito alto e largo, com ameias e janelas lanceta, e oito torres enormes; e, onde antes ficava o jardim e o pomar, havia coisas brancas pontilhadas como cogumelos. Robert entrou andando bem devagar, e, conforme se aproximava, viu que havia barracas e homens em armaduras andando em meio às barracas – multidões deles.

– Ah, caramba! – exclamou Robert com ardor. – Eles *fizeram isso mesmo!* Desejaram um castelo, e um que está sitiado! Típico daquele duende da areia! Gostaria que a gente nunca mais visse aquela criatura idiota!

Da janelinha acima do portal de entrada, do outro lado do fosso que agora ficava onde o jardim estivera apenas meia hora antes, alguém acenava com algo pálido, cor de poeira. Robert achou que era um dos lenços de Cyril. Eles nunca mais foram brancos desde o dia em que ele havia derramado uma garrafa de “solução corante e fixadora” na gaveta onde ficavam guardados. Robert acenou de volta e imediatamente sentiu que não fora prudente, pois seu sinal tinha sido avistado pela força sitiante, e dois homens com capacetes

de ferro vinham na direção dele. Usavam botas marrons de cano alto em suas longas pernas, e se aproximavam com passos tão largos que Robert se lembrou de quão curtas eram as próprias pernas e não fugiu. Ele sabia que seria inútil e temia que isso pudesse irritar o inimigo. Assim, ficou parado, e os dois homens pareceram bastante satisfeitos com ele.

– Meu consagrado – disse um deles. – Temos aqui um servo valente!

Robert ficou satisfeito por ser *chamado* de corajoso e, de alguma forma, isso fez com que ele se *sentisse* corajoso. Ele deixou passar o “servo”. Sabia que era a maneira como as pessoas falavam em romances juvenis históricos, e evidentemente não era uma grosseria. Ele só torcia para ser capaz de compreender o que eles lhe diziam. Robert nem sempre conseguia acompanhar as conversas nos romances juvenis históricos.

– Que vestimenta estranha a dele – comentou o outro. – Uma perfídia remota, provavelmente.

– Revele, rapazote, o que vos traz a esta porção de terra?

Robert sabia que isso queria dizer “Ei, jovenzinho, o que é que você veio fazer aqui, hein?”. Por isso respondeu:

– Por gentileza, quero ir para casa.

– Pois vá! – disse o homem com as botas de cano mais alto. – Não há nada que dificultará vosso caminho, e nenhum de nós vos seguirá. Ora bolas! – acrescentou ele com um tom mais cauteloso. – Não posso confiar em mim mesmo; não obstante ele traz notícias aos sitiados.

– Onde vives tu, jovem valente? – questionou o homem com o capacete de ferro maior.

– Bem ali – respondeu Robert, e assim que falou soube que deveria ter sido “Adiante!”.

– Ah! Pois? – voltou a falar o das botas maiores. – Aproxima-te, garoto. Esta é uma questão para o nosso líder.

E Robert foi arrastado imediatamente até o líder... pela orelha, relutante.

O líder era a criatura mais gloriosa que Robert já tinha visto. Era exatamente como as imagens que ele tantas vezes admirara nos romances históricos. Ele tinha uma armadura, um elmo, um cavalo, uma crista, penas, um escudo, uma lança e uma espada. Sua armadura e suas armas eram todas, tenho quase certeza, de períodos bem diferentes. O escudo era do século XIII, enquanto a espada era do padrão usado na Guerra Peninsular. A couraça era da época de Carlos I, e o elmo datava da Segunda Cruzada. Os brasões no escudo eram grandiosos: três leões vermelhos correndo em um fundo azul. As barracas eram da marca mais recente, e a aparência completa do acampamento, do exército e do líder pode ter sido um choque para algumas pessoas. Contudo, Robert estava tonto com admiração, e tudo lhe parecia perfeitamente correto, porque ele não conhecia mais heráldica ou arqueologia do que os talentosos artistas que geralmente desenhavam as figuras para os romances históricos. A cena era de fato “exatamente como uma ilustração”. Ele admirou tanto tudo aquilo que se sentiu mais corajoso do que nunca.

– Aproximai-vos, rapaz – disse o líder glorioso depois que os homens com capacetes de ferro da época de Cromwell tinham falado algumas palavras baixas e ansiosas. Ele tirou o elmo, de outro modo não conseguiria vê-lo direito. Tinha um rosto amável e um cabelo claro comprido. – Não tenhais medo. Vós não levareis alterações.

Robert ficou contente. Ele se perguntou o que significava “alteração”, e se era mais nojento que o chá de sene que às vezes era obrigado a tomar.

– Desfralda teu conto sem angústia – disse o líder com gentileza. – De onde vieste e qual é o teu desígnio?

– Meu o quê? – perguntou Robert.

– O que pretendes tu conquistar? Qual é a tua missão, que tu peregrinaste até aqui sozinho, entre esses grosseiros soldados? Pobre criança, o coração da tua mãe dói por ti agora, garanto-te.

– Acho que não – disse Robert. – Ela nem sabe que eu saí.

O líder enxugou uma lágrima viril, exatamente como um líder em um romance histórico teria feito, e disse:

– Não teme em dizer a verdade, criança; tu não tens nada a temer de Wulfric de Talbot.

Robert tinha um forte pressentimento de que esse glorioso líder do grupo sitiante – já que o próprio homem era parte de um desejo – seria capaz de compreender melhor do que Martha, os ciganos, o policial de Rochester ou o clérigo do dia anterior o verdadeiro conto dos desejos e do psamide. A única dificuldade era que ele sabia que jamais se lembraria de interjeições arcaicas e coisas do tipo para fazer sua fala soar como a conversa de um menino em um romance histórico. No entanto, começou cheio de coragem com uma frase de Ralph de Courcy, ou o Cruzado Menino:

– Agradeço por vossa cortesia, cavaleiro justo. O fato é... É o seguinte: espero que você não esteja com pressa, porque a história é um tanto emocionante. Papai e mamãe estão fora, e quando estávamos brincando nas minas achamos um psamide.

– Rogo misericórdia! Um samiúde? – disse o cavaleiro.

– Sim, um tipo de gênio, ou feiticeiro... Sim, é isso, um feiticeiro. E ele disse que poderíamos realizar um desejo todo dia, e primeiro desejamos ser belos.

– Teu desejo foi concedido parcialmente – murmurou com ironia um dos soldados, olhando para Robert, que continuou a falar como se não tivesse ouvido, embora tivesse achado o comentário bem grosseiro.

– Depois desejamos dinheiro... Tesouro, sabe. Mas não conseguíamos gastá-lo. E ontem desejamos asas, e ganhamos isso mesmo, e no começo foi incrível...

– Teu discurso é excêntrico e rústico – observou Sir Wulfric de Talbot. – Repete tuas palavras... O que foi no começo?

– Incrível... Quero dizer, maravilhoso... Não... Ficamos satisfeitos com o que recebemos... Foi isso o que quis dizer. Depois disso, acabamos em um beco sem saída.

– O que seria um beco sem saída? Um combate? Uma desordem, talvez?

– Não... Não uma desordem. Uma... uma... posição complicada.

– Um calabouço? Ai de teus membros jovens e aleijados! – exclamou o cavaleiro com uma compaixão educada.

– Não era um calabouço. Nós só... Nós só deparamos com injustas desventuras – explicou Robert. – E hoje estamos sendo castigados, fomos proibidos de sair de casa. É ali que eu moro. – Ele apontou para o castelo. – Os outros estão lá dentro e não têm permissão para sair. É tudo culpa do psamide... Quero dizer, do feiticeiro. Queria que nós nunca o tivéssemos visto.

– Ele é um feiticeiro poderoso?

– Oh, sim. Poderoso e superior. Isso mesmo!

– E tu julgas que são as magias do feiticeiro que te tens enfurecido que deram força ao grupo sitiante? – disse o galante líder. – Mas não sabes que Wulfric de Talbot não precisa da ajuda de um feiticeiro para conduzir seus seguidores à vitória?

– Não, tenho certeza de que não sei disso – falou Robert, com uma cortesia apressada. – É claro que não... Você não saberia, entende. Mesmo assim, é em parte culpa dele, mas somos nós os principais culpados. Você não poderia ter feito nada se não fosse por nós.

– O que pretendes dizer com isso, garoto corajoso? – perguntou Sir Wulfric com arrogância. – Tua fala é obscura e também pouco cortês. Desvenda-me este enigma!

– Ah – soltou Robert, desesperado. – É claro que você não sabe disto, mas você não é *de verdade*, nem um pouco. Só está aqui porque os outros devem ter sido idiotas o bastante para desejar um castelo... E, quando o Sol se pôr, você vai simplesmente desaparecer, e vai ficar tudo bem.

O capitão e os soldados trocaram olhares, a princípio piedosos, depois mais severos. Então o homem com as botas maiores falou:

– Cuidado, vossa nobreza, meu senhor. O garoto deve estar fingindo loucura para escapar das nossas garras. Não devemos

prendê-lo?

– Não estou mais louco do que vocês – retrucou Robert, bravo. – Talvez não tanto... Só fui idiota de achar que vocês entenderiam alguma coisa. Me deixem ir... Eu não fiz nada a vocês.

– Para onde? – perguntou o cavaleiro, que pareceu ter acreditado na história do feiticeiro até ter participação nela. – Para onde irias tu?

– Para casa, é claro. – Robert apontou para o castelo.

– Para levar um pedido de socorro? Não!

– Tudo bem – disse Robert, que havia tido uma ideia de repente. – Então me deixe ir para outro lugar.

Sua mente vasculhava avidamente as lembranças do romance histórico.

– Sir Wulfric de Talbot – retomou ele, devagar –, deve achar um escárnio abominável segurar... Impedir um rapaz... Quero dizer, uma pessoa que não lhe causou mal... Quando essa pessoa deseja sair de fininho... Quero dizer, partir sem violência.

– Isso na minha cara! Tomo-te por um patife! – replicou Sir Wulfric. Porém o apelo pareceu ter tocado em um ponto sensível dele. – No entanto, disseste a verdade – acrescentou ele, pensativo. – Vá aonde esteja tua vontade – disse de maneira nobre. – Estás livre. Wulfric de Talbot não guerreia com infantes, e Jakin te fará companhia.

– Certo – disse Robert, incontrolável. – Jakin vai curtir, eu acho. Vamos, Jakin. Sir Wulfric, eu vos saúdo.

Então fez uma saudação militar moderna e partiu correndo para a mina, com as longas botas de Jakin acompanhando-o facilmente.

Robert achou o gênio. Cavou a areia, acordou a criatura e implorou que lhe concedesse mais um desejo.

– Já concedi dois hoje – resmungou o psamíde. – E um deles foi bem trabalhoso.

– Ah, por favor, por favor, *por favor!* – implorou Robert, enquanto Jakin observava boquiaberto, com uma expressão de horror, o estranho bicho que falava e o encarava com seus olhos de caracol.

– Bem, o que é? – disparou o psamide, com uma sonolência irritada.

– Eu desejo estar com os outros – disse Robert.

O psamide começou a inchar. Robert nem sequer pensou em desejar que o castelo e o cerco desaparecessem. É claro que sabia que todos eles tinham sido criados por um desejo, mas espadas, punhais, dardos e lanças pareciam verdadeiros demais para desaparecerem com um desejo. Robert perdeu a consciência por um instante. Quando abriu os olhos, os outros estavam se aglomerando à sua volta.

– Nem ouvimos você entrar – disseram. – Que divertido da sua parte desejar que o psamide realizasse nosso desejo!

– É claro que entendemos que foi isso que você fez.

– Mas devia ter contado pra gente. Imagine só se tivéssemos feito um desejo bobo.

– Bobo? – repetiu Robert, irritadíssimo. – Quanto mais bobo poderia ser, eu adoraria saber! Vocês quase acabaram *comigo*... É verdade.

Ele então contou sua história, e os outros admitiram que com certeza havia sido difícil para ele. Mas o parabenizaram pela coragem e esperteza, tanto que ele logo recuperou a calma perdida e sentiu-se mais corajoso do que nunca, e concordou em ser o capitão da força sitiante.

– Ainda não fizemos nada – disse Anthea de maneira confortável.

– Estávamos esperando você. Vamos atirar neles através destas pequenas aberturas com o arco e as flechas que o tio te deu, e você poderá disparar a primeira flecha.

– Não acho que vou fazer isso – respondeu Robert com cautela. – Vocês não sabem o que eles têm por perto. Arcos e flechas *de verdade*... E em quantidade imensa. E espadas, dardos e punhais, e todo tipo de coisa afiada. Tudo muito, muito real. Não é só uma... uma imagem, ou visão, nem nada disso. Eles podem nos ferir... ou até nos matar, eu não me surpreenderia. Eu ainda consigo sentir minha orelha bem dolorida. Ouçam: vocês já exploraram o castelo?

Porque acho que é melhor deixá-los em paz, desde que nos deixem em paz. Ouvi aquele Jakin dizer que eles não iriam atacar antes do pôr do sol. Podemos estar nos preparando para o ataque. Existem soldados no castelo para defendê-lo?

– Não sabemos – disse Cyril. – Assim que desejei que estivéssemos em um castelo sitiado, tudo pareceu ficar de ponta-cabeça e, quando as coisas se ajeitaram, olhamos pela janela e vimos lá fora o acampamento e as coisas e você... e é claro que continuamos olhando tudo. Este quarto não é divertido? É muito real, parece de verdade!

Era mesmo. Era quadrado, com paredes de pedra com mais de um metro de espessura e grandes vigas no teto. Uma porta baixa no canto conduzia a um lance de escadas subindo e outro descendo. As crianças desceram e alcançaram uma grande casa de guarda arqueada – as portas enormes estavam fechadas e trancadas com barras. Em uma saleta embaixo da torre cilíndrica para onde a escada levava, havia uma janela bem maior que as outras; olhando através dela, as crianças viram que a ponte levadiça estava levantada e o rastrilho, abaixado; o fosso parecia muito largo e profundo. Do lado oposto à grande porta que levava ao fosso, havia outra grande porta, mas esta tinha uma portinha. As crianças passaram pela portinha e deram em um grande pátio pavimentado, com as enormes paredes cinzentas do castelo erguendo-se escuras e pesadas nos quatro lados.

Quase no meio do pátio estava Martha, movendo a mão direita para a frente e para trás no ar. A cozinheira estava se abaixando e mexendo as mãos, também de um jeito muito curioso. Contudo, a coisa mais estranha e ao mesmo tempo mais terrível era o Cordeirinho, que estava sentado no nada, a cerca de um metro do chão, rindo com alegria.

As crianças correram até o bebê. Anthea estava estendendo os braços para pegá-lo quando Martha a repreendeu:

– Deixa o menino quieto. Faça isso, senhorita, enquanto ele tá bonzinho.

– Mas o que ele está *fazendo*? – perguntou Anthea.

– Fazendo? Ora, ele tá sentado no cadeirão dele, bonzinho de tudo, um precioso, olhando eu passar a roupa. Vão fazer outra coisa, vão... Meu ferro já esfriou de novo.

Anthea foi na direção da cozinheira, que parecia avivar um fogo invisível com um atizador invisível; a cozinheira parecia estar colocando um prato invisível em um forno invisível.

– Chispa daqui – disse ela. – Já tô atrasada. Vocês não vão ter almoço se ficarem me atravancando assim. Vão embora, ou um pano de prato vai acertar o bumbum de vocês.

– Você tem certeza de que está tudo bem com o Cordeirinho? – perguntou Jane, ansiosa.

– Tá perfeito, se você não vier incomodá-lo. Achei que vocês gostariam de se livrar dele por hoje; mas podem levá-lo, se é o que querem, pelo amor.

– Não, não – disseram eles e se afastaram depressa.

Teriam de defender o castelo dentro em pouco, e o Cordeirinho estaria mais seguro flutuando no ar em uma cozinha invisível do que na sala de guarda de um castelo sitiado. Atravessaram de volta a primeira porta e sentaram-se, desamparados, em um banco de madeira que corria ao longo da sala.

– Que horror! – exclamaram Anthea e Jane ao mesmo tempo. Jane acrescentou: – Sinto como se estivesse em um hospício.

– O que isso significa? – perguntou Anthea.

– É assustador. Eu não gosto. Queria que tivéssemos desejado algo mais simples, como um cavalo de balanço, ou um burro, ou outra coisa.

– Não adianta fazer desejos *agora* – disse Robert com amargura.

– Fiquem quietos por um segundo – disse Cyril. – Quero pensar.

Ele cobriu o rosto com as mãos e os outros olharam em volta. Estavam em uma sala comprida com um teto arqueado. Havia mesas de madeira que formavam um T: várias estendiam-se pela sala e, no final, numa espécie de plataforma elevada, uma mesa ficava de atravessado. O ambiente estava muito escuro e sombrio.

O chão estava repleto de coisas secas como gravetos, e eles não cheiravam bem.

Cyril sentou-se de repente e falou:

– Entendi, está tudo bem. Eu acho que é assim. Escute, nós desejamos que os criados não notassem qualquer diferença quando conseguíssemos os desejos. E nada acontece com o Cordeirinho a não ser que façamos um pedido específico. Então é claro que eles não notaram o castelo nem nada. Mas o castelo está no mesmo lugar onde ficava... onde fica, quero dizer, a nossa casa, e os criados precisam continuar dentro da casa, senão perceberiam. Porém não dá para ter um castelo misturado com a nossa casa... Por isso nós não conseguimos ver a casa, porque vemos o castelo; e eles não conseguem ver o castelo, porque continuam vendo a casa, então...

– Ah, *pare!* – pediu Jane. – Você está fazendo minha cabeça dar voltas, como se estivéssemos em uma rotatória. Não importa! Só espero que possamos ver o nosso almoço, só isso... porque, se for invisível, vai ser insatisfatório também, e aí não poderemos comer! Eu *sei* que vai ser assim, porque tentei sentir a cadeira do Cordeirinho e não havia nada abaixo dele além de ar. E não podemos comer ar, e sinto como se fizesse muitos anos que não tomo café da manhã.

– Não adianta ficar pensando nisso – comentou Anthea. – Vamos explorar. Talvez encontremos algo para comer.

Isso acendeu esperança no peito de todos, e eles continuaram a explorar o castelo. Contudo, embora fosse o castelo mais perfeito e adorável que você possa imaginar, e mobiliado da maneira mais completa e bonita, não se encontravam ali nem comida nem soldados.

– Se ao menos você tivesse pensado em desejar estar sitiado em um castelo cheio de tropas e provisões! – disse Jane em tom de reprovação.

– Não dá para pensar em tudo, sabe – explicou Anthea. – Acho que deve ser quase hora do almoço agora.

Não era, mas ficaram observando os estranhos movimentos dos criados no meio do pátio, porque, é claro, não conseguiam ter certeza onde ficava a sala de jantar da casa invisível. Logo viram Martha carregar uma bandeja invisível pelo pátio; parecia que, por um feliz acaso, a sala de jantar da casa e o salão de banquetes do castelo ficavam no mesmo lugar. Entretanto, imagine o tamanho da decepção deles quando perceberam que a bandeja era invisível!

Eles aguardaram em um silêncio infeliz enquanto Martha parecia fatiar uma perna de carneiro invisível e servir verduras e batatas invisíveis com uma colher que ninguém conseguia ver. Quando ela saiu da sala, as crianças fitaram a mesa vazia e depois se entreolharam.

– Isto é pior que qualquer outra coisa – disse Robert, que até então não estivera particularmente interessado em seu almoço.

– Não estou com tanta fome assim – comentou Anthea, tentando ver o lado positivo das coisas, como de costume.

Cyril apertou o cinto ostensivamente. Jane começou a chorar.

UM CERCO E QUATRO CAMAS

As crianças estavam sentadas no sombrio salão de banquetes, na ponta de uma das longas mesas de madeira. Agora não havia mais esperança. Martha trouxera o jantar, e o jantar era invisível e também insatisfatório; pois, quando esfregavam as mãos ao longo da mesa, sabiam muito bem que, para eles, não havia nada ali *além* da mesa.

De repente Cyril apalpou o bolso.

– É verdade, ah! – gritou ele. – Vejam só! Biscoitos.

Um tanto quebrados e esmigalhados, sem dúvida, mas ainda assim eram biscoitos. Três unidades inteiras, e uma porção generosa de pedacinhos e farelo.

– Eu peguei de manhã, com a cozinheira... Tinha me esquecido – explicou enquanto dividia os biscoitos com uma justiça cuidadosa em quatro pilhas.

Os biscoitos foram comidos em um silêncio contente, embora o sabor estivesse um pouco estranho, porque tinham ficado a manhã toda no bolso de Cyril com um pedaço de barbante, algumas pinhas verdes e uma bolinha de cera de engraxate.

– Sim, mas e agora, Esquilo – disse Robert. – Você foi bem esperto ao explicar sobre a invisibilidade e tudo o mais. Como é que os biscoitos estão aqui, e todo o pão, a carne e o resto desapareceu?

– Não sei – respondeu Cyril após uma pausa. – Só se foi porque *nós* estávamos com isso. Nada em nós mudou. Tudo que estava no bolso continua aqui.

– Então, se nós *tivéssemos* o cordeiro, ele seria real – disse Robert. – Ah, como queria que o encontrássemos!

– Mas não tem como. Suponho que não seja nosso até que esteja em nossa boca.

– Ou em nossos bolsos – emendou Jane, lembrando-se dos biscoitos.

– Quem guarda cordeiro no bolso, sua pateta? – provocou Cyril. – Sei lá. Mas de qualquer modo eu vou tentar.

Ele se inclinou sobre a mesa com o rosto a um centímetro da madeira e ficou abrindo e fechando a boca como se estivesse dando mordidas no ar.

– Não adianta – insistiu Robert, profundamente desanimado. – Você vai apenas... Olha!

Cyril ficou de pé com um sorriso triunfante, segurando uma fatia de pão com a boca. Era bem verdadeiro. Todos viram. É verdade que, assim que ele mordeu um pedaço, o restante da fatia desapareceu; mas não tinha problema, porque ele sabia que a fatia estava em sua mão, ainda que ele não a visse nem a sentisse. Deu outra mordida no ar perto dos dedos, que virou pão conforme ele mordia. No momento seguinte, todos os outros estavam seguindo seu exemplo, abrindo e fechando a boca a cerca de um centímetro da mesa vazia. Robert capturou uma fatia de carneiro e... Acho que vou avançar o relato dessa cena dolorosa. É suficiente dizer que todos eles comeram carne o bastante e que, quando Martha veio recolher os pratos, ela disse que nunca tinha visto tanta bagunça em toda a sua vida.

A sobremesa era, felizmente, um rocambole simples. E, respondendo às perguntas de Martha, todas as crianças disseram em uníssono que *não* queriam calda... Nem geleia, nem açúcar.

– Sem nada – disseram.

– Nunca que eu ia imaginar uma coisa dessas – falou Martha. – Qual será que vai ser a próxima! – e foi embora.

A cena seguinte foi outra na qual não vou me estender, pois ninguém fica bem pegando fatias de rocambole da mesa com a boca, como se fosse um cachorro. O que importa mesmo, afinal, era que eles conseguiram comer; e agora todos sentiam ter mais coragem para se preparar para o ataque que ocorreria antes do pôr do sol. Robert, como capitão, insistiu em subir até o topo de uma das torres para fazer reconhecimento, então todos foram. Lá de

cima, podiam ver todo o castelo e podiam ver também que, um pouco além do fosso, havia barracas do grupo sitiante por todos os lados. Calafrios desconfortáveis percorreram as costas das crianças quando viram que todos os homens estavam muito ocupados limpando ou afiando suas armas, ajustando os arcos e polindo os escudos. Um grupo grande veio da estrada, com cavalos arrastando um tronco enorme de uma árvore. Cyril ficou bem pálido, pois sabia que isso seria usado como um aríete.

– Ainda bem que temos um fosso – comentou ele. – E ainda bem que a ponte levadiça está levantada... Eu jamais saberia como mexer nela.

– É claro que estaria levantada em um castelo sitiado.

– Era de imaginar que haveria soldados aqui, não acham? – perguntou Robert.

– Mas você não sabe há quanto tempo o castelo está sitiado – respondeu Cyril, sombrio. – Talvez a maioria dos corajosos defensores tenha sido morta no início do cerco, e todas as provisões foram comidas, e agora há apenas alguns intrépidos sobreviventes... Somos nós, e vamos defender o castelo até a morte.

– E como é que se começa? A defender até a morte, quero dizer? – perguntou Anthea.

– Precisamos nos armar pesadamente... Depois vamos disparar neles quando avançarem no ataque.

– Costumavam derramar chumbo fervente em cima dos sitiantes quando chegavam perto demais – lembrou Anthea. – O papai me mostrou os buracos feitos justamente para isso no Castelo de Bodiam. E tem buracos assim na torre do portão daqui.

– Acho que estou feliz que é só uma brincadeira. É *mesmo* só uma brincadeira, certo? – questionou Jane.

Ninguém respondeu.

As crianças encontraram muitas armas estranhas no castelo, e, se elas se armassem, logo ficou claro que estariam, como disse Cyril, “armadas pesadamente”, pois as espadas, as lanças e as bestas

eram de fato muito pesadas, até mesmo para a força viril de Cyril. Quanto aos arcos longos, nenhuma das crianças conseguia sequer começar a puxá-los. Os punhais eram melhores opções; mas Jane esperava que os sitiante não chegassem tão perto a ponto de punhais terem alguma utilidade.

– Deixem para lá. Podemos arremessar as armas – falou Cyril – ou derrubá-las na cabeça das pessoas. Lembrei-me de uma coisa: tem um monte de pedras do outro lado do pátio. E se pegássemos algumas, só para jogar na cabeça de quem tentar atravessar o fosso a nado?

Assim, um monte de pedras cresceu rapidamente na sala acima do portão; havia também outro monte, uma pilha brilhante, de aparência perigosa, composta de punhais e facas.

Quando Anthea estava atravessando o pátio para buscar mais pedras, ocorreu-lhe uma ideia súbita e valiosa. Ela foi até Martha e disse:

– Podemos ter biscoitos no chá? Estamos brincando de castelos sitiados, e queríamos biscoitos como provisões para as tropas. Ponha os meus no meu bolso, por favor, que as minhas mãos estão sujas demais. Vou falar para os outros virem buscar os biscoitos deles.

Esta foi de fato uma ideia feliz, pois agora, com quatro punhados generosos de ar, que se transformaram em biscoitos quando Martha os enfiou nos bolsos deles, as tropas estavam bem abastecidas até o pôr do sol.

Eles trouxeram alguns jarros de ferro com água fria para derramar sobre os sitiante, em vez de chumbo quente, com o qual o castelo não parecia estar fornecido.

A tarde passou com uma rapidez maravilhosa. Foi muito empolgante, mas nenhum deles, exceto Robert, conseguia sentir o tempo todo que se tratava de uma ação mortal e perigosa. Para os outros, que tinham apenas visto o acampamento e os sitiante a distância, a coisa toda parecia meio uma brincadeira de faz de conta, meio um sonho esplendidamente distinto e perfeitamente seguro. Robert, porém, só conseguia sentir isso de vez em quando.

Quando parecia ser a hora do chá, os biscoitos foram comidos com água coletada do poço profundo do pátio e tomada em chifres. Cyril insistiu em reservar oito biscoitos para o caso de alguém se sentir fraco sob o estresse da batalha.

No momento em que ele estava guardando os biscoitos de reserva em uma espécie de armarinho de pedra sem porta, um som repentino fez com que ele derrubasse três. Foi o grito feroz de uma trombeta.

– Viu só, é real – disse Robert. – E eles vão atacar.

Todos correram até as janelas estreitas.

– Sim – continuou Robert. – Eles estão saindo das barracas e se movimentando como formigas. Ali está aquele Jakin, dançando perto da ponte. Eu gostaria que ele pudesse me ver para eu poder mostrar minha língua para ele! Ora!

Os outros estavam pálidos demais para desejar mostrar a língua para qualquer coisa. Eles olharam para Robert com respeito e surpresos. Anthea disse:

– Você é mesmo muito corajoso, Robert.

– Bobagem! – A palidez de Cyril se transformou em vermelhidão em questão de um minuto. – Ele passou a tarde toda se preparando para ser corajoso. E eu não estava pronto, só isso. Serei tão corajoso quanto ele em dois palitos.

– Ah, caramba! – exclamou Jane. – Que importa quem de vocês é mais corajoso? Acho que Cyril foi muito bobo de desejar um castelo, e eu não quero mais brincar.

– Não é... – Robert começou a dizer com firmeza, mas Anthea o interrompeu:

– Ah, você quer, sim – disse ela, de forma persuasiva. – É uma brincadeira bem legal, na verdade, porque não tem como eles entrarem e, se conseguirem, as mulheres e as crianças são sempre poupadas pelos exércitos civilizados.

– Mas você tem certeza absoluta de que eles são civilizados? – questionou Jane, ofegante. – Eles parecem ser de um passado bem distante.

– É claro que são. – Anthea apontou alegremente pela janela estreita. – Ora, veja as bandeirinhas nas lanças, como são brilhantes... E como o líder deles é elegante! Olhe, é ele ali, não é, Robert? No cavalo cinza.

Jane concordou em olhar, e a cena era quase bonita demais para ser alarmante. A relva verde, as barracas brancas, o vislumbre das lanças com suas flâmulas, o brilho da armadura e as cores vivas do lenço e da túnica – tudo isso compunha uma imagem colorida esplêndida. As trombetas soavam e, quando as trombetas pararam para respirar, as crianças ouviram o clangor das armaduras e o murmúrio das vozes.

Um trombeteiro se aproximou da beirada do fosso, que agora parecia muito mais estreito do que a princípio, e soprou a mais longa e mais alta explosão que as crianças já tinham ouvido. Quando o barulho estridente se dissipou, um homem que estava com o trombeteiro gritou:

– Vós que estais aí dentro! – e sua voz veio claramente até a guarnição da casa de guarda.

– Olá! – logo gritou Robert de volta.

– Em nome do nosso senhor, o rei, e do nosso bom senhor e líder fiel Sir Wulfric de Talbot, convocamos este castelo a se render... Ou sofrerão a dor do fogo e da espada, sem misericórdia. Vós vos rendeis?

– Não – berrou Robert. – É claro que não! Nunca, nunca, *nunca!*

O homem respondeu:

– Então o vosso destino está em vossas mãos.

– Comemorem – pediu Robert com um sussurro ardente. – Comemorem para mostrar que não temos medo, e batam os punhais para fazer mais barulho. Um, dois, três! Hip, hip, hurra! De novo: hip, hip, hurra! De novo: hip, hip, hurra! As comemorações foram um tanto altas e fracas, mas a bateção dos punhais lhes deu força e intensidade.

Houve outro grito no acampamento do outro lado do fosso... Então a fortaleza sitiada sentiu que o ataque tinha de fato começado.

Estava ficando um pouco escuro na sala acima do grande portão, e Jane ganhou um pouquinho de coragem quando se lembrou de que o pôr do sol não poderia demorar muito mais.

– O fosso é assustadoramente estreito – observou Anthea.

– Mas eles não vão conseguir entrar no castelo, mesmo que atravessem o fosso nadando – disse Robert.

Enquanto ele falava, ele ouviu pés batendo na escada do lado de fora: pés pesados e barulho de aço. Ninguém respirou por um momento. O aço e os pés subiram as escadas da torre. Robert saltou suavemente até a porta. Ele tirou os sapatos.

– Esperem aqui – sussurrou, e seguiram rápido e silenciosamente as botas e o clangor dos esporões.

Espiou na sala acima. O homem estava lá: era Jakin, todo ensopado de água de fosso e mexendo nas máquinas que Robert acreditava que faziam a ponte levadiça funcionar. Robert fechou a porta de repente e girou a grande chave na fechadura, justamente quando Jakin saltou para o lado de dentro da sala. Depois, Robert desceu as escadas e entrou na torrezinha ao pé da torre, onde ficava a janela maior.

– Nós tínhamos que ter defendido *isto!* – gritou ele aos outros, que o seguiram.

Robert chegou bem a tempo. Outro homem tinha atravessado o fosso a nado, e seus dedos estavam na beirada da janela. Robert não entendeu como o homem conseguiu subir da água. Mas ele viu os dedos agarrados ali, e bateu neles com toda a força com uma barra de ferro que pegou do chão. O homem caiu com um *tchibum* na água do fosso. No momento seguinte, Robert já tinha saído da sala, batido a porta e estava detonando os ferrolhos, chamando Cyril para dar uma mãozinha.

Eles ficaram aguardando na casa de guarda arqueada, respirando rápido e se entreolhando. Jane estava boquiaberta.

– Anime-se, Janey – disse Robert. – Não vai durar muito mais tempo.

Escutaram um rangido acima, e algo crepitou e sacudiu. O pavimento em que eles estavam parecia tremer. Então, uma batida lhes disse que a ponte levadiça havia sido baixada.

– É aquele imbecil do Jakin – comentou Robert. – Ainda tem o rastrilho. Tenho quase certeza de que isso funcionou bem lá embaixo.

E agora a ponte levadiça soava e ecoava o barulho oco de cascos de cavalos e da marcha de homens armados.

– Para cima, rápido! – gritou Robert. – Vamos jogar coisas neles.

Até as meninas estavam quase se sentindo corajosas. Os irmãos seguiram Robert depressa, e sob suas orientações começaram a jogar pedras pelas longas janelas estreitas. Houve um barulho confuso lá embaixo e alguns gemidos.

– Ah! – lamentou Anthea, pondo no chão a pedra que ia jogar. – Receio que a gente tenha ferido alguém!

Robert pegou a pedra com fúria.

– Eu espero muito que *sim!* – disse ele. – O que eu não daria por uma boa panela de chumbo fervente agora. Se render, ora bolas!

Agora ouviram mais pisoteios e uma pausa, depois o baque estrondoso do aríete. E a salinha estava quase completamente escura.

– Nós resistimos – gritou Robert. – Não vamos nos render! O Sol deve se pôr em um minuto. Aqui... Eles estão todos se queixando de novo lá embaixo. Pena que não dá tempo de pegar mais pedras! Derrame a água neles. Não adianta nada, é claro, mas eles vão odiar.

– Ah, minha nossa! – disse Jane. – Não acha que é melhor nos rendermos?

– Jamais! – disse Robert. – Podemos ter uma conferência, se você quiser, mas nunca nos renderemos. Eu vou ser um soldado quando crescer... Você vai ver só. Eu não vou para o serviço civil, não importa o que digam.

– Vamos balançar um lenço e solicitar uma conferência – pediu Jane. – Parece que o Sol nunca vai se pôr hoje.

– Jogue a água neles antes... Essas feras! – disse o sanguinário Robert.

Anthea virou o jarro pelo buraco mais próximo e derramou. Eles ouviram um *splash* lá embaixo, mas ninguém pareceu ter sentido. E de novo o aríete golpeou a grande porta. Anthea fez uma pausa.

– Que idiotas – disse Robert, deitando-se de costas no chão e espiando com um olho pelo buraco de chumbo. – É claro que os buracos dão direto na casa de guarda... Isso serve para quando os inimigos já passaram da porta e do rastrilho, e quase tudo está perdido. Me passe o jarro. – Ele rastejou até o parapeito de três pontas da janela e, pegando o jarro de Anthea, despejou a água através da fenda para flechas.

Quando começou a derramar, o barulho do aríete e o pisoteio do inimigo e os gritos de “Rendam-se!” e “De Talbot para sempre!” de repente pararam todos ao mesmo tempo, e dissiparam como o fogo de uma vela soprada. A salinha escura pareceu girar e virar de cabeça para baixo. Quando as crianças recobram a consciência, estavam sãs e salvas no grande quarto da frente de sua própria casa – a casa com o ornamento de ferro assustador no telhado.

Eles se aglomeraram na janela para espiar lá fora. O fosso e as barracas e a tropa sitiante tinham sumido – e ali estava o jardim com seu emaranhado de dalias, malmequeres, ásteres e rosas tardias, e as grades de ferro pontiagudas e a tranquila estrada branca.

Todos soltaram um suspiro profundo.

– E ficou tudo bem! – exclamou Robert. – Eu disse! E, vejam só, nós não nos rendemos, não foi?

– Não estão contentes agora que eu desejei um castelo? – perguntou Cyril.

– Acho que *agora* eu estou – disse Anthea devagar. – Mas acho que eu não pediria esse desejo de novo, Esquilo querido!

– Ah, foi simplesmente esplêndido! – falou Jane, inesperadamente.
– Eu não fiquei nem um pouco assustada.

– Ah, é! – começou a ironizar Cyril, mas Anthea o interrompeu.

– Ouçam – disse ela. – Acabei de pensar nisso. Esta é a primeira coisa que desejamos que não nos colocou em apuros. E não levamos nenhuma bronca sobre isso. Ninguém está furioso lá embaixo, estamos sãos e salvos, tivemos um dia muito feliz... Não foi exatamente alegre, mas vocês entenderam o que eu quis dizer. E agora sabemos quão corajoso Robert é... e Cyril também, é claro – acrescentou ela depressa. – E Jane também. E nós não levamos bronca de nenhum adulto.

A porta foi aberta de repente e com força.

– Vocês deviam ter vergonha do que fizeram – disse a voz de Martha, e dava para saber pelo tom que ela estava realmente muito brava. – Achei mesmo que vocês não conseguiriam passar um dia inteiro sem inventarem moda! Não se pode mais nem tomar um ar na frente de casa sem levar água do jarro do lavatório na cabeça! Vão já para cama, todos vocês, e tentem acordar mais bem-educados de manhã. Vão agora... Não vou dizer duas vezes. Se eu vir alguém fora da cama em dez minutos, vocês vão ver só! Minha touca nova, e tudo mais!

Ela os deixou em meio a um coro ignorado de arrependimentos e desculpas. As crianças lamentavam muito, mas na verdade não era culpa delas. Não tem o que fazer se você está derramando água sobre um inimigo sitiante e seu castelo de repente se transforma em sua casa – e tudo se transforma junto, exceto a água, e aí acontece de cair na touca limpa de outra pessoa.

– Não consigo entender por que a água não desapareceu – observou Cyril.

– Por que deveria? – perguntou Robert. – Água é água no mundo todo.

– Imagino que o poço do castelo seja o mesmo que temos no nosso estábulo – comentou Jane.

Era isso mesmo.

– Eu achei mesmo que não conseguiríamos terminar o desejo do dia sem levar uma bronca – disse Cyril. – Era bom demais para ser verdade. Vamos, Bob, meu herói militar. Se nós formos logo para a

cama, ela não ficará tão furiosa e talvez nos traga jantar. Estou com muita fome! Boa noite, crianças.

– Boa noite. Espero que o castelo não volte à noite – falou Jane.

– É claro que não vai voltar – retrucou Anthea com energia. – Mas a Martha vai... Não à noite, mas em um minuto. Vire aqui, deixa eu soltar o nó do seu avental.

– Não teria sido degradante para Sir Wulfric de Talbot – começou Jane, sonhadora – se ele descobrisse que metade das tropas sitiadas usava saia?

– E a outra metade usa bermuda. Sim... teria sido mesmo muito degradante. Fique parada... Você está fazendo o nó apertar – disse Anthea.

MAIOR QUE O FILHO DO PADEIRO

- Ouçam – disse Cyril. – Tive uma ideia.
- Doeu muito? – brincou Robert, galhofeiro.
- Não seja besta! Estou falando sério.
- Cale a boca, Bob! – mandou Anthea.
- Silêncio que o Esquilo vai falar – disse Robert.

Cyril se equilibrou na beira da cisterna no quintal, onde todos estavam, e falou:

– Amigos, romanos, conterrâneos e conterrâneas, encontramos um psamíde. Tivemos desejos concedidos. Tivemos asas, fomos tão belos quanto o dia, argh! E tudo isso foi muito legal, se me permitem dizer. Tivemos riquezas e castelos, e aquela história estranha dos ciganos com o Cordeirinho. Mas não estamos indo adiante. Não ganhamos nada com os nossos desejos que valha a pena de verdade ter.

– Fizemos coisas acontecerem – observou Robert. – Já é alguma coisa.

– Não é o bastante, a menos que sejam as coisas certas – disse Cyril com firmeza. – Agora, estive pensando...

– Mesmo? – sussurrou Robert.

– ... no silêncio da noite. É como se te perguntassem alguma coisa sobre história, a data de alguma conquista ou algo assim; você sabe muito bem, mas, quando te perguntam, a resposta some da sua cabeça. Damas e cavalheiros, vocês sabem muito bem que, quando todos estamos nos dando mal, como parece ser de costume, montes de coisas continuam surgindo, então é quando desejos sinceros e reais surgem na cabeça da pessoa...

– De acordo! – Robert falou no meio.

– ... da pessoa, não importa quão estúpida ela seja – prosseguiu Cyril. – Ora, até mesmo Robert poderia pensar em um desejo

realmente útil se o seu pobre cérebro não se prejudicasse tentando pensar. Cale a boca, Bob, estou avisando! Você vai ver só.

Uma luta na beirada da cisterna é animada, porém molhada. Quando acabou e os meninos se secaram um pouco, Anthea disse:

– Foi você quem começou, Bob. Agora que vocês já estão satisfeitos, deixe o Esquilo continuar. Estamos desperdiçando a manhã toda.

– Muito bem – disse Cyril, ainda torcendo água das abas de seu paletó. – Se Bob quiser, teremos paz.

– Paz então – respondeu Robert mal-humorado. – Mas meu olho inchou e está do tamanho de uma bola de críquete.

Anthea pacientemente ofereceu um lenço cor de areia, e Robert lavou suas feridas em silêncio.

– Agora, Esquilo, continue – pediu ela.

– Muito bem, então vamos brincar de gangue, ou fazer fortes, ou brincar de soldados, ou jogar qualquer um dos nossos velhos jogos. Com certeza vamos pensar em algo se tentarmos não fazê-lo. Isso sempre acontece.

Os outros concordaram. Escolheram brincar de gangue.

– É tão legal quanto qualquer outra brincadeira – comentou Jane.

É preciso dizer que Robert era, a princípio, um bandido indisposto, mas, quando Anthea pegou emprestado com Martha o lenço manchado de vermelho, no qual o guarda-caça lhe trouxera cogumelos naquela manhã, e o amarrou na cabeça de Robert para que ele pudesse ser o herói ferido que havia salvado a vida do chefe da gangue no dia anterior, ele se animou. Logo todos estavam armados. Arcos e flechas pendurados nas costas, e guarda-chuvas e bastões de críquete presos nos cintos davam uma boa impressão de que estavam armados até os dentes. Os chapéus brancos de algodão que os homens usam no interior hoje em dia têm um efeito que parece uma roupa de um bandoleiro quando algumas penas de peru estão presas neles. O carrinho do Cordeirinho foi coberto com uma toalha xadrez vermelha e azul, e se tornou um admirável vagão

de bagagem. O Cordeirinho dormindo dentro não atrapalhava nada. Então os bandidos partiram ao longo da estrada que levava à mina.

– Devemos estar perto do psamíde – afirmou Cyril –, para o caso de pensarmos em algo de repente.

É muito bom decidir brincar de gangue – ou xadrez, pingue-pongue ou qualquer outro jogo agradável –, mas não é fácil fazê-lo de corpo e alma quando todos os maravilhosos desejos que você pode ou não imaginar estão a um palmo de distância. O jogo estava ficando um pouco moroso, e alguns dos bandidos estavam começando a sentir que os outros eram desagradáveis, e estavam dizendo isso com franqueza, quando o filho do padeiro apareceu na estrada com pães em uma cesta. A oportunidade não era uma que poderia ser desperdiçada.

– Passe os pães pra cá! – gritou Cyril.

– Escolha se quer sair daqui com o dinheiro ou com a vida! – ameaçou Robert.

E cada um se posicionou de um lado do filho do padeiro. Infelizmente, ele não pareceu entrar no espírito da brincadeira. Era um menino de tamanho anormalmente grande. Ele apenas disse:

– Caiam fora! – e empurrou os bandidos de lado de forma desrespeitosa.

Em seguida, Robert laçou-o com a corda de pular de Jane e, em vez de prendê-lo pelos ombros, como Robert pretendia, a corda escorregou até os pés dele e o fez tropeçar. A cesta foi derrubada, os belos pães fresquinhos caíram e rolaram por toda a estrada empoeirada de calcário. As garotas correram para recolhê-los enquanto Robert lutava com o filho do padeiro, homem a homem, com Cyril de juiz, com a corda de pular se contorcendo nas pernas deles como uma cobra querendo ser pacificadora. Não teve sucesso; de fato, a maneira como os cabos atingiam os lutadores nas canelas e nos tornozelos não era nada pacífica. Sei que essa é a segunda luta – ou competição – neste capítulo, mas não posso evitar. Era esse tipo de dia. Você sabe que há dias em que as coisas parecem continuar acontecendo sem que você as queira. Se eu fosse uma escritora de contos de aventura como os que eu

costumava ler em alguns folhetins quando era mais nova, é claro que poderia descrever a briga, mas não vou. Eu nunca consigo ver o que acontece durante uma briga, mesmo quando envolve apenas cachorros. Além do mais, se eu tivesse me tornado uma escritora desse tipo, Robert teria vencido. Mas sou parecida com o presidente George Washington: não consigo mentir, mesmo se for uma mentira sobre uma cerejeira, muito menos a respeito de uma luta, e não posso ocultar de você que Robert levou uma surra pela segunda vez no dia. O filho do padeiro deixou seu outro olho roxo e, desconhecendo as regras de justiça e do comportamento de cavalheiros, ele também puxou os cabelos de Robert e lhe deu um chute no joelho. Robert costumava dizer que teria ido dessa para melhor se não tivesse sido pelas garotas. Mas eu não tenho certeza. De qualquer forma, o que aconteceu foi isso, e foi muito doloroso para aqueles dois nobres meninos.

Cyril já estava tirando o casaco para ajudar o irmão quando Jane lançou os braços ao redor das pernas dele e começou a chorar, pedindo que ele não fosse e apanhasse também. Aquele “também” foi bem agradável para Robert, como você pode imaginar, mas não foi nada perto do que ele sentiu quando Anthea se interpôs entre ele e o filho do padeiro, e agarrou aquele lutador injusto e degradado pela cintura, implorando que não lutasse mais.

– Ah, não machuque mais meu irmão! – disse ela em um mar de lágrimas. – Ele não queria ofender, era só uma brincadeira. E tenho certeza de que ele lamenta muito.

Você vê como isso foi injusto com Robert. Porque, se o menino do padeiro tivesse algum instinto de justiça e nobreza, e tivesse cedido ao pedido de Anthea e aceitado seu desprezível pedido de desculpas, Robert não poderia, por sua honra, fazer qualquer coisa contra ele no futuro. Mas os medos de Robert, se ele tivesse algum, logo foram dissipados. O cavalheirismo era algo estranho para o filho do padeiro. Ele empurrou Anthea com muita grosseria e perseguiu Robert com chutes e xingamentos na estrada até a mina, e lá, com um último chute, ele o derrubou em um monte de areia.

– Que isso te ensine uma lição, seu animal! – gritou e depois saiu para pegar os pães e cuidar de sua vida.

Cyril, impedido por Jane, não podia fazer nada sem machucá-la, porque ela se agarrava às suas pernas com a força do desespero. O filho do padeiro ficou vermelho e suado; agressivo, ele os xingou de bando de idiotas e sumiu ao virar a esquina. Só então o aperto de Jane se afrouxou. Cyril se virou em silenciosa dignidade para ir atrás de Robert, e as meninas o seguiram, chorando sem parar.

Não foi um grupo feliz que se jogou na areia ao lado de Robert, que soluçava. Pois Robert estava soluçando, principalmente de raiva. Embora, é claro, eu saiba que um garoto realmente heroico está sempre com os olhos secos depois de uma briga. Mas esse garoto sempre vence, o que não foi o caso de Robert.

Cyril estava bravo com Jane; Robert estava furioso com Anthea; as garotas estavam melancólicas; e nenhum dos quatro estava satisfeito com o filho do padeiro. Houve, como dizem os escritores franceses, “um silêncio cheio de emoção”.

Então Robert enfiou os dedos dos pés e das mãos na areia e se contorceu de raiva.

– Ele não perde por esperar quando eu crescer... Grosseirão covarde! Animal! Eu o odeio! Mas vou fazê-lo pagar pelo que fez. Ele só ganhou porque é maior que eu.

– Você que começou – Jane apontou sem prudência.

– Sei que sim, bobinha, mas eu só estava brincando, e ele me chutou, olha aqui... – Robert baixou uma meia e mostrou uma contusão roxa. – Eu só queria ser maior que ele, é só o que eu desejo.

Ele cavou os dedos na areia e se levantou, pois sua mão havia tocado alguma coisa peluda. Claro que era o psamíde, “Na esperança de deixá-los com cara de bobos de novo”, como Cyril pontuou depois. E, claro, no momento seguinte o desejo de Robert foi concedido, e ele se tornou maior do que o filho do padeiro. Ah, mas muito, muito maior. Ficou maior do que o grande policial que costumava ficar no cruzamento da mansão anos antes – aquele bonzinho que ajudava velhinhas a atravessar a rua – e era o homem

mais alto que eu já vi, além de ser o mais gentil. Ninguém tinha uma fita métrica no bolso, de modo que Robert não podia ser medido, mas ele era mais alto do que seu pai seria se subisse nos ombros da sua mãe, mas tenho certeza de que ele nunca seria maldoso a ponto de pedir que fizessem isso. Ele devia ter uns três metros e meio de altura, e era tão largo quanto um garoto daquela altura deveria ser. Sua roupa felizmente cresceu junto, e agora ele estava ali de pé, vestido com ela, com uma das meias enormes baixadas para mostrar o roxo gigantesco em sua perna comprida. Imensas lágrimas de fúria ainda estavam em seu rosto gigante corado. Ele parecia tão surpreso e era tão grande para estar usando aquele colarinho largo, que os outros não conseguiram deixar de rir.

– O psamíde pregou uma peça de novo na gente – disse Cyril.

– Não na gente, *em mim* – corrigiu Robert. – Se vocês tivessem algum sentimento decente, tentariam fazer com que ele os deixasse do mesmo tamanho. Vocês não têm ideia de como é bobo – acrescentou com dureza.

– Eu não quero, consigo ver muito bem quão bobo parece – Cyril tinha começado a falar, mas Anthea se intrometeu:

– Ah, *parem!* Não sei qual é o problema de vocês, garotos, hoje. Olha aqui, Esquilo, vamos ser justos. É horrível para o pobre e velho Bob, sozinho lá em cima. Vamos pedir ao psamíde outro desejo, e, se conseguirmos, realmente acho que deveríamos ter o mesmo tamanho dele.

Os outros concordaram, não muito animados. Mas, quando encontraram o psamíde, ele não concedeu o desejo.

– Eu não – disse irritado, esfregando o rosto com os pés. – Ele é um garoto grosseiro e violento, e vai lhe fazer bem ter o tamanho errado por um tempo. O que ele queria ao vir me desenterrar com suas mãos úmidas e sujas? Ele quase me tocou! É um perfeito selvagem. Um menino da Idade da Pedra teria mais modos.

As mãos de Robert estavam mesmo úmidas com lágrimas.

– Vão embora e me deixem em paz – prosseguiu o psamíde. – Não consigo entender por que vocês não desejam algo sensato,

algo para comer ou beber, ou boas maneiras, ou bons temperamentos. Vão embora!

Quase rosnou quando sacudiu seus bigodinhos e virou as costas marrons para eles. Até os mais esperançosos sentiram que mais conversas seriam em vão. Eles se voltaram novamente para o colossal Robert.

– O que devemos fazer? – perguntaram os três.

– Primeiro – disse Robert sombriamente –, vou conversar com o filho do padeiro. Devo alcançá-lo no fim da estrada.

– Não bata em alguém menor do que você, velhinho – disse Cyril.

– Parece que eu vou bater nele? – desdenhou Robert. – Pois eu deveria *cabar* com ele. Mas vou dar-lhe algo para lembrar. Esperem até eu levantar minha meia.

Ele puxou a meia, que era tão grande quanto uma fronha, e se afastou. Seus passos tinham quase dois metros de largura, de modo que foi muito fácil para ele chegar ao pé da colina. Estava pronto quando o filho do padeiro desceu balançando a cesta vazia para encontrar a carroça do chefe, que estava deixando pão nas cabanas ao longo da estrada.

Robert se agachou atrás de um palheiro no pátio de uma fazenda, que fica na esquina, e quando ouviu o menino vindo assobiando saltou em frente dele e o segurou pelo colarinho.

– Agora – disse Robert, e sua voz estava quatro vezes mais alta que o habitual, exatamente como o seu corpo –, vou te ensinar a chutar garotos menores que você.

Ele levantou o filho do padeiro e o colocou no topo do palheiro, que tinha uns cinco metros de altura, então se sentou no telhado do estábulo e disse ao filho do padeiro exatamente o que pensava dele. Não acho que o menino ouviu nada – ele estava em uma espécie de transe aterrorizado. Quando Robert disse tudo o que conseguia pensar, e ainda repetiu algumas coisas, sacudiu o menino e disse:

– Agora se vire para descer daí.

E o largou lá.

Não sei como o filho do padeiro desceu, mas sei que ele perdeu a carroça e tomou uma bronca daquelas quando finalmente apareceu na padaria. Lamento muito por ele, mas, afinal de contas, ele deveria saber que garotos ingleses não devem usar os pés quando lutam, e sim os punhos. É claro que a bronca só ficou pior quando ele tentou contar ao seu mestre sobre o menino no qual ele tinha batido e o gigante tão alto quanto uma igreja, porque ninguém conseguiria acreditar em tal história. No dia seguinte, acabaram acreditando na história dele, mas aí já não serviu de nada para o filho do padeiro.

Quando Robert se juntou aos outros, encontrou-os no jardim. Anthea tinha pedido sabiamente à Martha para deixá-los almoçar lá fora – porque a sala de jantar era pequena e teria sido muito estranho ter um irmão do tamanho de Robert do lado de dentro. O Cordeirinho, que havia dormido tranquilamente durante toda aquela manhã turbulenta, estava agora espirrando, e Martha disse que ele tinha ficado resfriado e que estaria melhor dentro de casa.

– E foi melhor mesmo – comentou Cyril –, pois não acho que ele conseguiria parar de gritar se te visse desse tamanho horrível!

Robert era de fato o que um vendedor de roupas chamaria de “tamanho grande”. Ele se viu capaz de passar por cima do portão de ferro do jardim da frente.

Martha trouxe o almoço: uma vitela fria e batatas assadas, com pudim de sagu e ameixas cozidas para acompanhar.

É claro que ela não notou que Robert estava maior que o tamanho normal, e lhe deu somente a quantidade habitual de carne e batatas, nada além. Você não tem ideia de quão pequeno o almoço parece quando se está muitas vezes maior. Robert resmungou e pediu mais pão. Mas Martha não continuaria dando mais pão para sempre. Ela estava com pressa, porque o guarda-caça pretendia passar por lá a caminho da Feira de Benenhurst, e ela queria se arrumar antes que ele chegasse.

– Gostaria que *nós* fôssemos para a feira – disse Robert.

– Você não pode ir a lugar nenhum desse tamanho – falou Cyril.

– Por que não? – perguntou Robert. – Eles têm gigantes em feiras, muito maiores que eu.

– Não tem, não – Cyril tinha começado a falar quando Jane gritou:

– Ah!

O grito foi tão alto e repentino que todos bateram nas costas dela e perguntaram se havia engolido um caroço de ameixa.

– Não – respondeu ela, sem fôlego por ter sido golpeada nas costas. – Não é um caroço de ameixa, é uma ideia. Vamos levar Robert para a feira e fazê-los nos dar dinheiro para mostrá-lo! Assim finalmente tiraremos alguma coisa do velho psamide!

– Vão me levar! – Robert se indignou. – Mais fácil eu levar vocês!

E assim aconteceu. A ideia foi irresistível, exceto para Robert, mas até mesmo ele foi seduzido pela sugestão de Anthea de que a parte dele do dinheiro que pudessem ganhar deveria ser o dobro das outras. Havia na cocheira uma pequena carruagem de pôneis, do tipo que é chamada de carroça de governanta. Parecia desejável chegar à feira o mais rápido possível, então Robert – que podia dar passos enormes e ir bem rápido – consentiu em puxar os outros naquilo. Era tão fácil para ele quanto tinha sido empurrar o Cordeirinho no carrinho pela manhã. O resfriado do Cordeirinho o impediu de ir junto.

Era uma sensação estranha ser empurrado em uma carroça por um gigante. Todos gostaram da viagem, exceto Robert e as poucas pessoas com as quais cruzaram pelo caminho. A maior parte delas foi para o que parecia uma espécie de reentrância à beira da estrada, como Anthea notou. Logo antes de entrar em Benenhurst, Robert se escondeu em um celeiro enquanto os outros seguiram para a feira.

Havia alguns balanços, um divertido carrossel, um estande de tiro e um tiro ao alvo de cocos. Resistindo ao impulso de tentar ganhar um coco – ou de pelo menos fazer uma tentativa –, Cyril foi até a mulher que estava carregando pequenas armas diante do conjunto de garrafas de vidro em fileiras numa lona.

– Aí está você, jovem cavalheiro! – disse ela. – Um tiro por um centavo!

– Não, obrigado – disse Cyril –, estamos aqui a negócios, e não por prazer. Quem é o chefe?

– O quê?

– O chefe, o cabeça, o líder do show.

– Ali – ela apontou para um homem robusto em um paletó de linho sujo que estava dormindo ao Sol. – Mas não recomendo que o acorde no susto. Seu temperamento é bravo, especialmente nestes dias quentes. Melhor dar um tiro enquanto você está esperando.

– É bem importante – afirmou Cyril. – Vai ser muito lucrativo para ele. Acho que ele vai se arrepender se levamos embora.

– Ah, se é dinheiro para o bolso dele... – disse a mulher. – É brincadeira? O que é?

– É um *gigante*.

– Você *tá* brincando?

– Venha ver – convidou Anthea.

A mulher olhou para eles com dúvida, depois chamou uma menininha esfarrapada de meias listradas e anágua branca encardida, cuja barra se revelava embaixo de seu vestido marrom, e, deixando-a no comando da “galeria de tiro”, virou-se para Anthea e disse:

– Bem, vamos lá! Mas se você *está* brincando, é melhor dizer logo. Eu sou boazinha de tudo, mas meu Bill é um terror e...

Anthea foi na frente até o celeiro.

– É *mesmo* um gigante – falou ela. – Ele é um garotinho gigante, de Norfolks. E nós não o trouxemos para a feira porque as pessoas o encaram, e elas parecem ficar bravas quando o veem. E pensamos que talvez você gostaria de mostrá-lo na feira e cobrar por isso; e se você quiser nos pagar alguma coisa, seria ótimo. Só que terá que ser bastante, porque nós prometemos que a parte dele seria o dobro do que ganharmos.

A mulher murmurou algo indistinto, de que as crianças só entenderam as palavras “Socorro!”, “loucura” e “caramba”, por isso

não formaram uma ideia definitiva em suas mentes. Ela tinha pegado a mão de Anthea e a segurava com firmeza; e Anthea não poderia deixar de imaginar o que aconteceria se Robert se afastasse ou voltasse ao tamanho adequado durante o intervalo. Mas ela sabia que os desejos do psamíde duravam até o pôr do sol, por mais inconveniente que fosse sua duração; e, de alguma forma, ela não imaginava que Robert ligaria de sair sozinho enquanto estivesse daquele tamanho.

Quando chegaram ao celeiro, Cyril chamou:

– Robert!

Houve uma agitação entre o feno solto, e Robert começou a sair. O braço e a mão vieram primeiro, depois o pé e a perna. Quando a mulher viu a mão, exclamou:

– Nossa! – Mas, quando viu o pé, falou: – Caramba!

E quando, em graus lentos e pesados, todo o enorme volume de Robert foi enfim revelado por completo, ela soltou um longo suspiro e começou a dizer muitas coisas, que comparadas ao “loucura” e “caramba” pareciam bem ordinárias. No fim, ela acabou conseguindo formular frases compreensivas.

– Quanto vocês querem por ele? – perguntou animada. – Qualquer coisa razoável. Nós teríamos um estande especial... Pelo menos eu sei onde há um de segunda mão que seria bonito. Um que o bebê elefante teve até morrer. Quanto vocês querem? Ele é tranquilo, né? A maioria dos gigantes é, mas eu nunca vi um, nunca! Quanto vocês querem? Vamos tratá-lo como um rei e dar-lhe comida de primeira classe e um ajuste perfeito para um visual legal. Ele deve ser tonto ou não precisaria de crianças para conduzi-lo por aí. Quanto vocês querem por ele?

– Eles não vão receber nada – disse Robert severamente. – Não sou mais tranquilo do que você, não muito. Vou fazer um show só hoje e você vai me dar... – Hesitou quanto ao preço enorme que iria pedir. – ... quinze xelins.

– Feito – a mulher concordou tão depressa que Robert sentiu que tinha sido injusto consigo mesmo e desejou ter pedido trinta. – Venham, vou falar com o Bill e fazer um preço para a temporada.

Sei que você pode receber até duas libras por semana. Venha, se abaixe o máximo que puder, pelo amor!

O máximo dele não foi muito, e rapidamente uma multidão se reuniu, de modo que foi à frente de uma procissão entusiasmada que Robert entrou no prado pisoteado onde a feira estava sendo realizada, e passou por cima da grama empoeirada e amarelada para chegar à porta da maior barraca. Ele entrou sorrateiramente, e a mulher foi chamar o tal do Bill dela. Ele era o grande homem adormecido e não parecia nada satisfeito por ter sido acordado. Cyril, observando através de uma fenda na barraca, viu-o franzir a testa e sacudir um punho pesado e uma cabeça sonolenta. A mulher continuou falando muito rápido. Cyril ouviu “Puxa vida!” e “maior sorte que você já teve, minha nossa!” e começou a compartilhar o sentimento de Robert de que quinze xelins era realmente pouco. Bill se arrastou até a barraca e entrou. Quando contemplou as proporções magníficas de Robert, não falou quase nada – “Caramba!” foi a única palavra de que as crianças se lembraram depois –, mas ele pegou quinze xelins, principalmente em moedas de seis centavos e moedas de cobre, e entregou a Robert.

– A gente acerta o que você vai arrecadar depois que o show desta noite acabar – disse Bill com uma sinceridade brusca. – Meu pai, adoro uma coisa assim! Você vai ficar contente com a gente, tanto que nunca vai querer nos deixar. Consegue cantar uma música agora, ou de repente dançar um pouco?

– Hoje não – respondeu Robert, refreando-se da ideia de tentar cantar a cantiga favorita de sua mãe, a única canção na qual conseguia pensar no momento.

– Chame Levi e libere aquele lugar de fotos. Libere a barraca. Prenda uma cortina ou alguma coisa parecida – continuou o homem. – Meu pai, que pena que não temos *collants* do tamanho dele! Mas vamos conseguir antes do fim da semana. Rapazinho, você já fez fortuna. Foi uma boa ter vindo até mim, e não a alguns homens que eu vou te contar. Conheço caras que batiam nos gigantes deles e os deixavam morrer de fome. Então vou ser direto:

você teve mais sorte hoje do que jamais teve na vida. Porque eu sou um anjo, sou mesmo. E não vou te enganar.

– Não tenho medo de ninguém bater *em mim* – disse Robert, olhando para o “anjo”. Robert estava de joelhos, porque a barraca não era grande o bastante para ele ficar em pé dentro dela, mas mesmo nessa posição ele ainda tinha que baixar a cabeça para olhar para a maioria das pessoas. – Mas estou com muita fome, queria que me desse algo para comer.

– Ei, Becca – chamou o rude Bill. – Arranje um rango para ele, o melhor que conseguir, viu!

Outro sussurro se seguiu, do qual as crianças somente ouviram “Linhas em preto e branco... primeira coisa amanhã”.

A mulher saiu para buscar a comida – era apenas pão e queijo, mas estava delicioso para o grande e vazio Robert. O homem foi postar algumas sentinelas ao redor da barraca, para soarem o alerta se Robert tentasse escapar com seus quinze xelins.

– Como se não fôssemos honestos – disse Anthea indignada quando compreendeu o significado das sentinelas.

Assim começou uma tarde muito estranha e maravilhosa.

Bill era um homem que conhecia seu negócio. Em pouquíssimo tempo, as cabines fotográficas, as lunetas pelas quais você olha, para que elas pareçam de fato reais, e as luzes foram todas guardadas. Uma cortina – na verdade, era um velho tapete vermelho e preto – atravessava a barraca. Robert ficou escondido atrás da cortina, e Bill estava de pé em uma mesa do lado de fora da barraca fazendo um discurso. Foi um bom discurso. Começou por dizer que o gigante que ele tinha o privilégio de apresentar ao público naquele dia era o filho mais velho do Imperador de São Francisco, obrigado por um infeliz caso amoroso com a duquesa das Ilhas Fiji a deixar o próprio país e refugiar-se na Inglaterra, onde a liberdade era um direito de todo homem, não importava quão grande ele fosse. Terminou com o anúncio de que as primeiras vinte pessoas que viessem até a porta da barraca poderiam ver o gigante por um ingresso de três centavos cada um.

– Depois disso – continuou Bill –, o valor vai subir, e não me arrisco a dizer até que tudo vai subir. Agora é a hora.

Um moço que acompanhava a namorada em seu passeio vespertino foi o primeiro a se apresentar. Nessa ocasião a sua atitude foi principesca: sem economia nas despesas, dinheiro não era problema. Sua garota queria ver o gigante? Então ela iria ver o gigante, mesmo que ver o gigante tivesse um custo de três centavos cada um e todos os outros entretenimentos fossem bem mais baratos.

A porta da barraca foi erguida e o casal entrou. No momento seguinte, um grito selvagem da garota arrepiou todos os presentes. Bill deu um tapa feliz na própria perna.

– Deu certo! – sussurrou ele para Becca.

Foi realmente uma propaganda esplêndida dos encantos de Robert. Quando a garota saiu, estava pálida e trêmula, e uma multidão se aglomerava ao redor da barraca.

– Como ele é? – perguntou um meirinho.

– Ah! Horrendo! Você não iria acreditar – respondeu ela. – É tão grande quanto um celeiro, e feroz. Congelou meu sangue até os ossos. Eu não perderia a oportunidade de vê-lo por nada neste mundo.

A ferocidade só foi causada pela tentativa de Robert de não rir. Mas o desejo de fazer isso logo passou, e antes do pôr do sol ele estava mais inclinado a chorar do que a rir, e mais ainda inclinado a dormir. Pois, fossem sozinhas ou em duplas, ou em trios, as pessoas continuaram chegando a tarde inteira, e Robert tinha que apertar a mão de quem desejasse e se permitir ser socado, puxado, cutucado e batido, a fim de que as pessoas pudessem ter certeza de que ele era de fato real.

As outras crianças se sentaram em um banco, observaram, esperaram e ficaram muito entediadas. Pareceu-lhes que essa era a maneira mais difícil de ganhar dinheiro que poderia ter sido inventada. E apenas quinze xelins! Bill já havia faturado quatro vezes esse valor, porque as notícias sobre o gigante haviam se espalhado, e comerciantes de carroças e até mesmo nobres em

carruagens vinham de longe e de perto. Um cavalheiro com um monóculo e uma rosa amarela na lapela ofereceu a Robert, com um sussurro gentil, dez libras por semana para se apresentar em Londres. Robert teve de recusar.

– Não posso – disse ele em um lamento. – Não adianta prometer o que não se pode cumprir.

– Ah, pobrezinho, está preso por um contrato de anos, suponho! Bem, aqui está meu cartão. Quando chegar sua hora, me procure.

– Farei isso, se estiver com este mesmo tamanho – respondeu Robert com sinceridade.

– Se crescer um pouco, será ainda melhor – disse o cavalheiro.

Depois que ele se foi, Robert chamou Cyril e falou:

– Diga a eles que preciso e farei uma pausa. E que quero meu chá.

Providenciaram chá, e um papel foi rapidamente preso à barraca. Nele se lia:

Fechado por meia hora enquanto o gigante toma seu chá.

Então ali ocorreu uma conferência apressada.

– Como é que eu vou sair desta? – perguntou Robert. – Passei a tarde toda pensando nisso.

– Ora, saia da barraca quando o Sol se puser e você estiver do seu tamanho normal. Eles não podem fazer nada contra a gente.

Robert arregalou os olhos.

– Eles provavelmente iriam nos matar – disse – quando me vissem voltar ao tamanho normal. Não, precisamos pensar em algum outro jeito. *Precisamos* estar sozinhos na hora do pôr do sol.

– Eu sei – replicou Cyril bruscamente.

Ele foi até a porta, onde, do lado de fora, Bill fumava um cachimbo e conversava baixinho com Becca. Cyril o ouviu dizer “Que bom que vai te sobrar uma fortuna”.

– Escutem – Cyril falou para o casal –, podem deixar as pessoas entrarem de novo em um minuto. Ele está quase terminando o chá. Mas ele precisa ficar sozinho na hora do pôr do sol. Ele fica bem

esquisito nesse período do dia, e se ficar preocupado eu não me responsabilizo pelas consequências.

– Ué, o que acontece com ele? – perguntou Bill.

– Não sei. É algum tipo de mudança – disse Cyril com franqueza.

– Ele se altera... Mal dá para reconhecê-lo. Ele fica muito esquisito mesmo. Alguém pode se machucar se ele não estiver sozinho ao pôr do sol.

Isso era verdade.

– Mas ele volta à noite, suponho?

– Oh, sim... Meia hora depois do pôr do sol ele já terá voltado a si de novo.

– É melhor fazer o que ele pede – recomendou a mulher.

E assim, quando Cyril julgou ser cerca de meia hora antes do pôr do sol, a barraca foi novamente fechada “durante o jantar do gigante”.

A multidão ficou muito feliz com as refeições do gigante e com a proximidade delas.

– Bem, ele pode escolher um pouco – disse Bill. – Ele tem que comer bem, tendo aquele tamanho todo.

Dentro da barraca, as quatro crianças ofegantes organizaram um plano de retirada.

– Vocês saem *agora* – disse Cyril às meninas – e vão direto para casa, o mais rápido possível. Ah, esqueçam a carroça de governanta; nós pegamos amanhã. Robert e eu estamos vestidos da mesma forma. Nós vamos dar um jeito, como Sydney Carton⁶. Só que vocês, meninas, *devem* partir, ou nada dará certo. Nós podemos correr, mas vocês não, não importa o que pensam. Não, Jane, não adianta Robert sair e derrubar as pessoas. A polícia iria segui-lo até ele voltar ao tamanho normal e depois o prenderia no ato. Vocês devem ir! Se não forem, nunca mais falarei com vocês. Foram vocês que nos meteram nessa bagunça, na verdade, agarrando as pernas das pessoas do jeito que fizeram esta manhã. Vão logo, estou dizendo!

E Jane e Anthea partiram.

– Vamos para casa – disseram elas para Bill. – Estamos deixando o gigante com você. Seja gentil com ele.

Isso foi, como Anthea comentou depois, muito traiçoeiro, mas o que eles poderiam fazer?

Quando as irmãs foram embora, Cyril se aproximou de Bill.

– Ouça – disse o menino –, ele quer algumas espigas de milho. Tem algumas ali, eu vou lá correndo buscar. Oh, e ele perguntou se você não pode erguer a barraca um pouco atrás? Ele disse que está sufocando, que precisa tomar um ar. Eu cuido para que ninguém o espie. Vou cobri-lo, e ele pode tirar um cochilo enquanto eu vou buscar o milho. Ele *vai* fazer isso, não adianta tentar impedi-lo quando ele fica desse jeito.

O gigante se acomodou com uma pilha de sacos e uma lona velha. A cortina foi erguida e os irmãos foram deixados sozinhos. Eles amadureceram seu plano em sussurros. Do lado de fora, o carrossel tocava suas músicas engraçadinhas, gritando de vez em quando para atrair a atenção do público.

Meio minuto depois de o Sol se pôr, um rapaz de terno passou por Bill.

– Vou lá buscar o milho – disse ele e logo se misturou à multidão.

No mesmo instante, um menino saiu da parte de trás da barraca, passando por Becca, que estava postada ali como sentinela.

– Vou lá buscar o milho – também disse esse menino.

E ele também se afastou tranquilamente e se perdeu na multidão. O menino que saiu pela frente era Cyril; o que saiu por trás era Robert, que desde o pôr do sol tinha retornado ao seu tamanho normal. Eles caminharam depressa pelo campo e ao longo da estrada, onde Robert alcançou Cyril. Então correram. Eles chegaram em casa junto com as meninas, pois era um longo caminho e os garotos correram pela maior parte. Era de fato um longo caminho, como descobriram na manhã seguinte, quando tiveram de voltar lá e arrastar a carroça de governanta até a casa, sem um enorme Robert para empurrar como se fosse um carrinho

de bebê, e os irmãos fossem os bebês e ele fosse sua babá gigantesca.

Eu não posso te dizer o que Bill e Becca falaram quando descobriram que o gigante tinha desaparecido. Principalmente porque eu não sei.

⁶ Personagem central do romance *Um conto de duas cidades*, de Charles Dickens. (N.T.)

ADULTO

Certa vez, Cyril comentou que a vida cotidiana é cheia de ocasiões em que um desejo seria muito útil. Tal pensamento tomou sua mente quando acordou cedo duas manhãs depois de Robert ter desejado (e conseguido) ser maior do que o filho do padeiro. O dia anterior, entre esses dois dias, foi inteiramente usado para trazer a carroça de governanta de Benenhurst para casa.

Cyril se vestiu com pressa; não tomou banho, porque os banhos de caneca naquela época eram barulhentos demais e ele não queria despertar Robert. Saiu sozinho, como Anthea fizera outra vez, e correu na manhã úmida até a mina. Cavou para tirar o psamíde com muito cuidado e gentileza, e começou a conversa perguntando se ele ainda sentia algum dos efeitos ruins do contato com as lágrimas de Robert anteontem. O psamíde estava de bom humor e respondeu com polidez:

– E o que eu posso fazer por você? – indagou. – Suponho que veio aqui tão cedo para pedir algo para si mesmo, algo sobre o qual seus irmãos e suas irmãs não devem saber, né? Agora, seja esperto e tome a decisão correta! Peça um bom megatério e termine logo com isso.

– Obrigado, mas hoje não – respondeu Cyril cauteloso. – O que eu realmente queria dizer é: sabe como nós sempre acabamos desejando coisas quando estamos brincando com alguma coisa?

– Eu raramente brinco – respondeu o psamíde com frieza.

– Bem, mas você sabe do que estou falando. – Cyril ficou impaciente. – O que quero dizer é: você não poderia conceder nossos desejos quando pensarmos neles, de onde estivermos? De modo que não precisaríamos vir perturbá-lo de novo – acrescentou o astuto menino.

– Isso vai acabar com vocês desejando algo que não querem, como aconteceu com o castelo – disse o psamíde, esticando seus braços marrons e bocejando. – É sempre a mesma coisa, desde

que as pessoas pararam de comer alimentos realmente saudáveis. No entanto, que seja do seu jeito. Adeus.

– Adeus – respondeu Cyril educado.

– Vou te falar uma coisa – disse de repente o psamíde, esticando seus longos olhos de caracol. – Estou ficando cansado de vocês, de todos vocês. Vocês não pensam melhor do que ostras. Vá embora daqui!

E Cyril foi.

– Bebês *são* sempre bebês – comentou Cyril depois que, num momento de desatenção sua, o Cordeirinho pegou seu relógio do bolso e, com todos os seus *gugus* e *dadás* de alegria impertinente, abriu o tampo e o usou como pá de jardim.

Nem mesmo uma imersão em uma bacia com sabão conseguiu limpar o mofo dos mecanismos e fazer o relógio voltar a funcionar. No calor do momento, Cyril havia dito várias coisas, mas agora estava mais calmo e até aceitara levar o Cordeirinho em parte do caminho até o bosque. Cyril tinha persuadido os outros a concordar com seu plano e não desejar mais nada até que realmente quisessem algo. Enquanto isso, parecia uma boa ideia ir à floresta procurar por castanhas, e agora os cinco irmãos estavam sentados na grama musgosa sob uma castanheira. O Cordeirinho estava puxando o musgo com suas mãozinhas gordas, e Cyril contemplava sombrio as ruínas de seu relógio.

– Ele está crescendo – replicou Anthea. – Não está, precioso?

– Quescendo – falou o Cordeirinho, alegre. – Eu quesce e vira menino glande, com blaço foite e... e... – A imaginação ou o vocabulário dele acabaram aqui. Mas já tinha sido o maior discurso que o Cordeirinho fizera na vida, e encantou a todos, até mesmo Cyril, que derrubou o Cordeirinho e o fez rolar no musgo ao som de gritinhos deliciados.

– Suponho que ele vá crescer algum dia – Anthea dizia, olhando sonhadora para o céu azul que se revelava entre as longas folhas de castanheira.

Nesse momento, entretanto, o Cordeirinho, brincando feliz com Cyril, empurrou um pezinho calçado contra o peito do irmão e ouviu-se o barulho de algo se quebrando! O inocente Cordeirinho tinha quebrado o vidro do segundo melhor relógio Waterbury do pai, que Cyril tinha pegado emprestado sem pedir.

– Vê se cresce! – exclamou Cyril amargo, derrubando o Cordeirinho na grama. – Ouso dizer que ele só vai quando ninguém desejar isso. E meu desejo é que ele pudesse...

– Ah, cuidado! – gritou Anthea em uma agonia apreensiva.

Mas era tarde demais. Como uma música, as palavras dela e as de Cyril saíram ao mesmo tempo:

– Ah, cuidado, Cyril.

– ... crescer agora!

O psamíde foi fiel à sua promessa: assim, diante dos olhos aterrorizados dos seus irmãos e suas irmãs, o Cordeirinho cresceu de forma súbita e violenta. Foi terrível. A mudança não foi tão rápida quanto costuma acontecer com os desejos. Primeiro, o rosto do bebê se transformou. Ele ficou mais magro e alto, linhas apareceram em sua testa, os olhos ficaram mais profundos e de cor mais escura, a boca ficou mais longa e mais fina. Pior de tudo, um bigodinho escuro apareceu sobre o lábio de alguém que ainda era, exceto pelo rosto, um bebê de dois anos vestido com uma túnica infantil de linho e meias brancas decoradas.

– Ah, eu desejo que ele não cresça! Desejo que ele não cresça! Garotos, desejem isso também!

Todos eles desejaram muito, pois a visão foi suficiente para consternar os mais insensíveis. Desejaram com tanta força que se sentiram bastante tontos e quase perderam a consciência. Entretanto, os desejos foram em vão, pois, quando o mundo parou de girar, seus olhos ofuscados foram imediatamente atraídos pelo espetáculo de um jovem de aparência muito boa, com camisa de flanela e chapéu de palha; um jovem que usava o mesmo bigodinho preto que logo antes tinham visto crescer sobre o lábio do bebê. Era mesmo o Cordeirinho que tinha crescido! O Cordeirinho deles! Que momento terrível. O Cordeirinho crescido moveu-se graciosamente

pelo musgo e acomodou-se contra o tronco da castanheira. Ele baixou o chapéu de palha sobre os olhos. Estava evidentemente cansado e iria tirar um cochilo. O Cordeirinho – o amado e cansativo Cordeirinho de antes – costumava dormir em horários estranhos e em lugares inesperados. Este Cordeirinho com camisa de flanela e gravata verde-clara era como o outro Cordeirinho? Ou será que sua mente tinha crescido junto com o corpo?

Esta era a questão que os outros, numa conferência rápida, discutiram avidamente entre as samambaias amareladas a poucos metros do dorminhoco.

– O que quer que seja, é terrível – disse Anthea. – Se a mente dele também tiver crescido, não suportará ter a gente cuidando dele. E, se ainda for um bebê por dentro, como é que vamos convencê-lo a fazer alguma coisa? E daqui a pouquinho é hora do almoço.

– E não pegamos nenhuma castanha – completou Jane.

– Ah, esqueça as castanhas! – exclamou Robert. – Mas almoço é diferente... Eu não comi o bastante ontem. Não poderíamos amarrá-lo na árvore, ir para casa almoçar e voltar depois?

– Que belo almoço vai ser se voltarmos sem o Cordeirinho! – falou Cyril em tom de zombaria melancólica. – E daria na mesma voltar com ele do jeito que está agora. Sim, sei que eu sou o culpado, não precisam jogar na minha cara! Sei que sou uma anta, que não sirvo para nada. É melhor aceitarem isso e não falar mais sobre o assunto. A questão é: o que vamos fazer?

– Vamos acordá-lo e levá-lo para Rochester ou Maidstone e pegar um pouco de comida com um padeiro – sugeriu Robert, esperançoso.

– Levá-lo? – repetiu Cyril. – Ora! É tudo *minha* culpa, não nego, mas você vai descobrir que vai ter um trabalhão se tentar levar este jovem para qualquer lugar. O Cordeirinho sempre foi mimado; agora que cresceu, então, será um demônio... Simples assim. Posso ver. Olhe a boca dele.

– Bem – respondeu Robert –, então vamos acordá-lo e ver o que *ele* vai fazer. Talvez *ele* nos leve para Maidstone. Deve ter muito

dinheiro nesses bolsos extras. Nós *precisamos* almoçar, de qualquer modo.

Eles tiraram no palitinho. Sobrou para Jane a tarefa de acordar o Cordeirinho crescido.

Ela fez isso gentilmente, fazendo cócegas no nariz dele com um ramo de madressilva selvagem. Ele disse duas vezes:

– Que mosquinhas chatas! – depois abriu os olhos. – Olá, crianças! – disse em um tom lânguido. – Ainda por aqui? Perderam a hora? Vocês vão se atrasar para o seu rango!

– Sei que vamos – concordou Robert com amargura.

– Então já para casa – disse o Cordeirinho crescido.

– E quanto ao seu almoço? – indagou Jane.

– Ah, você acha que a estação está muito longe? Estava pensando em dar um pulo na cidade e almoçar no clube.

Puro abatimento caiu como uma mortalha nos outros quatro. O Cordeirinho, sozinho, sem ninguém, iria até a cidade e almoçaria no clube! Talvez ele também tomasse o chá das cinco lá. Talvez o pôr do sol caísse sobre ele em meio ao deslumbrante luxo do clube de campo, e um bebê sonolento e desamparado se encontraria sozinho em meio a garçons antipáticos e choraria tristonho, chamando pela “Panteia” enfiado embaixo de alguma cadeira! A imagem quase levou Anthea às lágrimas.

– Oh, não, Cordeirinho querido, você não deve fazer isso! – ela chorou abertamente.

O Cordeirinho crescido franziu o cenho.

– Minha querida Anthea – começou ele –, com que frequência eu te falo que meu nome é Hilary ou St. Maur ou Devereux? Qualquer um dos meus nomes batismais é de uso livre para meus irmãos e minhas irmãs, mas *não* “Cordeirinho”, uma relíquia de infância tola e distante.

Aquilo era terrível. Agora ele era o irmão mais velho? Bem, claro que era, já que estava crescido e eles não. Ao menos foi o que pensaram Anthea e Robert.

Ainda assim, as aventuras quase diárias resultantes dos desejos do psamíde estavam tornando as crianças mais sábias do que se esperaria de crianças de suas idades.

– Querido Hilary – falou Anthea, e os outros engasgaram ao som do nome –, você sabe que papai não quer que você vá a Londres. Ele não gostaria que fôssemos deixados sozinhos sem você para cuidar da gente. – E acrescentou para si mesma: – Ah, que traíçoeria eu sou!

– Olha aqui – disse Cyril –, se você é nosso irmão mais velho, por que não se comporta como tal e nos leva até Maidstone para um bom passeio, e depois vamos até o rio?

– Agradeço-lhes profundamente – disse o Cordeirinho com polidez –, mas prefiro a solidão. Vão para casa tomar o seu lanchinho... Quero dizer, comer o seu almoço. Talvez eu volte na hora do chá, ou talvez volte quando vocês já estiverem na cama.

As camas! Olhares de relance passaram entre os quatro desventurados. Com certeza eles seriam mandados para a cama na hora do almoço se fossem para casa sem o Cordeirinho.

– Nós prometemos à mamãe não te perder de vista se saíssemos – disse Jane antes que os outros pudessem detê-la.

– Olha aqui, Jane – falou Cordeirinho crescido, enfiando as mãos nos bolsos e olhando para ela –, garotinhas são para serem vistas, não ouvidas. Vocês, crianças, devem aprender a não ser um incômodo. Corram para casa agora e talvez, se forem bonzinhos, eu dê uma moeda a cada um.

– Ei – chamou Cyril, no seu melhor tom “de homem para homem” –, aonde você vai, velhinho? Poderia deixar Bob e eu irmos junto, mesmo que não queira levar as garotas.

Isso foi até bastante nobre da parte de Cyril, pois ele nunca gostou muito de ser visto em público com o Cordeirinho, que, é claro, voltaria a ser bebê depois do pôr do sol.

O tom “de homem para homem” funcionou.

– Eu vou até Maidstone na minha bicicleta – respondeu casualmente o novo Cordeirinho, alisando seu bigodinho preto. –

Posso almoçar no clube, e talvez eu dê um pulo no rio. Mas não consigo levar todos comigo, né? Sejam boas crianças e vão para casa.

A situação era desesperadora. Robert trocou um olhar desesperado com Cyril. Anthea tirou um alfinete da cintura, um alfinete cuja retirada revelou um abismo entre a saia e o corpete, e entregou-o furtivamente a Robert, fazendo uma careta com um significado mais sombrio e mais profundo. Robert saiu discretamente e foi até a estrada. Lá, como esperavam, havia uma bicicleta: uma belezinha com rodas leves. É claro que Robert entendera que, uma vez que Cordeirinho tinha crescido, *devia* ter uma bicicleta. Este sempre fora um dos motivos de Robert desejar ser adulto. Ele logo começou a usar o alfinete: onze furos no pneu de trás, sete no da frente. Teria feito o total de vinte e dois furos não fosse pelo farfalhar das folhas amarelas de avelã, que o alertou da aproximação dos outros. Ele apertou cada uma das rodas e foi recompensado pelo barulhinho do ar escapando pelos dezoito buracos.

– Os pneus de sua bicicleta estão murchos – observou Robert, imaginando como poderia ter aprendido a enganar tão rápido.

– Parecem mesmo – concordou Cyril.

– Acho que furou – disse Anthea, abaixando-se e então levantando-se com um espinho que havia pegado com essa finalidade. – Olhe aqui.

O Cordeirinho crescido (ou Hilary, como suponho que agora devemos chamá-lo) fixou sua bomba de ar e encheu o pneu. Logo ficou evidente que estava furado.

– Será que existe uma cabana aqui por perto, onde se possa pegar um balde de água? – perguntou o Cordeirinho.

Existia; e, quando o número de furos se manifestou, pareceu uma bênção especial que a casa oferecia “chás para ciclistas”. O lugar forneceu um tipo estranho de refeição de chá da tarde para o Cordeirinho e seus irmãos. A conta foi paga com os quinze xelins que Robert havia ganhado quando era um gigante, pois, ao que parecia, o Cordeirinho infelizmente não tinha dinheiro. Isso foi uma

grande decepção para os outros; mas é algo que vai acontecer, mesmo com os mais crescidos de nós. No entanto, Robert conseguiu comer o suficiente, e isso bastava. Silenciosa e persistentemente, os quatro infelizes se revezaram para tentar persuadir o Cordeirinho (ou St. Maur) a passar o resto do dia no bosque. Não restava muito do dia quando ele enfim terminou de consertar o décimo oitavo furo. Ele ergueu o olhar do trabalho concluído com um suspiro de alívio e, de repente, alinhou a gravata.

– Uma dama vem aí – disse rápido. – Por favor, saiam do caminho. Vão para casa, escondam-se, desapareçam de algum jeito! Não posso ser visto com um bando de crianças sujas.

Seus irmãos e irmãs estavam mesmo sujos, porque, no início do dia, o Cordeirinho, em seu estado infantil, havia espalhado bastante terra de jardim em cima deles. A voz do Cordeirinho crescido era tão tirânica, como Jane comentou depois, que eles de fato se retiraram para o jardim dos fundos e o deixaram sozinho, com seu bigodinho e sua camisa de flanela, para se encontrar com a jovem senhora, que agora subia de bicicleta pelo jardim da frente.

A mulher da cabana saiu e a jovem falou com ela; o Cordeirinho levantou o chapéu para cumprimentá-la quando ela passou. As crianças não conseguiam ouvir o que ela dizia, embora estivessem espiando perto do balde da lavagem de porco e ouvindo com a maior atenção. Eles sentiram que era “mais do que justo”, como Robert dissera, “com o desventurado do Cordeirinho naquela condição”.

Quando o Cordeirinho falou com uma voz lânguida e muito polida, eles ouviram bem o suficiente.

– Um furo? – ele estava dizendo. – Posso ajudá-la de alguma maneira? Se você permitir...

Houve uma explosão de riso abafado atrás do balde de lavagem. O Cordeirinho crescido (ou Devereux) virou um rabo de olho furioso na direção deles.

– Você é muito gentil – respondeu a dama, olhando para o Cordeirinho. Ela parecia bem tímida, porém, como os garotos disseram, não parecia gostar de bobagens.

– Mas, ah – sussurrou Cyril atrás do balde de lavagem –, pensei que ele tinha consertado bicicleta o suficiente por um dia. Se ela soubesse que ele é na verdade apenas um bebezinho chorão e bobinho!

– Ele não é nada disso – murmurou Anthea com raiva. – Ele é um querido se as pessoas o deixarem em paz. Ainda é nosso precioso Cordeirinho, mesmo que idiotas bobos possam tê-lo transformado, não é, Gatinha?

Jane, em dúvida, supôs que sim.

Agora o Cordeirinho, que devemos tentar nos lembrar de chamar de St. Maur, estava examinando a bicicleta da dama e conversando de maneira muito adulta. Ninguém poderia ter imaginado, ao vê-lo e ouvi-lo, que naquela mesma manhã ele fora uma criança gordinha de 2 anos quebrando os relógios de outras pessoas. Devereux (como ele deve ser chamado daqui em diante) tirou um relógio de ouro depois de ter consertado a bicicleta da moça, e todos os espectadores atrás do balde de lavagem exclamaram “Oh!”, porque parecia muito injusto que o bebê, que só naquela manhã havia destruído dois relógios baratos, mas honestos, agora tivesse, nessa sua fase crescida em que Cyril tolamente o metera, um relógio de ouro de verdade, com correntes e inscrições!

Hilary (como agora ele será referido) lançou um olhar para seus irmãos e suas irmãs, depois disse à dama, com quem parecia estar bastante amigável:

– Se me permitir, posso acompanhá-la até Cross Roads. Está ficando tarde e tem vagabundos por aí.

Ninguém nunca saberá a resposta que a moça pretendia dar à oferta galante, pois, logo que Anthea a ouviu, saiu correndo, trombando com o balde de lavagem, que transbordou em uma corrente barrenta, e pegou pelo braço o Cordeirinho (que suponho ter de chamar de Hilary). Os outros a seguiram, e num instante as quatro crianças sujas tinham saído do esconderijo.

– Não permita – disse Anthea com intensa seriedade à dama. – Ele não está em posição de ir com ninguém!

– Vá embora, garotinha! – mandou St. Maur (como agora vamos chamá-lo) em uma voz assustadora. – Vá embora agora mesmo!

– É melhor você não ter nada a ver com ele – continuou Anthea, temerária. – Ele não sabe quem é. Ele é algo muito diferente do que você pensa que ele é.

– O que quer dizer com isso? – perguntou a senhora de maneira natural, enquanto Devereux (como devo me referir ao Cordeirinho crescido) tentava em vão empurrar Anthea para longe.

Os outros a apoiaram e a menina ficou firme como rocha.

– Se for com ele – respondeu Anthea –, logo vai entender o que quero dizer! Você gostaria de ver de repente um pobre bebê indefeso girando colina abaixo com os pés para cima em uma bicicleta que perdeu o controle?

A dama ficou pálida.

– Quem são essas crianças sujas? – perguntou ela ao Cordeirinho crescido (às vezes chamado de St. Maur nestas páginas).

– Sei lá – mentiu ele descaradamente.

– Ah, Cordeirinho! Como assim? – gritou Jane. – Você sabe muito bem que é nosso irmãozinho de que gostamos tanto. Somos os irmãos mais velhos dele – explicou Jane à dama, que com as mãos trêmulas agora estava virando a bicicleta na direção do portão. – Somos nós que temos de cuidar dele. E precisamos levá-lo para casa antes do pôr do sol, ou não sei o que será de nós. Ele está sob um tipo de encanto... Um feitiço. Ah, você entendeu!

Repetidamente Cordeirinho (Devereux, quero dizer) tentou deter o discurso de Jane, porém Robert e Cyril o seguraram, cada um por uma perna, e nenhuma explicação adequada foi possível. A dama se afastou apressada e eletrizou seus parentes no jantar, contando-lhes sobre sua fuga de uma família de lunáticos perigosos.

– Os olhos da menininha eram simplesmente os de um maníaco. Eu não consigo imaginar como ela está solta por aí – contou a moça.

Quando sua bicicleta já tinha zunido estrada afora, Cyril falou, grave:

– Hilary, velho amigo, você deve estar com insolação ou algo do tipo. As coisas que estava falando para aquela moça! Se te contássemos as coisas que você disse quando voltar a ser você mesmo, talvez amanhã de manhã, você não as entenderia nem acreditaria nelas! Confie em mim, velho amigo, venha para casa agora, e se você não for você mesmo pela manhã, vou pedir ao leiteiro para chamar o médico.

O pobre Cordeirinho crescido (St. Maur era de fato um dos seus nomes de batismo) parecia agora confuso demais para resistir.

– Já que vocês parecem ser tão loucos quanto toda uma companhia de chapeleiros⁷ – disse ele de forma amarga –, suponho que eu preciso levar vocês para casa. Mas não fiquem achando que vou deixar isso passar. Terei algo para dizer a vocês amanhã de manhã.

– Eu sei que terá, meu Cordeirinho – Anthea falou baixinho –, mas não vai ser o tipo de coisa que você está pensando agora.

No coração dela, podia ouvir a vozinha do Cordeirinho bebê – tão diferente dos tons afetados e graves do Cordeirinho crescido (um dos seus nomes era Devereux): “Eu amo a Panteia, quero í com a Panteia”.

– Ah, vamos logo para casa – disse Anthea. – Você vai poder dizer o que quiser de manhã – e acrescentou em um sussurro –, se puder.

O grupo estava soturno no retorno para casa naquela tarde amena. Durante observações de Anthea, Robert voltou a brincar com o alfinete e o pneu de bicicleta; o Cordeirinho (a quem eles tinham de chamar de St. Maur, Devereux ou Hilary) parecia realmente ter reparado a bicicleta. Então a máquina foi colocada em funcionamento.

O Sol estava prestes a se pôr quando chegaram à casa branca. Os quatro mais velhos teriam gostado de permanecer na entrada até que o Sol se pusesse e terminasse de transformar o Cordeirinho (cujos nomes você já deve estar cansado de ver serem repetidos) em seu irmãozinho cansativo e querido. Mas ele, em sua juventude,

insistiu em continuar, e assim foi recebido no jardim da frente por Martha.

Você deve se lembrar de que, como um favor especial, o psamíde havia providenciado que os criados da casa nunca percebessem qualquer mudança provocada pelos desejos das crianças. Portanto, Martha viu simplesmente o grupo com o bebê Cordeirinho, o qual ela ansiava por encontrar a tarde toda, trotando atrás de Anthea com suas pernas gordinhas de nenê, enquanto as crianças, é claro, ainda viam o Cordeirinho crescido (não se preocupem mais com os nomes dele). Martha correu até ele e o abraçou, exclamando:

– Venha com a Martha, meu bonequinho precioso!

O Cordeirinho crescido (cujos nomes não devem cair no esquecimento) lutou furiosamente. Uma expressão de intenso horror e aborrecimento foi vista em seu rosto. Contudo, Martha era mais forte que ele. Ela o levantou e levou para dentro da casa. Nenhuma das crianças se esquecerá daquela imagem. O elegante jovem de terno de flanela cinza com a gravata verde e o bigodinho preto – por sorte, ele tinha uma constituição frágil e não era alto – se debatendo nos braços fortes de Martha, que o segurava impotente, implorando-lhe, enquanto seguia, para que fosse um bom menino e entrasse para comer o seu pão com leite! Felizmente, o Sol se pôs quando chegaram ao batente da porta, a bicicleta desapareceu e Martha foi vista levando para casa o verdadeiro e sonolento Cordeirinho de 2 anos. O Cordeirinho crescido (sem nome a partir de agora) tinha sumido para sempre.

– Para sempre – disse Cyril –, porque assim que o Cordeirinho for grande o bastante para ser incomodado, nós precisaremos começar a chateá-lo, para o próprio bem dele, de forma que ele não fique daquele jeito ao crescer.

– Vocês não vão chateá-lo – disse Anthea brava. – Não se eu puder impedir.

– Devemos educá-lo por meio da compaixão – completou Jane.

– Sabe – continuou Robert –, se ele crescer do jeito certo, vai haver muito tempo para corrigi-lo. A coisa horrível de hoje foi que ele cresceu muito de repente. Não houve tempo para melhorá-lo.

- Ele não precisa melhorar – disse Anthea à medida que a voz do Cordeirinho veio arrulhando pela porta aberta, gritando exatamente o que ela tinha ouvido em seu coração naquela tarde:
 - Eu amo a Panteia, quero í com a Panteia!
-

^z À época, não raro chapeleiros sofriam com distúrbios nervosos e comportamentais originados da contaminação por mercúrio, metal pesado então utilizado na produção de chapéus. (N.T.)

ESCALPOS

Provavelmente o dia teria sido de grande sucesso se Cyril não estivesse lendo *O último dos moicanos*. A história estava correndo em sua cabeça no café da manhã quando, tomando sua terceira xícara de chá, falou com ar sonhador:

– Como eu desejo que existam índios na Inglaterra... Não grandes, sabe, mas pequenos, do tamanho certo para a gente lutar com eles.

Todos discordaram e ninguém deu importância ao incidente. Porém, ao descerem à mina para pedir cem libras em moedas de dois xelins com a imagem da rainha Vitória, para evitar erros – algo que sempre sentiram ser um desejo realmente razoável, que poderia acabar bem –, descobriram que tinham feito de novo! Pois o psamíde, que estava bem irritado e sonolento, disse:

– Ah, não me incomodem. Já concedi o seu desejo.

– Mas não pedi nada ainda – falou Cyril.

– Vocês não se lembram de ontem? – falou o duende de areia, ainda mais desagradado. – Desejaram que seus desejos fossem concedidos onde quer que estivessem, e fizeram um desejo esta manhã, e ele foi concedido.

– Ah, fizemos? – surpreendeu-se Robert. – E o que foi?

– Já esqueceram? – disse o psamíde, começando a cavar. – Deixem para lá; vocês vão saber em breve. E espero que gostem! Vocês se meteram numa das boas!

– De um jeito ou de outro, a gente sempre acaba fazendo isso – Jane falou com tristeza.

O estranho era que nenhum deles se lembrava de ter desejado nada naquela manhã. O desejo a respeito dos índios não tinha chamado a atenção de ninguém. Foi uma manhã de muita ansiedade. Todo mundo estava tentando lembrar o que havia sido desejado, ninguém conseguia, e todos esperavam que algo horrível acontecesse a qualquer minuto. Estavam agitados, pois sabiam, com base no que o psamíde havia dito, que deviam ter desejado

algo que era mais do que o normalmente indesejável, e passaram várias horas tomados por uma incerteza agonizante. Foi só perto da hora do almoço que Jane virou *O último dos moicanos* – que, é claro, havia sido largado no chão, com a capa virada para baixo; quando Anthea pegou o livro, disse subitamente:

– Lembrei! – e sentou com tudo no tapete. – Ah, não, que droga! Cyril desejou índios no café da manhã, não lembram? Ele falou: “Como eu desejo que existam índios na Inglaterra”, e agora existem, e eles estão indo escalpelar pessoas em todo o país.

– Talvez estejam apenas em Northumberland e Durham – disse Jane com tranquilidade.

Era quase impossível acreditar que poderiam realmente machucar tanto as pessoas, chegando ao ponto de serem escalpeladas.

– Não acredite nisso! – exclamou Anthea. – O psamide disse que a gente se meteu numa das boas. Isso quer dizer que eles vão vir *aqui*. E vão querer escalpelar o Cordeirinho!

– Talvez o escalpo volte ao anoitecer – ponderou Jane, mas não falou com tanta esperança quanto de costume.

– Não! – negou Anthea. – As coisas que nascem de desejos não vão embora. Pense nos quinze xelins! Gatinha, eu vou quebrar alguma coisa, e você deve me dar cada centavo que tiver. Os índios vão vir aqui, entendeu? Aquele rancoroso do psamide disse que nos metemos mesmo numa boa. Entendeu meu plano? Venha!

Jane não tinha entendido nada. Mas, obediente, seguiu a irmã até o quarto da mãe.

Anthea levantou o pesado jarro de água que era decorado com um desenho de cegonhas e grama alta, do qual Anthea se lembrava bem. Ela levou o jarro até o quarto de vestir e cuidadosamente esvaziou a água na banheira. Depois voltou com o jarro para o quarto e o deixou cair no chão. Sabe como um jarro sempre quebra quando você o derruba por acidente? A coisa é bem diferente se acontecer de você derrubá-lo de propósito. Anthea largou o jarro no chão três vezes, mas ele permaneceu intacto. Por fim, teve de pegar a bota do pai e quebrar o jarro a sangue-frio. Foi um trabalho implacável.

Em seguida, ela usou o atizador para arrambar o cofrinho da mãe. É claro que Jane comentou que aquilo era errado, mas Anthea pôs o dedo na frente dos lábios em sinal de silêncio e disse:

– Não seja boba, é questão de vida ou morte.

Não tinha muito no cofrinho – apenas setenta e quatro centavos –, porém as garotas tinham, juntas, quase quatro xelins. Somando tudo, dava mais de onze xelins.

Anthea amarrou o dinheiro num canto do bolso.

– Venha, Jane! – chamou ela e correu para a fazenda.

Ela sabia que o fazendeiro iria para Rochester naquela tarde. Na verdade, foi combinado que ele levaria as quatro crianças junto.

Os quatro haviam planejado isso quando estavam felizes, quando acreditavam que receberiam as cem libras, em moedas de dois xelins, do psamide. Eles tinham combinado de pagar ao fazendeiro dois xelins cada um pela viagem. Agora Anthea explicou apressadamente que não poderiam ir, mas perguntou se ele não levaria Martha e o bebê no lugar. O homem concordou, mas não ficou muito satisfeito em receber apenas meia coroa em vez de oito xelins.

Então as garotas voltaram para casa. Anthea estava agitada, mas nem um pouco confusa. Quando chegou a pensar no assunto depois, não pôde deixar de notar que havia agido com a mais precisa prontidão, tal como uma líder nata. Ela pegou uma caixinha do gaveteiro do canto e foi procurar Martha, que estava passando um pano na cozinha, e não no melhor dos ânimos.

– Martha – chamou Anthea. – Eu quebrei o jarro no quarto da mamãe.

– Típico... Sempre aprontando alguma – respondeu ela, guardando o saleiro com um estrondo.

– Não fique brava, Marthinha querida – adulou Anthea. – Tenho dinheiro o bastante para pagar por um novo... Você poderia ir comprar um novo pra gente. Seus primos têm uma loja de porcelana, não é? E eu gostaria que você fosse comprar hoje, no

caso de a mamãe chegar em casa amanhã. Você lembra que ela disse que talvez chegasse amanhã.

– Mas vocês mesmos estão indo para a cidade – retorquiu Martha.

– Não vamos poder pagar para ir porque temos de comprar um jarro novo – explicou Anthea. – Mas vamos pagar para você ir, se levar o Cordeirinho. E, Martha, olha, eu vou te dar a minha caixinha de joias se você for. Ela é linda, toda incrustada com prata de verdade, marfim e ébano, como o templo do rei Salomão.

– Entendi – disse Martha. – Não, não quero sua caixinha de joias, senhorita. O que você quer é se livrar do precioso Cordeirinho durante a tarde. Não pense que não vejo o que está tramando!

Isso era tão verdadeiro que Anthea desejou poder negar imediatamente. Martha não tinha nada a ver com isso. Mas a menina segurou a língua.

Martha abaixou o pão com uma pancada que o fez pular do seu prato.

– Eu quero *muito* o jarro – afirmou Anthea com calma. – Você *vai*, não é?

– Bem, não me importo de ir só desta vez. Mas não façam nenhuma das suas diabruras enquanto eu estiver fora!

– O fazendeiro vai sair mais cedo do que pretendia – disse Anthea ansiosa. – É melhor você se apressar e se vestir logo. Coloque aquele lindo vestido roxo, Martha, e o chapéu com as flores cor-de-rosa e a gola de renda amarela. Jane vai terminar de passar o pano e eu vou limpar o Cordeirinho e arrumá-lo.

Enquanto Anthea lavava o relutante Cordeirinho e o vestia depressa com suas melhores roupas, olhava pela janela de tempos em tempos. Até então, tudo estava correndo bem: ela não tinha visto nenhum índio. Assim, com uma correria apressada e com Martha vestida de vermelho, a criada e o Cordeirinho partiram. Anthea suspirou fundo.

– Ele está a salvo! – disse ela, e, para o terror de Jane, atirou-se no chão e explodiu em lágrimas.

Jane não entendia como uma pessoa poderia ser tão corajosa quanto uma líder e então de repente ceder e cair como um balão de ar que foi estourado. O melhor é não cair, é claro, mas você vai notar que Anthea não desabou até ter completado seu objetivo. Ela tinha afastado o querido Cordeirinho do perigo – ela tinha certeza de que os índios estariam perto da casa branca e em nenhum outro lugar –, e a carroça do fazendeiro só voltaria depois do pôr do sol. Ou seja, ela podia chorar um pouquinho. Foi em parte com alegria que chorou, porque fizera o que pretendia fazer. Chorou por cerca de três minutos enquanto Jane a abraçava de forma melancólica e dizia em intervalos de cinco segundos:

– Não chore, querida Pantera!

Enfim, Anthea se ergueu, esfregou os olhos com força com a manga, de modo que eles ficaram vermelhos pelo resto do dia, e as duas foram contar aos meninos. Naquele exato momento, porém, a cozinheira tocou a sineta do almoço, e nada pôde ser dito até que todos tivessem sido servidos de carne moída. Depois a cozinheira saiu do recinto, e Anthea contou sua história. Mas é um erro contar uma história emocionante quando as pessoas estão comendo carne moída com batatas. De alguma forma, parecia haver algo na comida que fazia a ideia dos índios parecer inacreditável. Os garotos de fato riram e chamaram Anthea de boba.

– Ora! – falou Cyril. – Tenho quase certeza de que Jane disse que desejava ter um bom dia antes de eu fazer meu comentário.

– Eu disse isso depois – afirmou Jane rápido.

– Ora, se fossem índios... – prosseguiu Cyril. – Passe o sal, por favor, e mostarda. Preciso colocar alguma coisa nesta gororoba pra ela descer... Se fossem índios, eles já estariam infestando o lugar muito antes da hora do almoço, você sabe que sim. E o dia está lindo.

– Então por que o psamide disse que nós nos metemos em uma das boas? – indagou Anthea, que estava muito irritada.

Ela sabia que tinha agido com nobreza e prudência, por isso agora achava muito difícil aceitar ser chamada de boba, especialmente quando tinha o fato de ter quebrado o cofrinho e roubado setenta e

quatro centavos, a maioria em moedas de cobre, pesando como chumbo em sua consciência.

Houve um silêncio, durante o qual a cozinheira tirou os pratos e trouxe o bolinho de melão. Assim que ela se retirou, Cyril recomeçou:

– Claro que eu não quis dizer que não foi bom tirar Martha e o Cordeirinho daqui durante a tarde – admitiu ele. – Mas, quanto aos índios, você sabe muito bem que os desejos acontecem no minuto em que são desejados. Se fossem aparecer índios, eles já estariam aqui a esta hora.

– Acho que já estão – respondeu Anthea. – Que a gente saiba, eles podem estar à espreita em meio à vegetação rasteira. Eu acho que você é muito desagradável.

– Índios quase sempre *espreitam*, não é? – observou Jane, ansiosa por paz.

– Não, eles não espreitam – disse Cyril azedo. – E eu não sou desagradável, só sou sincero. E digo mais: foi uma tolice completa quebrar o jarro de água; e, quanto ao cofrinho, acho que é um crime, e devo me perguntar se você não será enforcada por isso, se algum de nós se der mal...

– Cale a boca, pode ser? – brigou Robert.

Só que Cyril não conseguia. Sabe, ele sentia em seu coração que, se *houvesse* índios, seria inteiramente culpa dele, por isso não queria acreditar. E tentar não acreditar nas coisas quando em seu coração tem quase certeza de que elas são verdadeiras faz muito mal ao seu temperamento.

– É uma idiotice – continuou ele – falar sobre índios quando vocês podem ver por conta própria que foi Jane que teve o desejo concedido. Olha que belo dia que está... *Oh...*

Ele se virou para a janela para mostrar as belezas do dia – os outros também se viraram – e um silêncio congelante se apoderou de Cyril, silêncio esse que nenhum deles sentiu a menor vontade de romper. Pois lá, espiando pelo canto da janela, entre as folhas vermelhas da hera, havia um rosto – um rosto moreno, com nariz

comprido, boca apertada e olhos muito brilhantes. E o rosto estava pintado em tons coloridos. Seus cabelos pretos eram longos e estavam enfeitados com penas!

O queixo de todas as crianças caiu. O bolinho de melaço estava ficando frio e esbranquiçado nos pratos. Ninguém conseguia se mover.

De repente, a cabeça emplumada se afastou cautelosamente e o feitiço foi quebrado. Lamento dizer que as primeiras palavras de Anthea foram muito típicas de uma garota:

– Olha lá! Eu falei!

O bolinho de melaço definitivamente tinha perdido seu encanto. Embrulhando suas porções apressadamente em páginas de uma edição da revista *Spectator* da semana anterior, eles os esconderam atrás da miniatura de fogão feita de papel amarrotado e fugiram para o andar de cima, para se reagruparem e realizar uma conferência.

– Paz – falou Cyril generosamente quando chegaram ao quarto da mãe. – Pantera, peço desculpas, pois fui muito grosso.

– Tudo bem – relevou Anthea –, mas agora você acredita!

Nenhum outro indício de índios, no entanto, poderia ser distinguido das janelas.

– Bem, o que faremos? – perguntou Robert.

– A única coisa em que consigo pensar – começou Anthea, que já tinha sido admitida como a heroína do dia – é: e se nos vestirmos de índios como der e olharmos pelas janelas ou até sairmos? Eles podem pensar que somos poderosos líderes de uma grande tribo vizinha, e talvez acabem nem fazendo nada contra a gente, por medo de alguma vingança terrível.

– Mas e Eliza e a cozinheira? – indagou Jane.

– Você esquece que elas não conseguem perceber nada – lembrou Robert. – Elas não notariam nada de diferente, mesmo que fossem escalpeladas ou assadas em fogo lento.

– Mas elas notariam ao pôr do sol?

– É claro. Você não pode ser escalpelado ou queimado sem notar; com certeza elas notariam no dia seguinte, mesmo que na hora que acontecesse a coisa toda escapasse à sua atenção – afirmou Cyril.
– Acho que Anthea tem razão, mas vamos precisar de um monte de penas.

– Eu vou até o galinheiro – disse Robert. – Um dos perus lá não está muito bem. Eu poderia cortar suas penas sem ele se importar muito. Está muito mal, não parece se importar com o que acontece com ele. Peguem a tesoura para mim.

Um trabalho cuidadoso de reconhecimento os convenceu de que não havia índios no galinheiro. Robert foi e voltou em cinco minutos – pálido, mas com um monte de penas.

– Escutem – disse ele –, isso é muito sério. Eu cortei as penas, mas quando me virei para sair havia um índio me encarando debaixo do velho galinheiro. Eu apenas brandi as penas e gritei, e fugi antes que ele pudesse fazer qualquer coisa. Pantera, pegue os cobertores coloridos das nossas camas, e faça cara de traiçoeira, pode ser?

É maravilhoso como se pode ficar parecido com um índio com cobertores, penas e cachecóis coloridos. Nenhuma das crianças tinha longos cabelos pretos, mas havia restado bastante da chita preta usada para encapar os livros escolares. Eles cortaram tiras do tecido em uma espécie de franja fina e prenderam em torno da cabeça com as fitas cor de âmbar dos vestidos de domingo das meninas. Depois enfiaram as penas de peru nas fitas. A chita ficou parecida com um cabelo preto comprido, especialmente quando as tiras começaram a enrolar um pouco.

– E quanto ao nosso rosto? – questionou Anthea. – Eles não são da cor certa. Nós somos bem pálidos, e não sei muito bem por quê, mas Cyril é da cor de massa de vidraceiro.

– Não sou, não – retrucou Cyril.

– Os índios de verdade parecem ser bem morenos – comentou Robert. – Acho que temos que ficar bem vermelhos, para ter uma cor mais marcante.

A cera ocre vermelha usada nos tijolos da cozinha parecia ser a coisa mais vermelha da casa. As crianças misturaram um pouco do pó com leite, como eles viram a cozinheira fazer para usar no chão da cozinha. Então cuidadosamente pintaram o rosto e as mãos uns dos outros, até que estivessem muito mais vermelhos do que qualquer índio jamais foi.

Souberam de imediato que deviam estar com uma aparência realmente muito terrível quando encontraram Eliza na passagem e ela gritou alto. O depoimento não solicitado os agradou muito. Depois de se apressarem em lhe pedir que não fizesse escândalo, que se tratava apenas de um jogo, as quatro crianças cobertas, emplumadas, com a pele pintada de vermelho, criaram coragem e correram para encontrar o inimigo. Quando digo que criaram coragem é porque quero ser educada. De qualquer forma, eles foram.

Ao longo da sebe que dividia a natureza selvagem do jardim, havia uma fileira de cabeças escuras, todas altamente emplumadas.

– É nossa única chance – sussurrou Anthea. – Muito melhor do que esperar o ataque deles de gelar o sangue. Devemos fingir que estamos loucos. Como aquele jogo de cartas em que você finge que tem boas cartas quando não tem. Acho que chamam isso de blefar. É agora. Irra!

Com quatro gritos de guerra selvagens – ou pelo menos o mais próximo disso que crianças inglesas conseguem fazer sem praticar antes –, eles correram pelo portão com atitudes de batalha diante da linha de índios. Eles eram todos da mesma altura, e essa altura era a de Cyril.

– Tomara que saibam falar nossa língua – comentou Cyril.

Anthea tinha certeza de que eles falavam, embora nunca tenha entendido como viera a saber disso. Ela trazia uma toalha branca amarrada a uma bengala. Era uma bandeira de trégua, que ela acenou, na esperança de que os índios soubessem o que significava. Aparentemente sabiam, pois um que se destacava no meio dos outros deu um passo adiante.

– Você quer uma reunião? – falou muito bem no idioma das crianças. – Eu sou Águia Dourada, da poderosa tribo dos Rocha.

– E eu – respondeu Anthea, com súbita inspiração – sou a Pantera Negra, chefe da... da... da... tribo Mazawattee. Meus irmãos, quero dizer... a tribo... ou seja, os Mazawattee, estão em uma emboscada abaixo do limite da colina.

– E quem são esses fortes guerreiros? – perguntou Águia Dourada, voltando-se para os outros.

Cyril respondeu que era o grande chefe Esquilo, da tribo do Congo, e, vendo que Jane estava chupando o dedo e não conseguia pensar em nenhum nome para si mesma, acrescentou:

– Esta grande guerreira é a Gata Selvagem, a qual chamamos de Gatinha Feroz, líder da vasta tribo Phiteezi.

– E você, valoroso pele-vermelha? – Águia Dourada inquiriu Robert subitamente, que, despreparado, só conseguiu responder que era Bob, líder da Polícia do Cabo.

– E agora – prosseguiu Pantera Negra – nossas tribos, se as chamarmos com um assobio, superarão em muito as suas forças insignificantes; então resistir é inútil. Volte, portanto, para sua terra, ó irmão, e fume cachimbos de paz em suas tendas com suas esposas e seus curandeiros, e coloquem suas roupas mais alegres e comam alegremente suculentas cobras mocassins frescas.

– Você entendeu tudo errado – murmurou Cyril com raiva. Mas Águia Dourada apenas olhou interrogativamente para ela.

– Teus costumes são diferentes dos nossos, Pantera Negra – falou ele. – Traga a tua tribo, para que possamos fazer a reunião do conselho diante deles, como fazem grandes chefes.

– Nós vamos trazê-los em breve – retrucou Anthea –, com seus arcos e flechas, machadinhas, facas de escalpelamento e tudo que puder imaginar, se vocês não forem espertos e partirem.

Ela falou com bastante bravura, mas o coração de todas as crianças batia furiosamente, e a respiração deles foi ficando cada vez mais ofegante. Já os índios de verdade os estavam cercando, aproximando-se cada vez mais com murmúrios nervosos, de modo

que as quatro crianças se viram no centro de uma multidão de rostos cruéis.

– Não vai funcionar – sussurrou Robert. – Sabia que não ia funcionar. Temos que correr até o psamíde. Ele pode nos ajudar. Se isso não acontecer, bem, suponho que voltaremos a viver ao pôr do sol. Eu me pergunto se escalpelamento dói tanto quanto dizem.

– Vou balançar a bandeira de novo – disse Anthea. – Se recuarem, nós saímos correndo.

Ela balançou a toalha, e o chefe mandou seus seguidores recuarem. Então, correndo descontroladamente para o local onde a linha de índios estava menor, as quatro crianças saíram em disparada. Sua primeira investida derrubou meia dúzia de índios, cujos corpos as crianças saltaram, e correram direto para a mina. Não era hora de descer do jeito seguro, pelo caminho das carroças; desta vez, eles pularam da beirada da mina, entre as flores amarelas e pálidas e as ervas secas, passando pelas portinholas das andorinhas-do-barranco, saltando, agarrando-se, saltando, cambaleando e, finalmente, rolando.

Águia Dourada e seus seguidores os alcançaram exatamente no mesmo local onde haviam visto o psamíde naquela manhã.

Sem fôlego e cansadas, as infelizes crianças agora aguardavam seu destino. Facas e machados afiados brilhavam à sua volta, mas pior que isso era o olhar cruel de Águia Dourada e seus seguidores.

– Você mentiu pra gente, Pantera Negra dos Mazawattees, e tu também Esquilo do Congo. Vós também, Gatinha Feroz dos Phiteezi, e Bob da Polícia do Cabo, não com suas palavras, mas com seu silêncio. Vocês mentiram sob a bandeira da trégua dos caras-pálidas. Vocês não têm seguidores. Suas tribos estão longe, seguindo a trilha de caça. Qual será o seu destino? – concluiu.

Então ele se virou com um sorriso amargo para os outros índios.

– Vamos fazer a fogueira! – gritou ele para seus seguidores.

Imediatamente, uma dezena de voluntários começou a procurar lenha. As quatro crianças, cada uma entre dois indiozinhos fortes,

lançaram olhares desesperados ao seu redor. Ah, se ao menos pudessem ver o psamíde!

– Vocês pretendem nos escarpelar antes de nos queimar? – perguntou Anthea desesperada.

– É claro! – um índio arregalou os olhos para ela. – É sempre assim.

Os índios tinham formado um círculo ao redor das crianças, e agora estavam sentados no chão, vigiando seus prisioneiros. O silêncio era ameaçador.

Então, lentamente, em duplas e trios, os índios que tinham ido procurar lenha voltaram, mas de mãos vazias. Eles não tinham conseguido encontrar um graveto sequer para fazer a fogueira! É mesmo impossível, para falar a verdade, naquela parte da região de Kent.

As crianças respiraram fundo de alívio, mas terminaram em um gemido de terror, pois facas brilhantes estavam sendo brandidas sobre elas. No momento seguinte, cada uma das crianças era segurada por um índio; elas fecharam os olhos e tentaram não gritar. Aguardaram pela agonia aguda da faca. Não veio. No momento seguinte, foram libertadas e caíram tremendo umas sobre as outras. Suas cabeças não doíam nada. Elas só se sentiam estranhamente com frio! Gritos de guerra selvagens ressoaram em seus ouvidos. Quando se aventuraram a abrir os olhos, viram quatro de seus inimigos dançando a sua volta com saltos e gritos selvagens, e cada um dos quatro brandia um escalpo de longos cabelos pretos. As crianças colocaram a mão nas cabeças e seus próprios escalpos estavam a salvo! Os pobres selvagens inexperientes tinham de fato escarpelado as crianças. Contudo, só tinham, por assim dizer, escarpelado as mechas de chita preta!

As crianças caíram nos braços umas das outras, soluçando e rindo.

– Os escalpos deles são nossos – cantarolou o chefe. – Os cabelos malfadados foram arrancados! Eles saíram na mão dos vencedores, e sem dificuldade, sem resistência. Nossos inimigos

perderam os escalpos para os conquistadores Rocha! Oh, que coisinha é um escalpo conquistado tão facilmente!

– Eles vão pegar nossos escalpos verdadeiros em um instante; esperem e verão – disse Robert, tentando limpar o ocre vermelho do rosto, das mãos e do cabelo.

– Fomos privados de nossa justa vingança de fogo – prosseguiu o canto –, mas há outros tormentos além das facas de escalpelamento e as chamas, ainda que o fogo seja o jeito certo. Que país mais estranho e não natural, em que um homem não encontra madeira para queimar seu inimigo! Ah, as florestas sem limites da minha terra natal, onde as grandes árvores crescem por milhares de quilômetros, para fornecer lenha para queimar nossos inimigos. Ah, como gostaríamos de mais uma vez estar em nossa floresta nativa!

De repente, como um relâmpago, o cascalho dourado reluziu ao redor das quatro crianças em vez de nas figuras escuras. Cada índio desapareceu no exato instante em que o chefe falou aquilo. O psamide devia ter estado lá o tempo todo. E concedera ao chefe índio seu desejo.

Martha trouxe para casa um jarro decorado com um desenho de cegonhas e grama alta. Também trouxe de volta todo o dinheiro de Anthea.

– Minha prima me deu o jarro como um presente de boa sorte. Ela disse que foi estranho o anterior ter se quebrado.

– Ah, Martha, você é ótima! – suspirou Anthea, abraçando-a.

– Sim – riu Martha –, é melhor aproveitar enquanto eu ainda estou aqui. Vou pedir demissão à sua mãe no minuto em que ela voltar.

– Ah, Martha, nós fomos muito ruins com você? – perguntou Anthea, espantada.

– Ah, não é isso, senhorita – riu Martha mais do que nunca. – Eu vou me casar. Será com Beale, o guarda-caça. Ele tem pedido minha mão desde que vocês voltaram para casa naquele dia em

que ficaram trancados na torre da igreja. E hoje eu disse a palavra que “fez dele um homem feliz”.

Anthea colocou os setenta e quatro centavos de volta no cofrinho, e colou papel em cima do lugar onde o atizador tinha quebrado. Ficou muito feliz por poder fazer isso, e até hoje não sabe se abrir um cofrinho é ou não passível de enforcamento.

O ÚLTIMO DESEJO

É claro que você, que pode ver que este é o décimo primeiro (e último) capítulo, sabe muito bem que o dia que este capítulo vai narrar deve ser o último no qual Cyril, Anthea, Robert e Jane terão a chance de conseguir qualquer coisa do psamíde, o duende da areia.

Contudo, as próprias crianças não sabiam disso. Elas estavam cheias de imaginações coloridas e, embora em outros dias tivessem achado extremamente difícil pensar em um desejo que fosse de fato agradável, seus cérebros agora estavam cheios das ideias mais bonitas e sensatas.

– Esse é sempre o jeito certo – foi o que Jane comentou depois.

Todo mundo levantou-se bem cedinho naquela manhã, e esses planos foram discutidos com esperança no jardim antes do café da manhã. A velha ideia de cem libras em moedas de dois xelins modernos ainda era a favorita, mas havia outras que os agradavam: a principal era a ideia do “pônei diário”. Esta tinha uma grande vantagem. Dava para desejar um pônei de manhã, cavalgar o dia todo nele, que desapareceria ao pôr do sol, e desejar que voltasse no dia seguinte. O que seria uma economia de bagunça e estábulo. Porém, no café da manhã, duas coisas aconteceram. Primeiro, chegou uma carta da mãe. Vovó estava melhor e mãe e pai esperavam estar em casa naquela mesma tarde. Gritos de viva foram dados. E, é claro, que as notícias afastaram de imediato todas as ideias de desejos que eles haviam tido antes do café da manhã, pois todos viram claramente que o desejo do dia deveria ser algo para agradar a mãe, e não para agradar a si mesmos.

– Eu me pergunto do que ela *gostaria* – ponderou Cyril.

– Ela gostaria que todos nós fôssemos bons – disse Jane, com primor.

– Sim, mas isso é chato demais – respondeu Cyril. – Além do mais, torço para que a gente consiga isso sem a ajuda de duendes. Não, deve ser algo esplêndido, que não poderíamos obter se não fosse por meio de um desejo.

– Cuidado – alertou Anthea. – Não se esqueça de ontem. Lembrese, conseguimos nossos desejos agora sempre que dizemos “eu desejo”. Não nos faça ficar com algo bobo, especialmente hoje.

– Certo – falou Cyril. – Você não precisa explicar.

Bem nesse momento Martha entrou com um jarro cheio de água quente para o bule, e um rosto cheio de importância para as crianças.

– É uma bênção estarmos todos vivos para tomar nosso café da manhã! – comentou ela de forma sombria.

– Por quê, o que aconteceu? – todos perguntaram.

– Ah, nada – respondeu Martha. – Parece só que ninguém está a salvo de ser assassinado na própria cama hoje em dia.

– Como assim?! – exclamou Jane quando um sentimento de horror desceu por suas costas e pernas e escapou pelos dedos dos pés. – Alguém foi morto na cama?

– Bem... não exatamente – respondeu Martha. – Mas pode acontecer. Beale acabou de me contar que têm aparecido ladrões na propriedade Peasmarsh Place, e eles pegaram cada um dos diamantes, joias e coisas de lady Chittenden. Ela está tendo um desmaio depois do outro, quase nem tem tempo de dizer “Ah, meus diamantes!” entre um e outro. E o lorde Chittenden foi para Londres.

– Lady Chittenden... – falou Anthea. – Nós a conhecemos. Ela usa um vestido vermelho e branco, não tem filhos e não suporta outras pessoas.

– Ela mesma – confirmou Martha. – Bem, ela depositou toda a sua confiança em riquezas, e você vê como isso lhe serviu. Dizem que os diamantes e as outras coisas valem milhares de libras. Havia um colar e uma corrente, o que quer que seja isso, e uma quantidade infinita de braceletes, uma tiara e muitos anéis. Mas deixem disso, eu não devo ficar de papo com tanta coisa para limpar antes da sua mãe chegar em casa.

– Não entendo por que ela deveria ter tantos diamantes – disse Anthea quando Martha se foi. – Ela era um pouco desagradável, penso eu. E a mamãe não tem diamantes e quase nenhuma joia, só

o colar de topázio e o anel de safira que o papai lhe deu quando estavam noivos, a estrela incrustada e o pequeno broche de pérola com o cabelo do bisavô; nada mais.

– Quando eu crescer, vou comprar um monte de diamantes para a mamãe – afirmou Robert – se ela quiser. Vou ganhar tanto dinheiro explorando a África que não vou saber o que fazer com ele.

– Não seria legal – disse Jane, sonhadora – se a mamãe pudesse encontrar todas essas coisas adoráveis, colares e correntes de diamantes e *tearras*?

– Ti-a-ras – falou Cyril.

– Ti-a-ras, então, e anéis e tudo o mais em seu quarto quando chegasse em casa? É um desejo meu que acontecesse isso.

Os outros a encararam aterrorizados.

– Bem, ela *vai encontrar* – disse Robert. – Você desejou, minha boa Jane, e nossa única chance agora é encontrar o psamíde. Se ele estiver de bom humor, pode retirar o desejo e nos dar outro. Se não... Bem, Deus sabe o que nos espera! A polícia, é claro, e... Não chore, boba! Nós vamos ficar ao seu lado. Papai diz que nunca precisamos ter medo se não fizermos nada de errado e sempre falarmos a verdade.

Porém Cyril e Anthea trocaram olhares sombrios. Eles se lembravam de quão convincente havia sido a verdade sobre o psamíde antes, quando contada à polícia.

Era um dia de infortúnios. É claro que o psamíde não estava em lugar nenhum. Nem as joias, muito embora cada uma das crianças tivesse procurado repetidamente pelo quarto da mãe.

– É claro – disse Robert –, *nós* não vamos conseguir achar nada. Vai ser a mamãe quem vai achar. Talvez ela pense que estão na casa há muitos e muitos anos e nunca vai saber que são coisas roubadas.

– Ah, sim! – desdenhou Cyril. – Então a mamãe vai ser uma receptora de bens roubados, e você sabe muito bem que *isso* é ainda pior.

Outra exaustiva busca na areia da mina não revelou o psamíde, então as crianças voltaram devagar para casa, tristes.

– Eu não me importo – afirmou Anthea, resoluta. – Vamos falar a verdade para a mamãe, e ela vai devolver as joias e resolver tudo.

– Acha mesmo? – indagou Cyril lentamente. – Você acha que ela vai acreditar na gente? Alguém poderia acreditar em um psamíde sem ter visto? Ela vai achar que estamos inventando. Ou então ela vai pensar que estamos enlouquecendo, e seremos mandados para o hospício. O que você acha disso? – ele se virou de repente para Jane, que estava bem triste. – O que acha de ser presa em uma gaiola de ferro com barras e paredes acolchoadas, e nada a fazer além de enfiar canudos no cabelo o dia todo, e ouvir os uivos e delírios dos outros maníacos? Pensem nisso, todos vocês. Não adianta contar à mamãe.

– Mas é a verdade – insistiu Jane.

– Claro que é, mas não é verdade o bastante para que os adultos acreditem – disse Anthea. – Cyril tem razão. Vamos colocar flores em todos os vasos e tentar não pensar em diamantes. Afinal, das outras vezes tudo acabou bem.

Eles encheram todos os vasos que puderam encontrar com flores – ásteres e zínias, e rosas vermelhas de folhas soltas da parede do estábulo, até a casa ter se tornado um perfeito caramanchão.

E quase logo depois de o almoço ter sido retirado, a mamãe chegou e foi abraçada por oito braços amorosos. Foi muito difícil, na verdade, não lhe contar sobre o psamíde imediatamente, porque eles tinham o hábito de contar tudo a ela. Mas conseguiram ficar calados neste caso. A mãe, por outro lado, tinha muito a contar aos filhos: a respeito da vovó, dos pombos da vovó, e do asno manso da tia Emma. Ela ficou muito satisfeita com as floreiras da casa; e tudo parecia tão natural e agradável, agora que ela tinha voltado, que as crianças quase acharam que o psamíde não passara de um sonho.

Quando, porém, a mãe foi até as escadas para subir para o seu quarto e tirar o chapéu, os oito braços a agarraram como se ela tivesse apenas dois filhos: sendo um o Cordeirinho e o outro, um polvo.

– Não suba, mamãe – pediu Anthea. – Deixe que eu leve suas coisas lá para cima para você.

– Ou eu levo – ofereceu-se Cyril.

– Queremos que você venha ver a roseira – disse Robert.

– Ah, não suba! – falou Jane, impotente.

– Que bobagem, queridos – respondeu a mãe vívida. – Ainda não sou tão velha a ponto de não poder tirar meu chapéu no lugar certo. Além do mais, quero lavar minhas mãos sujas.

Então subiu, e as crianças, seguindo-a, trocaram olhares sombrios.

A mãe tirou o chapéu – era um bem bonito, enfeitado com rosas brancas – e depois foi até a penteadeira para escovar seu lindo cabelo.

Na mesa entre o suporte de anéis e a almofada de alfinetes havia um estojo de couro verde. A mãe abriu.

– Ah, que adorável! – gritou ela. Era um anel com uma grande pérola circundada por diamantes muito brilhantes. – De onde veio isso? – perguntou mamãe, experimentando em seu dedo anelar, onde ele se encaixou lindamente. – Como isso veio parar aqui?

– Eu não sei – respondeu cada uma das crianças com sinceridade.

– O papai deve ter dito para Martha colocar aqui – falou mamãe. – Vou descer e perguntar a ela.

– Deixe-me ver – disse Anthea, que sabia que Martha não seria capaz de ver o anel.

Quando perguntaram à Martha, é claro que ela negou ter colocado o anel lá, assim como Eliza, e também a cozinheira.

A mãe voltou para o quarto, muito interessada e satisfeita com o anel. Mas, quando abriu a gaveta da penteadeira e encontrou um longo estojo contendo um colar de diamantes de valor quase inestimável, ficou mais interessada ainda, embora não tão satisfeita. No guarda-roupa, quando foi guardar o chapéu, encontrou uma tiara e diversos broches, e o restante das joias apareceu em várias partes da sala durante a meia hora seguinte. As crianças pareciam

cada vez mais desconfortáveis, e agora Jane tinha começado a fungar.

A mãe olhou para ela gravemente.

– Jane – começou ela –, estou certa de que você sabe algo a respeito disso. Pense antes de falar e me diga a verdade.

– Encontramos um ser mágico – disse Jane, obediente.

– Sem bobagens, por favor – repreendeu a mãe, brava.

– Não seja boba, Jane – interrompeu Cyril. Então ele prosseguiu, desesperado. – Olha, mamãe, nunca vimos essas coisas antes, mas a lady Chittenden, de Peasmarsh Place, perdeu todas as suas joias, que foram roubadas por ladrões na noite passada. Poderia ser isso?

Todos respiraram fundo. Eles estavam salvos.

– Mas como poderiam ter colocado aqui? E por que fariam isso? – perguntou a mãe, não sem razão. – Certamente teria sido mais fácil e seguro fugir com tudo, não?

– E se – começou Cyril – eles acharam que era melhor esperar por... Esperar pelo pôr do sol... Pelo cair da noite, quero dizer, antes de fugirem? Ninguém, além de nós, sabia que você voltaria para casa hoje.

– Devo chamar a polícia – falou a mãe, furiosa. – Ah, como eu queria que seu pai estivesse aqui, é o que mais desejo!

– Não seria melhor esperar ele *chegar*? – perguntou Robert, sabendo que o pai não estaria em casa antes do pôr do sol.

– Não, não. Eu não posso esperar um minuto com tudo isso na minha cabeça – gritou a mãe.

“Tudo isso” era o monte de caixas de joias na cama. Eles colocaram tudo no guarda-roupa, que a mãe trancou. Então ela chamou Martha.

– Martha, algum estranho esteve no *meu* quarto durante a minha ausência? Responda com sinceridade.

– Não, madame – respondeu Martha. – Pelo menos, quero dizer...
– Ela se interrompeu.

– Vamos – insistiu amavelmente a senhora –, sei que alguém veio aqui. Você deve me dizer de imediato. Não tenha medo. Tenho

certeza de que você não fez nada de errado.

Martha explodiu em soluços.

– Eu ia hoje mesmo te dar meu aviso, madame, para sair no fim do mês, ia mesmo... Pois vou fazer a felicidade de um jovem respeitável. Um homem que tem a profissão de guarda-caça, madame, e eu não te enganaria. Ele se chama Beale. E essa é a verdade. Foi sua vinda para casa com tanta pressa, e sem nenhum aviso prévio, da bondade do coração dele, como ele diz, “Martha, minha linda”, o que eu nunca fui, mas você sabe como os homens falam, “Eu não posso te ver trabalhando e labutando tanto assim sem dar uma ajuda, e tenho um braço forte, que está à sua disposição, Martha, minha querida”, ele falou. Então ele me ajudou com a limpeza das janelas, mas pelo lado de fora, madame, o tempo todo, e eu do lado de dentro. Que eu caia morta se não for essa a verdade.

– Você esteve com ele o tempo todo? – perguntou a senhora.

– Ele fora e eu dentro – afirmou Martha. – Exceto por pegar um balde fresco e o couro que aquela desmazelada da Eliza escondeu atrás do ferro.

– Isso é o bastante – disse a mãe das crianças. – Não estou feliz com você, Martha, mas você falou a verdade e isso conta para alguma coisa.

Quando Martha se foi, as crianças se agarraram à mãe.

– Ah, mamãe querida – gritou Anthea –, não é culpa do Beale, não é mesmo! Ele é muito querido; é verdadeiro e honrado e tão honesto quanto o dia. Não deixe a polícia levá-lo, mamãe! Ah, não deixe, não deixe, não deixe!

Era realmente horrível. Ali estava um homem inocente acusado de roubo por causa daquele desejo tolo de Jane, e era absolutamente inútil contar a verdade. Todos queriam, mas pensavam nos hospícios e nos gritos dos outros maníacos frenéticos, e não conseguiam contar.

– Tem alguma carroça por aí? – perguntou a mãe febrilmente. – Uma charrete de qualquer tipo? Preciso ir até Rochester e contar

imediatamente à polícia.

Todas as crianças choraram:

– Tem uma carroça na fazenda, mas, ah, não vá! Não vá! Ah, não vá! Espere o papai chegar!

A mãe não lhes deu a menor atenção. Quando ela botava algo na cabeça, não tinha como tirar; ela era bem parecida com Anthea nesse sentido.

– Olha aqui, Cyril – disse ela, prendendo no chapéu longos alfinetes de cabeça –, eu vou te deixar responsável. Fique no quarto. Você pode fingir estar nadando na banheira ou algo assim. Diga que dei permissão. Mas fique aí, com a porta de dentro aberta; eu tranquei a outra. E não deixe ninguém entrar no meu quarto. Lembre-se, ninguém sabe que as joias estão lá, exceto eu e vocês, e os ladrões que as colocaram lá. Robert, você fica no jardim e vigia as janelas. Se alguém tentar entrar, você deve correr e contar aos dois homens da fazenda que vou mandar ficarem de guarda na cozinha. Eu vou dizer a eles que existem pessoas perigosas por aí, e é a verdade. Agora, lembrem-se, confio em vocês dois. Mas eu não acho que eles vão tentar entrar aqui antes do escurecer, então vocês estão bem seguros. Adeus, queridos.

Ela trancou a porta do quarto e saiu com a chave no bolso.

As crianças não podiam deixar de admirar a maneira decidida e centrada como ela agira. Pensaram em como ela teria sido útil em organizar a fuga de alguns dos lugares em que eles foram parar em consequência de seus desejos inoportunos.

– Ela é uma líder nata – falou Cyril –, mas eu não sei o que vai acontecer com a gente. Mesmo que as garotas fossem caçar aquele psamíde idiota e o encontrassem, e conseguissem que ele fizesse as joias sumirem, mamãe só pensaria que não cuidamos bem e deixamos os ladrões entrarem sorratamente, ou então a polícia pensaria que *nós estamos* com elas, ou que ela os está enganando. Ah, desta vez fizemos uma bagunça bem horrível, podem ter certeza!

Cyril fez um barquinho de papel e ficou brincando com ele na banheira, como a mãe lhe havia pedido para fazer.

Robert foi para o jardim e sentou-se na pisoteada grama amarela, com a cabeça infeliz apoiada nas mãos impotentes.

Anthea e Jane ficaram cochichando juntas no corredor do andar térreo da casa, onde ficava a passadeira de fibra de coqueiro que tinha um buraco no qual pessoas descuidadas sempre prendiam o pé. A voz de Martha podia ser ouvida da cozinha: um resmungo alto e longo.

– É simplesmente horrível – falou Anthea. – Como você sabe se todos os diamantes estão lá também? Se não estiverem, a polícia pensará que mamãe e papai os pegaram e que eles só desistiram de algumas peças para esconder a verdade. Eles vão parar na prisão, e seremos vistos como párias, filhos de criminosos. E também não será nada bom para o papai e para a mamãe – acrescentou, com uma tardia reflexão sincera.

– Mas o que *nós* podemos fazer? – perguntou Jane.

– Nada, a não ser procurar o psamíde de novo. Está um dia muito quente. Ele pode ter saído para aquecer aquele bigodinho dele.

– Ele não vai conceder mais nenhum desejo idiota hoje – disse Jane categoricamente. – Ele fica mais bravo a cada vez que o vemos. Acho que ele odeia ter de conceder desejos.

Anthea estava sacudindo a cabeça com tristeza. Então parou tão de repente de sacudi-la que parecia que ela estava sentindo um formigamento nas orelhas.

– O que foi? – indagou Jane. – Ah, você pensou em algo?

– Nossa única chance – gritou Anthea de forma dramática. – Nosso último fio de esperança. Venha.

Com um passo apressado, ela foi na frente em direção à mina. Ah, que alegria! Lá estava o psamíde, aquecendo-se em uma cavidade de areia dourada e alisando os bigodinhos com alegria no sol da tarde brilhante. No momento em que as viu, virou e começou a escavar; era evidente que preferia a própria companhia à delas. Mas Anthea foi muito rápida. Ela o pegou pelos ombros peludos com delicadeza, mas firme, e o segurou.

– Epa, nada disso! – exclamou o psamíde. – Pode me soltar?

Mas Anthea continuou segurando.

– Querido e bondoso psamíde – disse ela ofegante.

– Ah, sim, muito bem – disse ele. – Acho que vocês querem outro desejo. Mas eu não posso ficar trabalhando de manhã até de noite, concedendo às pessoas seus desejos. Eu preciso ter *algum* tempo para mim.

– Você odeia conceder desejos? – perguntou Anthea com gentileza, e sua voz tremeu de empolgação.

– Claro que odeio – respondeu ele. – Me solte ou eu vou te morder! Vou mesmo. Estou falando sério. Ah, bem, se querem arriscar...

Anthea arriscou e o manteve firme.

– Olha – começou ela –, não me morda, escute a voz da razão. Se você fizer o que nós queremos hoje, nunca mais vamos querer realizar outro desejo enquanto vivermos.

O psamíde ficou muito tocado.

– Eu faço qualquer coisa – disse ele com uma voz embargada pelas lágrimas. – Eu quase explodiria para conceder a vocês vários desejos hoje, o máximo que aguentar, se ao menos vocês nunca, nunca, nunca mais me pedissem para fazer isso. Se soubessem como odeio inchar por causa dos desejos de outras pessoas, e como estou sempre assustado, temendo que vá distender um músculo ou algo assim. E acordar todas as manhãs sabendo que eu *tenho* de fazer isso. Vocês não sabem o que é isso, não sabem mesmo! – A voz dele cedeu com a emoção, e as últimas palavras saíram quase em um ganido.

Anthea o baixou com gentileza na areia.

– Está tudo acabado agora – ela disse de forma suave. – Prometemos solenemente nunca trazer nenhum outro desejo depois de hoje.

– Bem, prossiga – falou o psamíde. – Vamos acabar logo com isso.

– Quantos você pode fazer?

– Eu não sei... tantos quanto eu aguentar.

– Bem, primeiro, desejo que a lady Chittenden descubra que nunca perdeu suas joias.

O psamíde inchou, caiu, e disse:

– Concedido.

– Desejo – continuou Anthea, mais devagar – que a mamãe não vá até a polícia.

– Concedido – repetiu a criatura depois de um intervalo.

– Desejo – falou Jane de repente – que a mamãe esqueça tudo a respeito dos diamantes.

– Concedido – repetiu o psamíde; mas sua voz estava mais fraca.

– Você gostaria de descansar um pouco? – perguntou Anthea, preocupada.

– Sim, por favor – pediu o psamíde. – E, antes de continuarmos, será que podem desejar algo para mim?

– Você não pode conceder desejos para si mesmo?

– Claro que não. Sempre foi esperado que nós déssemos nossos desejos para os outros, não que tivéssemos algum na antiga era dos megatérios. Desejem, por favor, que vocês nunca mais sejam capazes de dizer a alguém uma palavra sequer sobre *mim*.

– Por quê? – perguntou Jane.

– Você não entende? Porque, se contassem aos adultos, eu nunca mais teria paz. Eles iriam me capturar e não iriam desejar coisas bobas como vocês, mas coisas sérias, reais; e os cientistas muito provavelmente procurariam alguma forma de fazer as coisas durarem além do pôr do sol; e eles cobrariam imposto de renda, aposentadoria, sufrágio, educação secundária gratuita e outras coisas chatas; e iriam querer mantê-las, e o mundo todo viraria de cabeça para baixo. Desejem isso! Rápido!

Anthea repetiu o desejo do psamíde, ele inchou até ficar de um tamanho maior do que elas já o tinham visto atingir.

– E agora – disse ele quando diminuiu de novo –, posso fazer mais alguma coisa por vocês?

– Só mais uma, e acho que isso resolve tudo, não é, Jane? Desejo que Martha esqueça o anel de diamante e que mamãe esqueça a

respeito do guarda-caça limpando a janela.

– É como em *Um gênio entrou lá em casa*⁸ – comentou Jane.

– Sim, fico feliz que lemos esse livro ou eu nunca teria pensado nisso.

– Agora – disse o psamide fraquinho – estou quase esgotado. Tem mais alguma coisa?

– Não, apenas obrigada por todas as coisas gentis que você fez pra gente, e espero que você durma bem, e espero que nos vejamos de novo algum dia.

– Isso é um desejo? – perguntou ele com uma voz baixinha.

– Sim, por favor – as duas garotas falaram ao mesmo tempo.

Então, pela última vez na história, elas viram o psamide inchar e murchar de repente. Ele assentiu para elas, piscou os longos olhos de caracol, enterrou-se e desapareceu, cavando ferozmente até a areia cobri-lo.

– Será que fizemos o certo? – questionou Jane.

– Tenho certeza de que sim – disse Anthea. – Vamos para casa contar aos garotos.

Anthea encontrou Cyril soturno com seus barcos de papel e contou a ele. Jane contou a Robert. As duas histórias terminaram assim que a mãe entrou, com calor e empoeirada. Ela explicou que, quando estava sendo levada a Rochester para comprar os vestidos escolares de outono das meninas, o eixo da carruagem quebrara e, não fossem a estreiteza da via e as sebes altas e macias, ela teria sido arremessada para fora da carroça. Assim, ela não se feriu, mas teve de voltar a pé para casa.

– E, ah, meus queridinhos – disse ela –, estou morrendo de vontade de tomar uma xícara de chá! Vão aquecer a chaleira!

– Veja, está tudo bem – sussurrou Jane. – Ela não se lembra.

– Nem a Martha – completou Anthea, que tinha sido incumbida de conferir o estado da chaleira.

Conforme os criados se sentaram para tomar seu chá, Beale, o guarda-caça, chegou. Ele trouxe a notícia bem-vinda de que os

diamantes de lady Chittenden não tinham sido perdidos. Lorde Chittenden mandou que fossem polidos e limpos, e a camareira que sabia disso tinha saído de férias. Então estava tudo bem.

– Eu me pergunto se voltaremos a ver o psamíde – comentou Jane melancólica durante uma caminhada pelo jardim, enquanto a mãe colocava o Cordeirinho na cama.

– Tenho certeza de que sim – replicou Cyril –, se você desejou isso.

– Prometemos nunca querer realizar outro desejo – avisou Anthea.

– Eu não quero mesmo – falou Robert com honestidade.

Eles viram o psamíde de novo, é claro, mas não nesta história. E ele não estava em uma mina, mas em um lugar muito, muito diferente. Foi em um... Mas não vou contar mais nada.